O Jardim Dourado

LUCAS PINTO

Copyright © Lucas Pinto, 2026. Todos os direitos reservados.

É permitida a distribuição e compartilhamento desta obra, integral ou parcialmente, desde que:

- não haja finalidade comercial;
- a autoria seja devidamente atribuída;
- o conteúdo não seja alterado de forma a deturpar seu significado.

É vedada a comercialização desta obra sem autorização expressa do autor.

Contato: o_lucaspinto@hotmail.com

Título: O Jardim Dourado
Autor: Lucas Pinto
Revisor: Jonatan Martins (meu eterno amigo)
1ª edição – 2026
Publicado de forma independente.

Dedicatória

Diferente de como faz a maioria dos autores que dedicam seus livros à mãe, à esposa ou aos filhos, farei diferente — embora eu não tenha os dois últimos.

Irei dedicar este livro ao Jonatan Martins e ao Luiz Ferraz. Duas pessoas que entraram na minha vida e a transformaram. Ambos participaram de momentos terríveis da minha vida, ambos foram — o primeiro ainda é, pelo menos, no momento que escrevo esta dedicatória — receptáculos das minhas frustrações.

Nos momentos terríveis que vivenciei e ainda vivencio, os dois falaram sobre a impermanência das coisas. Conversando com o monge Ferraz, desabafando sobre pessoas más, ele me fez várias indagações:

"Sobre 'os maus que se sobrepõem aos bons'. Não querendo ser chato, mas se sobrepõem? E, se sim, se sobrepõem em quê? Em que situação? Se sobrepõem em tudo ou só em algumas coisas? Só em alguns momentos?

E o que é ser má? Esse ser que é mau é mau mesmo ou foram causas e condições que o levaram ao mal?

E o bom? É sempre bom? Em todos os momentos até em cenários que o force a não ser bom?

Inclusive, o que é esse mau e esse bem?"

Respondi-lhe, quando não precisava de resposta.

"Não, não é para me responder, é para entender o método. Não repouse a mente, não cultive dukkha, o engano.

Entenda que todo fenômeno, inclusive, o mal e o bem, surge de acordo com suas causas e condições, e sendo fenômenos, são também vazios, sujeitos à impermanência."

O Sr. Ferraz me escreveu esse texto após eu desabafar sobre a turbulência que eu estava vivendo na minha nova vida em uma nova cidade.

Jonatan não saiu ileso de toda essa turbulência. Entretanto, ele querendo me conduzir a um novo ciclo, tive um embate com um colega. Eu querendo remediar essa situação com essa pessoa, Jonatan me disse: *"Lucas, esse trem já passou"*. Selando qualquer forma de reconciliação.

Seguindo os ensinamentos de nossa doutrina, tentando seguir todo conselho e ensinamentos que eles queriam me passar sobre a impermanência das coisas, sobre o apego, entrei em contato com um antigo amigo de infância.

Essa amizade foi encerrada por um evento muito triste. Esse amigo se tornou outra pessoa, não era o mesmo, eu não era. Apoiou-me, aconselhou-me, ajudou-me quando precisava. Victor Hugo Ferraz, dedico este livro a você também, bem como à sua esposa, Karina Carvalho, uma mulher maravilhosa.

Por mais que relacionamentos se façam e desfaçam, ou se refaçam, ou se desfaçam novamente, tudo é impermanente, como nossa própria existência; como a bela árvore que está há séculos crescendo no fundo da cachoeira que muitos utilizam para caminhar, chegará um dia ao seu fim!

Obrigado, Jonatan, e obrigado, Sr. Ferraz, vocês me salvaram quando eu só queria desistir da minha vida.

Obrigado a todos aqueles que estiveram comigo, ajudando-me de alguma forma nessa nova jornada da minha vida e que não mencionei aqui!

Alice, obrigado!

Jonicio Alves da Costa
(Campista)
25/04/1952 † 22/05/2026

Hoje, dia 22/05/2026, às 16:11, por meio da minha vizinha, recebi a notícia mais triste da minha vida. O sr. Jonicio, o campista, meu senhorio, faleceu.

Quando eu me mudei para São João de Meriti, a primeira pessoa com quem falei, juntamente com meu pai, foi o senhor campista, pedindo informação, era um domingo.

Um mês depois, conversando com Adriana, precisando de uma nova casa para me mudar, fui apresentado a gentil Dona Nelma. Ela me disse que tinha uma casa, iria conversar com seu marido. O seu marido era o Sr. Jonicio..., conversamos sobre isso, dizendo *como são as coisas*.

Quando Elisângela me deu a notícia, a minha cabeça começou a doer. Ontem mesmo, estava conversando com ele, ele me contando que o óleo de seu carro estava vazando. Ele estava tão cheio de vida, tão forte.

Como trabalho em um hospital, inevitavelmente, nos tornamos insensíveis. Convivemos com a morte, todo dia alguém morre: velho, jovem, criança. A morte para nós, não

é nada mais que um dia. Por mais terrível que seja, ou mais natural, seguimos em frente.

Um dia, trabalhando normalmente, vi uma mãe chorando abraçada com sua filha. Vi nela um sofrimento que não vi em mais ninguém, questionei-me: *"caso eu morra, minha mãe sofrerá tanto quanto essa mãe?"*.

Na primeira oportunidade, fui fumar. Eu criei o costume de olhar para o céu quando me sinto perdido, angustiado, pois o céu mostra o quão pequenos somos, nossos problemas são, nossas dores são, perante o universo. Dessa vez, não consegui, fiquei fumando olhando para o chão, tentando assimilar toda essa situação.

O meu dia no trabalho foi terrível, só queria sumir. Chegando em casa, Elisângela me contou que o Sr. Heleno tinha falecido no mesmo dia. Não acreditei, não achei possível.

Lembro da primeira vez que fui à mercearia e bar dele. Perguntei se podia levar uma coca-cola retornável, depois devolveria a casca. Ele me olhou com desconfiança, mas permitiu. Depois da terceira vez indo lá, bebendo uma cerveja, contando a minha história, de onde eu vinha, o que estava fazendo, ele me mostrou o ser-humano mais peculiar deste mundo.

Você não iria querer dever nada para este homem, pois ele não se esqueceria! Não iria te cobrar, mas caso você estivesse conversando com ele e um devedor passasse, iria falar como ele é um desgraçado que perde sua dignidade por meros 10 reais! Bem, pelo menos, sempre quando eu estava com ele e passava alguém que o devia, amaldiçoava a pessoa e me contava a história, não sei se fazia isso com outros. Um dos motivos de eu ter medo de dever qualquer coisa para ele!

O senhor Campista contou para mim a história do Sr. Heleno, depois que contei essas situações divertidas.

Desejo à família de ambos meus pêsames. Saibam, por mais que a existência física de ambos tenha se ido nesse dia, eles estarão vivos em mim enquanto eu viver.

Eu chorei pela morte de ambos!

“O som leve do trovão, o céu escuro, talvez a chuva não cesse. Ainda assim, lembrar-se-á de mim?”

Introdução

Lívia, embaixo do edredom, está chorando lágrimas sem fim, curando-se das profundas cintadas que seu pai lhe deu a uma semana atrás. Por mais que a dor já tenha passado, seu coração ainda está machucado, por uma dor maior que a da carne. O celular não para de piscar das notificações que recebe. Tantas palavras que lhe criam o desejo de desaparecer, de ter sua existência nesta terra esquecida, de morrer..., mas para tirar sua vida tem que ter coragem, coragem que não tem, como não tem de fugir, para fugir disso tudo. Enquanto chora com seu rosto afundado no travesseiro, uma memória vem à mente de quando era criança e sua avó ainda estava viva.

Querendo sair de casa, escapar do olhar de desprezo do seu pai e de tristeza da sua mãe; veste uma calça jeans, um moletom, pegando sua carteira logo em seguida que estava no criado-mudo. Pensou em se olhar no espelho, mas não teve coragem; não tinha coragem de olhar sua própria imagem, imagem que causou tudo isso. Com muito cuidado, o mesmo cuidado que teve para se preparar para sair e não alertar sua mãe, teve também para se retirar, que não foi pela porta da frente, e sim, pela janela do quarto. Abriu as janelas, sua mãe está ouvindo um louvor, isso ajudou a abafar o ranger das porcas da janela que já estão muito envelhecidas e enverrugadas. Cuidadosamente, mas com agilidade, abre a janela e pula indo para o portão.

Com o capuz puxado para baixo para ninguém ver seu rosto, um rosto pálido e com olheiras terríveis, vai para o ponto de ônibus que fica a três quarteirões de sua casa. São cinco da tarde. Sabe que terá um ônibus às cinco e meia para lá. E assim, com o rosto baixo, quase esbarrando nas pessoas por não as vê-las, e ao esbarrar em uma, não pediu desculpas, só adiantou os passos para frente, não deixando de receber um praquejo de um homem que atingiu, foi par o ponto de ônibus. Só pensa em chegar no parque, parque no qual só existem memórias doces de um passado que quer voltar a viver, escapando deste inferno que ela está vivendo no momento.

Lívia é uma adolescente bonita, não tanto nesses dias, que não toma banho, não pega sol, que mal come. Seu cabelo é castanho, cor de caramelo, que fica dourado quando reflete o sol; seus lábios são finos e rosados, tão finos que se os comparar com a largura de uma caneta, ficariam completamente escondidos; seus olhos são de um castanho claro, tão brilhantes que fariam qualquer pessoa de olhos azuis ou verdes, sentirem uma profunda inveja. Tem um metro e sessenta e cinco, tem belas curvas, só que não é tão magra — sua massa corporal, modela seu corpo como se fosse uma onda que quebra a tranquilidade do oceano.

No furor de sua fuga, sua mente se esvaziou. Agora, mais calma, os pensamentos do que está vivendo surgem para atormentá-la, e para impedi-los, se recorda das lembranças de quando era criança com sua avó a vendo entre as árvores de ipês-amarelos; brincando com a bola, se escondendo no meio das árvores para assustá-la, colhendo as pétalas douradas caídas do outono, o que não ajudou muito. A angústia em seu coração a cada passo, a cada pensamento que tinha que tentava fazer desfazer, voltava para atormentá-la. Decidiu se concentrar nos seus passos, na calçada rachada, nos sons dos carros, caminhões, ônibus, como também nas vozes dos pedestres. Isso de alguma maneira a ajudou e, assim, foi para o ponto de ônibus.

Ao chegar ao seu destino, senta-se na extremidade do banco, com as mãos dentro do bolso e cabeça baixa — como estava o caminho todo. Uma velhinha, fumando, a olha e a cumprimenta dizendo *"oi, querida!"* com a voz grave, roca de fumante. Lívia não querendo ser rude, mas também não querendo conversar, só a olhou e acenou com a cabeça. O cheiro do cigarro não incomoda Lívia, na verdade, a ajuda a dispersar alguns pensamentos, questionando o porquê de as pessoas fumarem. *"Não deve ser bom"*, pensou, *"cheira mal",* olha para a mão direita da velha que ela segura o cigarro, *"e suja os dedos também"*. Tentou encontrar o motivo, então lembrou-se de seu pai que bebe e concluiu que isso é algo que ela jamais poderia entender, pois para

isso teria que vivenciar essas práticas, e não quer isso para sua vida.

Para infelicidade de Livia, dois colegas de sua escola aparecem no ponto de ônibus. Lívia sabe quem é pela voz: Ricardo e Thiago. Estão ambos na beirada da calçada, Thiago fumando com o celular na mão. Lívia não tem coragem de olhar para eles, na verdade, deixa sua cabeça mais baixa ainda. Chegou ao ponto de segurar sua respiração durante alguns segundos por medo deles poderem ouvir — está irregular — e identificá-la. Algo de sua cabeça, no entanto, não sem fundamento. Seu coração está batendo mais rápido, nem pensar consegue, nem desejar que o ônibus chegue consegue. Está paralisada, olhando para o chão, um olhar estático, ouvindo tudo por mais que não quisesse.

— Que piranha, salvei tudo — disse Thiago divertido.

É sobre Lívia que eles estão falando, fazendo ela tremer.

— Sim, mamilos rosadinhos, se não existisse porno, até bateria uma para ela — disse Ricardo rindo em seguida...

Os olhos de Lívia começaram a ficar marejados e uma lágrima cai do seu rosto, lágrima que ela limpa antes que possa chamar atenção da senhora que está ao seu lado. Tudo que ela pensava naquelas noites sem fim, se

questionando como as coisas estavam indo sem ela por perto, momentos de alívio que sentia achando que tudo tinha passado; acreditando que seu distanciamento da vida escolar resolveria tudo, porém estava enganada. Agora percebe a verdade e, não sabendo o que fazer, decidiu seguir em frente, do contrário, teria que voltar para casa, algo que não quer fazer agora.

O ônibus chega, Lívia espera os garotos entrarem. Queria ficar, deixá-los ir e pegar outro ônibus, só que neste horário e sendo sábado, não teria outro ônibus tão cedo, sendo que o próximo já estaria no horário do parque fechar. Caso quisesse pegar outro ônibus, teria que fazer baldeação, que seria exaustivo, por ser uma linha popular, ficando muito cheio. Decidi pegar o ônibus, não tendo escolha, não tem tempo para encontrar outra solução. Não tendo coragem de olhar para os rostos dos meninos, olha somente para os pés deles. Se guia mais pela voz e por eles serem os únicos adolescentes em direção ao ônibus. Eles entram primeiro, ela vai atrás da senhora que a cumprimentou, é grande e gorda, poderá seguir atrás dela se escondendo na sua extensão corporal que é grande. Mesmo que a senhora pague de maneira lenta, Lívia é mais ágil e rápida. Abre sua carteira, tem quatro e cinquenta trocado, a quantia exata da passagem. Dito e feito, a senhora de maneira lenta pagou, trocou algumas palavras com o motorista e entrou, Lívia foi em seguida e conseguiu se sentar em um local em que os dois não notariam sua presença. Apesar de saber que os

dois se sentariam no fundo, de forma alguma, depois do que eles disseram, queria que soubessem que ela está no mesmo ônibus que eles. Por mais que desejasse ignorar os dois, não consegue, consegue ouvir as vozes deles, como também seus risos que são lâminas que a cortam, pois acha que estão falando sobre ela, zombando enquanto... Os conhecendo, como conhece os colegas de sua escola, eles devem ir para o *shopping*, visto que o ônibus passa na rua. Como imaginava, ao chegarem no shopping, eles apertam o botão de parada e descem. Agora, somente agora, Lívia consegue respirar como mágica, toda preocupação se dissipou de sua mente. Está exausta, toda distância até o shopping foi uma provação mental para Lívia. Podendo descansar, deitou sua cabeça na janela e, sem querer, dormiu profundmente ao fechar os olhos.

O ônibus faz uma parada abrupta, acordando Lívia. Ela limpa a baba dos lábios de maneira automática, não sabe onde está, olha para os lados, percebe que está na sua parada.

Desceu do ônibus aliviada, se não acordasse, não tem a mínima ideia em que lugar estaria. Por mais que seja de São Paulo, tem lugares que jamais foi, e nesses que não sabe como é o pessoal, nesses tempos de insegurança, não se pode dar ao luxo de se aventurar a lugares desconhecidos. Por ser quase sete horas e faltando uma hora para fechar, o movimento do parque está mais brando, não tem tanta

gente, isso a deixa aliviada. No Parque, na entrada da bilheteria, esperando que o primeiro passo que desse ao entrar, fizesse como mágica tudo que estava vivenciando desaparecesse. O que não aconteceu, é a mesma garota que a uma semana atrás estava presa dentro do quarto, só que agora, do lado de fora. Mas, apesar disso, está melhor. Não tem rostos familiares, vê pais tirando fotos com os filhos, casais enamorados, homens velhos solitários sentados no banco observando as petálas de ipês-amarelos — as poucas que ainda está penduradas no galho —, crianças brincando com as pétalas e as mães chamando para irem embora, amigas tirando fotos para postar nas redes sociais. Quer ficar sozinha, não quer estar perto de ninguém, então decidiu ir para o lago, onde não tem ninguém.

Olha para o lago, não se sente tão destruída como estava em seu quarto sozinha, só que também não veio os sentimentos das memórias que lhe surgiu e que a fez ir para o parque. As pétalas sobre o lago, a brisa fresca batendo em seu rosto, a faz pensar em se afundar no lago e não subir nunca mais. Sentada com os braços agarrados nas pernas, seu capuz está fora da cabeça, fazendo seu cabelo castanho se balançar com o vento: ouve três "pluff". Levanta a cabeça e tem um garoto bem do seu lado de cabelos negros jogados para frente e de olhos azuis claros; está de camisa social, bermuta beje e sapato social com solado grosso marrom. Seu semblante não diz muito, fica olhando para o lago com um olhar triste, mexendo as pedrinhas que tem na mão.

Taca novamente a pedra como se Lívia não estivesse ali, isso chamou sua atenção, ele está literalmente a dois passos de distância dela, agindo como se ela não soubesse que ele estivesse ali.

"Esse é um novo tipo de tática por acaso" questionou Lívia, achando que ele queria chamar sua atenção. Ele pegou e tacou novamente a pedra, Lívia olhou para o lago no exato momento que tacou: a pedrinha quicou sete vezes sobre a superfície, tirando um sorriso dele. Normalmente, Lívia sairia de perto, como qualquer outra pessoa normal incomodada com a situação, mas por algum motivo, isso não a incomodou, não pensou em nada, só perguntou sem pensar:

— Por que está tocando essas pedrinhas? — com uma voz baixa e frágil, até mesmo vacilante. Faz tempo que Lívia não fala com alguém até mesmo com seus pais.

Ele olha para ela e sorri como se o pensamento que Livia teve momentos atrás antes de falar com ele tivesse sido certeiro. Lívia não se levantou, mas também, não dirigiu seu olhar para outro lugar, pois os olhos azuis daquele menino que apesar de estar já no entardecer, brilham para ela como se o sol estivesse no seu maior ponto de luminescência.

— Quero bater meu recorde — respondeu voltando seus olhos nas pedrinhas que tem na mão, perdendo o brilho que Lívia tinha visto antes. Se posicionou de novo e jogou. Seu braço parece um chicote: Droga!!! Quase consegui — disse olhando para ela e sorrindo. E você, o que está fazendo aqui, e não no gazebo? — perguntou se sentando ao seu lado sem cerimônia nenhuma.

— Queria ficar sozinha — responde voltando seu olhar para o lago. Por algum motivo, o menino não a incomoda.

— Então acho que estou te atrapalhando — observou divertido, sem fazer menção de se levantar, esperando o que ela iria responder.

— Tudo bem, você é legal — disse Lívia sem pensar, soltando sua primeira impressão mal o conhecendo.

— Saiba que não sou um homem fácil de conquistar— ao dizer isso Lívia faz uma careta confusa.

— E por que você acha que quero te conquistar? — perguntou curiosa.

— Conquistar minha amizade! Você tem uma mente maliciosa menina — disse divertido.

— Você que parece todo espertalhão — disse, voltando agora seus olhos para o lago, apoiando sua cabeça novamente no braço, escondendo seu sorriso divertido.

O menino fica em silêncio do seu lado, espera ele falar alguma coisa, mas não diz nada. Vira seu rosto para ele, está olhando de maneira triste para o lago, como se estivesse vendo outra coisa, coisa que ela não conseguia ver.

Se fosse em outra situação, Lívia terminaria a conversa aí, visto que teria segundas intenções em tais palavras; intenções, coisas, que a levaram para o que está vivendo agora. Só que com esse garoto, que ela não sabe o nome, não sente isso, na verdade, ela não consegue designar que tipo de menino ele é, não que ela fosse boa com isso. Então queria saber até onde isso a levaria. Lívia queria conversar com alguém, se sentir uma adolescente normal novamente.

— O que eu teria que fazer para conquistar sua amizade?

— Nunca deixar de me ver, apenas isso — respondeu olhando para ela, sério, mas seu olhar, seu olhar para ela, parecia um aconchego para alma, apesar de triste.

— E o que eu ganharia com isso? — perguntou, agora cruzando as pernas em lótus, colocando sua mão no meio, as protegendo do vento frio.

— Eu sempre estarei aqui por você. Eu acho justo. Esse parque será o nosso refúgio.

Por algum motivo, conversando com esse garoto esquisito, Lívia não consegue sentir maldade. Ele deve ter sua idade, não é como os outros garotos que se aproxima dela sendo legais esperando conseguir algo dela, esperando conquistar algo ganhando sua confiança. Por mais que pelo que esteja passando tenha sido criado por um que achou...

— Vamos fazer um acordo então — se levantou Lívia com um sorriso no rosto e uma empolgação que achou que tinha perdido. Prometo nunca deixar de te ver, em troca, você sempre estará aqui por mim — estendendo sua mão.

O garoto se levanta incrédulo, só que animado.

— Fechado! — disse sorridente e apertando a mão de Lívia.

Os dois começaram a rir e brincar com a situação, estão agindo como crianças.

— Não sei seu nome — observou Livia. Um pacto eterno, tem que ser selado com o nome, não concorda? — questionou sorridente.

— Meu nome (abaixa a cabeça um pouco constrangido), não é só um nome — disse sem graça.

— Anda, fala logo! — disse Lívia, ansiosa querendo saber ainda mais.

— Tá bom...! — suspira se dando por vencido. Meu nome é Alexey Osório Joaquim Alfonse de Fonseca.

Lívia começa a rir descontroladamente, o deixando desconfortável.

— Eu sabia que você iria rir — disse Alexey com um sorriso sem graça.

— Calma! — segurando o estômago de tanto rir com uma mão na barriga e outra estendida para Alexey pedindo para esperar. Uffa!!! — se ergue. Por que me deu seu nome completo? Não falou só o primeiro? E por que de tantos nomes?! — questionou incrédula e curiosa, nem tem sonoridade ao pronunciar todos juntos, como Maria Clara, João Vitor etc.

— Ah! Você veio com esse papo de pacto, acordo, achei que tinha que falar inteiro — respondeu divertido.

— Agora não sei por qual te chamar... Alexey, Alfonse...

— O bom de ter mais de um nome é que você pode escolher um.

— Então vai ser Alfonse! Acho um nome bonito — disse divertida. Me chamo Lívia, prazer Alfonse — entende a mão novamente Lívia.

Os dois apertaram e Lívia perguntou novamente o porquê de tantos nomes. Alfonse contou pela história que soube por parentes, seu pai não queria ter mais de um filho, então deu todos os nomes que queria.

— E sua mãe concordou? — perguntou caminhando para o gazebo.

O parque já está escuro, chegando perto das 20:00.

— Normalmente é o pai que registra, então, ela não teve muita escolha — respondeu tristemente. Minha mãe queria me dar o nome de Arthur, como da história, meu pai nem para colocar — disse entrando no gazebo e observando os galhos de ipês-amarelos secos.

Lívia, não tinha mais o que dizer. O clima mudou, como o dia, que era de tarde e virou noite. Ela sabe que já é hora de ir, só que não quer deixá-lo. Agora, o acordo que tinham feito, o pacto, parece que iria desaparecer ao se despedirem. Se lembrou do seu celular, só que não está com ela, e mesmo que estivesse, não iria querer abri-lo.

— Já está tarde Lívia, você tem que ir para casa. À noite é um período perigoso para as mulheres — disse docilmente Alfonse.

— Anote meu número para nós encontrarmos novamente — pediu, não querendo perdê-lo.

— Eu não tenho celular, sou um homem das cavernas — disse. Mas irei cumprir nosso acordo, prometo. Ao vir aqui, estarei aqui te esperando.

— Você promete? — perguntou com um medo que repentinamente tomou seu coração, como se ele fosse um sonho e acordaria assim que chegasse em casa.

— Por tudo neste mundo.

Se despediram, sem abraços, sem apertos de mãos. Lívia, perguntou se ele iria com ela até o caminho de casa, até se separassem indo para suas, Alfonse respondeu que ia ficar um pouco mais. Lívia concordou e se foi, no caminho, percebeu que ele não quis seu número, porque talvez não quisesse mais lhe ver. Pensou que talvez aquele encontro, seria como aquelas ocasiões que você encontra uma pessoa incrível e nunca mais a vê, e caso veja, não será a mesma pessoa. Por mais que ela tenha somente quinze anos, ela já viveu isso, não como algo romântico, e sim, algo do cotidiano que todo mundo vivenciou em alguma momento.

Dentro do ônibus, indo para sua casa, tentou se desfazer dos pensamentos que passa pela sua cabeça sobre Alfonse, *"talvez seja coisa da minha cabeça, não ando pensando coisas boas... ele..., ele talvez esteja amanhã. Só que domingo ele deve passar com a família...! A mãe dele deve ser uma mulher incrível, não irá querer passar o domingo com uma desconhecida."* Esses pensamentos como diversos outros passaram pela cabeça de Lívia que a fez esquecer de que o parque não abre no domingo. Lívia ao se aproximar de sua casa, o temor de ter saído sem ninguém saber e ao darem por sua falta... não consegue imaginar o que seu pai lhe fará, o que enche seu coração de preocupação. Não sabe o que esperar. Não irá entrar pela porta da frente, não tem como. *"Talvez, eles não tenham entrado no meu quarto.", "Minha mãe só me trás a janta e não ando comendo ultimamente"* pensou, tentando se consolar. Só que não importa quantas situações construía dentro de sua cabeça ao descer do ônibus e se aproximar de sua casa, tudo se desfez.

Vê as luzes da sala acesa, não sabe se seu pai está em casa. Decidi entrar pela janela, decidi entrar como saiu. Abriu o portão lentamente, esperando que não fizesse barulho, apesar de ter sido de maneira lenta, o portão fez um rinchar que abalou seu coração, que a fez tremer, no entanto, não podia pensar muito. Foi direto para a janela do quarto que

está aberta, com a cortinas fechadas, como ela tinha deixado.

Ao pular a janela, Lívia tropeça e cai sobre a cama. O coração de Lívia para! Só que não deu tempo de se acalmar, fechar as janelas e entrar no edredom. O pai de Lívia abre a porta instantaneamente com uma vara de marmelo na mão, o rosto dele está pálido.

— QUANTA DOR VOCÊ QUER ME FAZER PASSAR LÍVIA?! — pergunta berrando com os olhos vermelhos, marejados, que não caem nenhuma lágrima... Você não sabe o quanto estou sofrendo!!!

— Não é só você pai, eu também, eu... — respondendo com voz trémula Lívia.

Lívia com os olhos cheios de lágrimas, mas seu pai não permitiu que ela terminasse de falar, começou a bater nela com a vara. Apesar de estar de jeans e moletom a dor é insuportável. Não foi como na primeira vez que bateu nela de sinta, cada varada que recebe sente que um parte dela está sendo rasgada; grita, implora para ele parar, chama sua mãe, que vê tudo encostada n porta com a mão agarrada ao peito, chorando impotente. Depois que seu ex-namorado vazou as fotos, não foi parar somente no grupo da escola, professores, também chegou no seu ciclo familiar, que foi parar também no local de trabalho do seu pai. Na primeira

vez lhe deu uma surra, seu pai disse *"não criei uma piranha"*, *"como tem coragem de me fazer passar por tamanha humilhação?"*, *"como poderei andar na rua agora?!"*. Dizia a cada cintada, só que dessa vez, não diz nada, só bate e Lívia só se protege, parando de suplicar socorro sabendo que não iria vir: aguenta tudo, suportando a dor. No entanto, uma varada pegou no rosto de Lívia a fazendo soltar um grito de dor que fez seu pai paralisar por um momento. Esse grito fez a mãe de Lívia intervir o segurando, implorando ao seu marido que se acalma-se, dizendo que já foi o suficiente. Que o fez parar, sem dizer nada, saindo do quarto totalmente perturbado.

Lívia chora e sua mãe lhe abraça, beija-lhe a face, não conseguindo dizer nada.

— Mãe, eu...! — disse Lívia ignorando o sangue escorrendo pelo rosto.

Lívia nos abraços de sua mãe tentar dizer algo, algo que queria há muito tempo dizer, mas não conseguiu, visto que a sua mãe só vê sangue escorrendo pelo seu rosto. Pede para Livia esperar, vai para o banheiro do seu quarto pegar os primeiros socorros. A mãe de Lívia higieniza o corte, percebe que não é tão profundo ao ponto de ir para o hospital, fazendo uma atadura simples. Lívia não diz nada, não faz nem mesmo feição de dor pelo tratamento, só sente uma tremenda vergonha. que ela não consegue pensar em

palavras para minimizar. Algo que agora, é a última coisa que sua mãe se preocupa. Terminando os cuidados, a mãe de Lívia lhe dá um abraço, um beijo, dizendo:

— Ficará um mês sem ir à escola, seu pai não quer te matricular em outra.

Lívia chorando, sua mãe lhe dá outro beijo na testa, dizendo para ela descansar, a cobrindo, dizendo que a ama e antes de fechar a porta: "*de tempo ao tempo..., ele é o melhor médico do mundo*".

Ao sair, voltou minutos depois, o coração de mãe bateu mais forte e perguntou se ela estava com fome que Lívia respondeu que não tinha nenhuma, saindo do quarto e deixando Lívia sozinha com suas lágrimas. A ferida que agora queima seu rosto faz a pensar em se cortar, se enforcar, mas no meio desses pensamentos todos, apareceu Alfonse. Começou a pensar nele, para deixar de pensar em tantas coisas terríveis que queria fazer contra si mesma. Neste momento, uma grande ansiedade abate seu peito, deixando ela inquieta e pensando em tudo que não queria ao mesmo tempo que a fez lembrar do acordo que os dois fizerá de que ele estaria lá, sempre estaria lá para ela quando precisasse. Não pensou duas vezes, ignorou sua ferida que pulsava em seu rosto e pulou a janela novamente, desceu e abriu o portão. Agora sem nenhuma preocupação de ser ouvida. Otto, o pai de Lívia, aparece na porta e grita

seu nome, só que Lívia ignora e vai para o ponto de ônibus correndo. *"Ele prometeu, ele estará lá, esse foi nosso acordo"* pensava correndo com lágrimas escorrendo, *"ele estará lá por mim"*. Já são mais de dez horas da noite, um ônibus apareceu no momento que ela chegou, como se fosse destino. O motorista já exausto por pegar o turno da noite, nem questionou a situação, só aceitou o dinheiro, deu o troco e liberou a catraca. Lívia espera ansiosamente para chegar no parque. Só pensando em seu Alfonse: agora como uma parte dela que a faria se manter viva.

Por mais que fosse de noite, por mais que visse pessoas perigosas enquanto o ônibus passava por algumas ruas questionáveis. Lívia ignorava, já que só pensa nele, só ele existia em sua mente. Ao descer do ônibus, correu para o parque; as pessoas que voltavam do trabalho, as pessoas que estavam fazendo coisas ilícitas, se afastavam ou atravessaram a rua quando a viam correndo, achando que trariam problemas para eles. O portão está fechado, olhou ao redor, não tinha nada que a podia usar como apoio. Todavia, o muro não é tão grande, tem um metro e setenta, se ela pegasse impulso, segurasse e fizesse um esforço, conseguiria. E o fez, se afastou, correu, pegou no topo com uma força que não sabe de qual lugar tirou, conseguiu elevar-se o seu tronco acima do muro, se jogando para frente por perder as forças, deixou o peso do seu corpo fazer o resto, a fazendo cair de costas no chão no outro lado.

Neste momento esqueceu de tudo, só ficou deitada chorando de dor e de toda a situação que estava vivendo; se questionando sobre o que estava fazendo e que era tudo ridículo. Chora como uma criança pedindo socorro, um socorro silencioso, um choro silencioso com muitas lágrimas.

— Se você chorar assim, me fará chorar também — ouve Lívia não acreditando.

Ao abrir os olhos vê Alfonse! Vê ele lhe estendendo a mão, com olhos tristes, como de um homem de coração bom vendo o infortúnio de uma alma condenada, só que que aos olhos de Lívia, viu seu anjo. Se levantou e o abraçou, o abraço que deveria ter dado na despedida, um choro não mais mudo, sem se preocupar se ouviriam. Alfonse a abraça de volta, sem dizer uma palavra se quer, um abraço apertado, quente, cheio de carinho, segurança e amor.

— Estou tão cansada Alfose!!! — desabafa Lívia sobre o peito dele. Tão cansada!!!

— Eu também, muito cansado...! — Disse Alfonse de maneira suave como se passasse por uma dor parecida. Vamos sair daqui, alguém pode nos ver e denunciar. Vamos para o lago, lá é bonito.

E de mão dadas, que Lívia fez questão de dar, por medo dele desaparecer, caminharam até o lago; no caminho as lágrimas diminuíram, não cessaram. A cada passo que davam, parecia que o tempo parava. As mãos de Alfonse são quentes e ela só se concentra neste calor. Chegando no gazebo, olha o lago, refletindo a luz da lua, refletindo os galhos secos das flores amarelas.

— Me conta, por que seu rosto está machucado, por que está chorando tanto? — pediu Alfonse com uma voz doce.

Tal pedido para qualquer um em uma situação parecida, será uma flecha, uma lança que rasgaria o coração, fazendo reviver tudo, só que com Alfonse foi diferente. As palavras de Alfonse não foram lanças, não para ela, foi uma porta que se abriu para dizer tudo que queria. Contar tudo, poder falar com alguém que não faria juízo de valor de sua situação. Contou sobre o namorado que ela tinha, que ele pedia fotos para ela, que ele queria forçar as coisas, sendo que ela não queria fazer.

— Ele me ameaçou dizendo que iria vazar para todo mundo — disse limpando as lágrimas do rosto. Eu pensei Alfonse, eu pensei em fazer, só que não conseguia imaginar aquele..., aquela coisa me tocando e não cedi.

— E ele vazou — adiantou Alfonse impassível, prestando atenção a cada palavra de Lívia.

— Sim — respondeu chorando muito. Minha vida na escola se tornou impossível, minhas amigas se afastaram, começaram a me chamar de nomes feios e o pior de tudo.

— Que alcançou seu ciclo familiar e social.

— Meu pai me bateu muito, como também me bateu hoje quando voltei para casa, porque eu saí de casa sem falar nada com ninguém — Lívia ao contar tudo, levanta o rosto, olha o rosto de Alfonse, calmo como um anjo, como se tudo que ela lhe dissesse fosse nada, só que também, não deixasse de ser algo importante.

Tal visão a deixou abalada, parou de chorar só se focando no rosto dele, depois focou em seu silêncio. Ela quer falar, mas não tem mais nada para dizer. Espera algo dele, ele sorri, da dois passos para frente e a abraça, um abraço apertado, afundando seu rosto no seu pescoço.

— Está tudo bem, irá passar.

— Como você sabe? — perguntou o abraçando também, agora sem chorar.

— Porque tudo passa até mesmo as lágrimas que você tanto chorou até agora — respondeu se afastando e dando a Lívia

o sorriso mais brilhante deste mundo. Não será fácil, só que até tudo passar, estarei aqui.

Lívia sorriu, não queria sorrir, só que sorriu, talvez devesse chorar, talvez choraria ainda mais depois desta noite. Só que neste momento, depois das palavras de Alfonse, sente que tudo ficará bem; nada mais importa, nada mais terá que lidar. O abraça, um abraço lépido e diz para ele que está cansada, que quer dormir, que Alfonse responde que podem dormir. Alfonse se sentou e, apoiado em uma das pilastras do gazebo, Lívia se deitou sobre o peito dele, fechando seus olhos. Alfonse ficou acariciando o cabelo de Lívia, a fazendo dormir em segundos.

Alfonse ficou surpreso dela conseguir dormir tão rápido nesta situação, mas acredita que ela está exausta. Fica fazendo cafuné no cabelo de Lívia, pois não sabe o que fazer além de acalentá-la.

De repente começa a chover, uma chuva forte seguida de um raio e trovão que desfaz a escuridão que os cerca. Alfonse não se assusta e Lívia, continua dormindo. Lívia acorda brevemente pelo vento frio, mas logo volta a dormir, pois a chuva com seu som relaxante leva ela de volta para o mundo onde nada existe, mas antes ouve:

“O som leve do trovão, o céu escuro, talvez a chuva não cesse. Ainda assim, lembrar-se-á de mim?

Família

Lívia com seu rosto afundado sobre o peito de Alfonse, estica seu pescoço e o corpo espreguiçando-se, dando um belo de um bocejo. Acorda muito bem, apesar de perceber que tem alguma coisa de errado. Abre seus olhos, fica olhando para o lago por breves segundos até perceber e se levantar com vergonha.

— Uma coisa é certa, você dormiu muito bem — disse Alfonse divertido, todo risonho.

Lívia limpa seus olhos e pede desculpas.

— Não queria te fazer de cama — levant-se Lívia sem graça.

— Tudo bem, ontem você teve uma noite difícil — observou. E agora, está pronta para o que irá vir?

Lívia fica sentada no chão tentando pensar, mas não consegue. Tinha acabado de acordar, queria tomar café da manhã, está morrendo de fome, uma vontade de comer que não sentia a um bom tempo.

— Sei que você está confusa, mas está na hora de ir — foi incisivo Alfonse.

— Por quê?

— Você não pode ficar aqui para sempre, além disso, tem que começar a lutar. Sempre querer fugir das coisas não muda nada, mas saiba, o tempo não te espera.

— Eu não sei o que fazer — em tom desolador.

Lívia agora acordou, sabe que tem muito o que enfrentar, principalmente pelo que fez ontem; quer enfrentar tudo, mas não sabe como. Por algum motivo, ela está mais determinada, mas também, sem rumo.

— Agora são seis horas da manhã — disse Alfonse depois de olhar para seu relógio. O parque abre às nove e pouca, você tem que seguir em frente! Vai encontrar um homem velho e corpulento, diga para ele que você ficou presa aqui e acabou dormindo. Ele não vai acreditar, mas não se preocupe, depois disso tudo vai ficar melhor.

— Como assim melhor?

— Lívia, eu sei que você está confusa, mas infelizmente não temos muito tempo. Faça o que eu disse, aceite tudo de peito aberto. Comece a lutar, quando precisar de mim, estarei aqui.

— Mas e você? — pergunta Lívia aflita. O mesmo sentimento que teve na última vez que se viram voltou com tudo.

— Eu tenho que ir, mas se você vir comigo, nada vai mudar. Não se pode viver uma vida fugindo, agora, siga em frente.

Lívia não entendeu, mas as palavras de Alfonse disseram muito mais do que ela poderia compreender no momento, decidiu fazer o que ele pediu.

— Espero que tudo ocorra bem, estou confiando em você — disse um pouco insegura Lívia.

— Aceite tudo de coração aberto, as boas e as coisas ruins, pois elas fazem parte da vida — disse sorrindo. Elas passam e são substituídas por outras angústias, mas é assim que as coisas são. Agora vá, não olhe para trás!

Lívia foi, queria dar um abraço em Alfonse, mas não conseguiu. Os passos foram rápidos no primeiro momento empolgada pelo discurso de Alfonse, mas depois veio uma preocupação de que tudo que ele lhe disse fosse apenas palavras vazias de motivação. Queria olhar para trás, mas ouviu em sua cabeça: *"Não olhe para trás, siga em frente e aceite tudo de coração aberto"* e seguiu.

Como Alfonse disse um homem apareceu, tinha uns sessenta e poucos anos, é corpulento, mas suas pernas são finas, seus olhos são redondos igual um peixe.

Quando viu Lívia, logo a interrogou com uma voz bronca, apesar de a ter intimidado, ela inventou uma história de ter ficado cansada e ter dormido no gazebo, como Alfonse disse para fazer. O guarda não acreditou nenhum pouco, mas não a interrogou mais, só pediu que ela o acompanhasse.

Lívia apesar da recepção ríspida do guarda, percebe que deu tudo certo. Ele a deixaria sair sem mais problemas, tendo que agora pensar o que irá fazer ao chegar em casa: Lívia está determinada em terminar essa situação que está vivendo para poder continuar em frente. Mas o guarda não a levou para a entrada, a levou para o posto no qual os guardas ficam.

Pediu para que ela se sentasse e ao sentar-se na sua mesa pegou o telefone e pediu o número dos pais de Lívia.

— Está tudo bem, pode me deixar ir que estará tudo bem — tentando sair dessa situação.

— Ou você me passa o número dos seus pais ou eu ligarei para polícia: qual você prefere?

A tom de voz apesar de calmo e tranquilo, mostra um homem irredutível. Lívia viu que não tinha o que fazer, decidiu ceder e dar o número do telefone de casa. Ao ligar o senhor se apresentou, o nome dele e Maurício Alves, explicou para a mãe de Lívia a situação. Lívia podia ouvir

claramente a voz de sua mãe, estava aliviada, mas também preocupada pelo bem-estar dela e, nisso, sua mãe soltou que ela fugiu. O Sr. Alves olhou para Lívia e ela baixou a cabeça envergonhada.

— Sua mãe está vindo te buscar — disse se levantando e indo para a mesa do café, pegando um pouco de café com leite e biscoito, oferecendo para Lívia. Coma, deve estar com fome.

De fato, estava e Lívia agradeceu. Lívia esperava um sermão, mas o senhor não deu, não lhe julgou, não fez nem mesmo uma careta de reprovação. Ela ficou curiosa sobre ele, não era algo que esperava de um adulto, mas também ficou admirada por existir adultos assim. Não sabia que existiam neste mundo, os que não julgam e se tomam com os senhores da razão para os mais novos.

Ansiosa para chegada de sua mãe contava os segundos, depois os minutos, mas não foi muito além. Ficava olhando os ponteiros do relógio e parecia que eles estavam parados, não se movimentavam, apesar de se mexerem.

Depois de quarenta minutos sua mãe chega e ao entrar, a primeira coisa que fez foi abraçá-la, chorando, dizendo:

— Filha, se você soubesse como passei ontem — disse a mãe de Lívia chorando como uma criança, fazendo Lívia chorar pelo sofrimento que fez sua mãe passar.

— Tudo bem mãe — disse acalmando-a. Estou bem, prometo que nunca mais irei fazer isso novamente.

— Você promete!? Promete que nunca mais irá fugir de casa?

— Prometo mãe.

As duas se abraçam novamente, disseram que se amam e depois de alguns minutos, a mãe de Lívia pede desculpas para o Sr. Maurício.

— Não precisa se desculpar, mas acredito que ainda tem muito o que conversarem.

Ele estava certo, essa só foi a reconciliação, o primeiro embate. As duas foram para o carro, a mãe de Lívia perguntou novamente se ela estava bem, se algo aconteceu, por mais que Lívia tenha dito que estava perfeitamente bem, sua preocupação não foi sanada.

— Mãe, estou 100%, não se preocupe.

— Eu sou mãe, não pense que só me dizendo que está bem, irá satisfazer minha preocupação.

A mãe de Lívia chama-se Clara, seu cabelo é fino de um castanho escuro, diferente dos olhos, que são claros e em seu rosto tem uma pinta charmosa no queixo. Apesar de ter apenas 35 anos, o cansaço está explícito em sua face pelo que está passando nestes últimos dias, tendo aparecido até fios brancos em seu cabelo.

— Eu conversei com seu pai ontem.

— E...?

— Ele disse que está disposta a lidar com essa situação de maneira racional, sem mais recorrer a violência.

Lívia queria dar uma resposta irônica sobre essa decisão de seu pai, porque o que seu pai mais fez foi lhe bater, mas não quer estragar isso. Percebe que é um pensamento imaturo e infantil. Lívia tem ciência o que seu pai e sua mãe passaram, tudo devido exclusivamente a ela.

— E como iremos solucionar? — Lívia sabe que seus pais devem ter combinado algo ontem à noite.

— Você vai para casa de sua avó em Minas...

— De forma alguma, não irei embora de São Paulo.

Se fosse dias atrás, Lívia aceitaria sem pensar duas vezes, mas agora é diferente, tem uma pessoa em sua vida que não quer deixar para trás. Essa pessoa lhe ensinou que simplesmente ficar fugindo das coisas não irá solucionar nada.

— Mudar de escola? — sugeriu a segunda hipótese.

Clara é mãe, ficou feliz pela resposta, pois não queria que Lívia fosse embora, mas sabe que não é tão simples assim.

— Filha, o bairro inteiro sabe, não é algo tão simples, e eu e seu pai, não podemos mudar de casa, acabamos de pagar a hipoteca.

— Mãe, eu muito bem sei que estou falada, mas também não quero mudar de escola, quero enfrentar tudo. Sei que não será fácil, sei que passarei por muitas coisas ruins, mas se eu simplesmente fugir... Mãe, eu não quero viver minha vida fugindo das coisas.

Clara ao ouvir tais palavras de sua filha não acreditou, não era mais uma menina, mas também, não era uma mulher, pois nunca viu em sua vida uma mulher que teria coragem de falar tal coisa. Não se vitimizando e nem se fazendo de donzela em perigo esperando que os outros sintam pena e venha a proteger, eximindo-se de toda responsabilidade.

— Filha, se quer enfrentar tudo, estarei ao seu lado — disse Clara orgulhosa da filha que tem. Mas saiba, não será fácil.

— Eu sei mãe, não só de vontade as coisas mudam. Sei que o que irei enfrentar não será nada fácil.

— Para de ficar me dando tanto orgulho — disse Clara toda boba, vendo sua filha tão madura.

— A mãe, para com isso, tá me fazendo ficar com vergonha — disse Lívia envergonhada pelo comentário de sua mãe, não só pelo comentário, mas do jeito bobo que falou, fazendo voltar a ser a menininha da mamãe.

O caminho todo foi de uma conversa descontraída e divertida, como se tudo que estivessem vivendo não existisse. Lívia falando de seus planos futuros, demonstrando sua determinação de ajustar tudo; sua mãe falando de faculdade, quando Lívia nunca tinha pensado sobre isso, a fazendo refletir. Uma coisa que Lívia queria pôr em prática e começar a correr, ter ficado tanto tempo presa dentro do quarto, foi uma experiência horrível. A partir de hoje ela quer começar a fazer exercícios.

— Filha, você já e linda, não precisa emagrecer mais — observou Clara.

— Mãe, eu não quero começar a correr para ficar bonita, mas para ter uma vida saudável.

— Então, tudo bem — Clara começou a rir.

— Está rindo do quê?

— O jeito que você falou foi engraçado.

O caminho que estava agradável ficou meio tenso quando se aproximaram de casa.

— Filha, não se preocupe, vai dar tudo certo — querendo dar força para Lívia.

— Sim mãe, vai dar tudo certo — respira fundo Lívia, não sabe o que esperar.

Sua mãe estaciona o carro, Lívia decidi ir atrás de sua mãe, a segurança que ela transmite dá força para Lívia neste momento. Ao entrarem, vê seu pai sentado, com um copo de cachaça na mão, olhando para o vazio. Lívia não sabe se ele não as ouviu entrando ou se está simplesmente ignorando.

O pai de Lívia chama-se Otto, tem 59 anos, é um homem pálido, um corpo magro, mas não desprovido de massa muscular; seus braços, peito e pernas são longos, dando a

ele uma postura que se destaca facilmente; seus olhos são azuis, seu cabelo castanho é extremamente fino e liso, os mesmos cabelos que Lívia herdou, como também os lábios; o nariz é pontudo, um pouco rebitado, mas não muito, dando um ar galante.

— Chegamos em casa querido, Lívia está bem.

Otto bebeu muito, bebeu tanto que estava em transe olhando para o vazio. Não tinha notado que tinham chegado. Olha para o lado, seus olhos estão com olheiras terríveis por não ter dormido, seu olhar foi direto para sua filha.

— Lívia, não irei mais te bater, só quero saber o que você quer fazer?

Otto ama sua filha mais do que tudo, ela é seu mundo. Otto antes de conhecer Clara, era casada com outra mulher, uma mulher bonita e rica, se casou com ela por interesse. Usou de sua beleza para conseguir riqueza, pois era muito pobre.

Desde os quinze anos sentia raiva de não ter as coisas, muito mais raiva de como as pessoas olhavam para ele ao descobrir que ele era pobre, pois no Brasil, as pessoas julgam pelo rosto e aparência, não pelas ações ou caráter. Descobriu isso muito cedo, logo decidiu buscar a riqueza para ele poder realmente pertencer a esse mundo que ele

tanto desejava, e não somente parecer pertencer. Felizmente, sua beleza o ajudou muito, conseguiu emprego muito fácil como vendedor, estudou para o vestibular de uma nobre faculdade de São Paulo, ficou entre 5 primeiros, cursando gestão financeira.

Em poucos meses descobriu que seu caminho para riqueza não séria fácil, pois conversando com seus colegas abastados, soube que não ganharia tanto depois de formado. Experiência conta muito, demoraria alguns anos até ele estar em uma posição de destaque. Mas esses amigos abastados não teriam que trilhar esse caminho de anos, pois sua família não os permitiria trilharem, só entregariam o fruto que eles já desfrutavam. Então, Otto decidiu entrar em alguma família rica, felizmente para ele, que não buscava se distrair com relacionamentos e ignorava as garotas, isso fez elas criarem mais interesse nele ainda. Quando que decidiu virar seus olhos para elas, seu trabalho não seria difícil.

Só que antes de escolher uma, buscou criar um relacionamento com elas, mas deixando no âmbito da amizade. Mulheres gostam de homens galinhas e que tem fama de pegador, ainda mais quando são bonitos, mas criar algo duradouro não é fácil sendo um desses, pois elas sempre têm desconfiança. Por isso, mostraria o que elas queriam e o que não faria elas ficarem obsessivas. Enquanto buscava conhecer as mulheres, buscava saber sobre suas famílias, o que eles tinham e o quanto eles tinham. Mas

Otto, diferente dos seus colegas, ele veio da pobreza, sabe que uma ganância desenfreada precede a uma queda terrível.

Uma vez viu a menina mais bonita da faculdade, Nair, o olhando, o olhando com desejo; o desejo de viver um romance com ele. Apesar de ser a mais bonita, não era tão abastada, pelo que sabia, o pai dele era um médico que era diretor de um hospital e a mãe herdeira de um grande fazendo que com a herança comprou diversos imóveis, tendo bairros de São Paulo só para ela, contando com vários prédios. Decidiu que seria ela, um dos motivos era que pelas informações que tinha e, pelo pouco que conversou com ela em algumas ocasiões, ela não era uma mulher tão superficial e apreciava mais o romance do que o desejo da carne, como também, não era dada a coisas de natureza superficial.

Não demorou muito para namorarem. Otto, decidiu optar pela estratégia de não mentir sobre sua origem, pois ele sabia que Nair não se importaria, contando-lhe sua realidade pura; diferente com seus demais colegas de universidade que sempre falava de maneira ambígua, mas nunca mentindo. Algo que a fez o olhar com um olhar mais apaixonado, o motivo ele não sabia, mas apreciou o efeito.

Saiu com Nair em diversos encontros, mas toda vez que Otto fazia menção de se deitarem, Nair dizia que era só

depois do casamento. Algo que o deixava frustrado, pois tinha a certeza de que no momento que os dois se deitarem, ela seria totalmente dele, mas sempre se esquivava.

Nair morava sozinha em um apartamento no centro de São Paulo. Ela nunca o levou para o apartamento por não achar certo, mas uma vez Otto conseguiu convencê-la. Otto levou um vinho bom, um vinho que custou muito de suas economias. Ela aceitou o vinho depois de muito esforço, não era uma mulher dada a bebida, mas a conversa apaixonante de Otto fez ela ceder. Bebeu a garrafa aos poucos, mas por não ser dada a bebida, depois de algumas pequenas taças, o efeito começou a surgir e a partir daí decidiu atacar. A beijou e Nair não lutou, quando Otto decidiu ir mais além, vendo que ela aceitou seus toques, disse para ele parar, mas não o interrompia. Nair, finalmente, decidiu tornando-se totalmente de Otto a partir desse dia.

O que foi o dia mais memorável para Nair, foi o pior de Otto. Ele fazia de tudo para dar prazer a ela, tudo que aprendeu com outras mulheres, onde tocar, como tocar, o que fazer, tudo que podia levar a mulher orgasmo mais inesquecível. Os gemidos de Nair era a resposta que ele estava no caminho certo, mas prazer ele não sentia. Era algo tão mecânico para Otto que estava exausto. Namoraram por horas, três horas, até o corpo de Nair ceder de tão exausto, vendo que esse era o momento para ele terminar também.

— Estou morta — disse Nair olhando para o teto ofegante.

— Eu que o diga — não demonstrando tanta empolgação quanto Nair.

Depois desse dia tudo começou acontecer: os pais de Nair o conheceram e o amaram; meses depois se casaram; terminaram a faculdade juntos. Um filho não pôde existir, pois Nair não era fértil, mas não era algo que Otto se preocupava: queria o dinheiro, não uma família. Não demorou muito para ele entrar em uma grande multinacional, emprego que o pai de Nair o ajudou a conseguir. Começou a criar sua riqueza, uma riqueza que demoraria anos para conseguir. O dinheiro de Nair e de sua família não mais chamava sua atenção, pois o próprio dinheiro que ganhava, aplicava e estava mudando sua vida, não vinha mais deles. Não precisava pagar nada, pois a mãe de Nair providenciava tudo, nem dinheiro para sua esposa precisava dar, tudo que ela tinha era dado pela sua sogra e ele podia investir o seu próprio dinheiro livremente.

Aplicou em ações que fazia ele ter uma renda considerável, comprou alguns terrenos e imóveis com grande potencial de revenda futura; poderia vender por uma fortuna quando alguma grande empresa mobiliária quisesse fazer algum condomínio. Mas Otto não deixou sua riqueza só para ele, ajudou sua mãe, comprou-lhe uma casa de dois andares, casa que ela mesma escolheu, querendo fazer do primeiro

uma cafeteria; seu irmão mais novo, que amava mais que tudo, pagou sua faculdade nos Estados Unidos, pois queria fazer engenharia. Os anos foram se passando, sua fortuna aumentando, mas o distanciamento dele com Nair era notável. Ela não era mais útil, mas também não a descartava, não via o porquê. Nair vivia fazendo tratamento para engravidar, Otto a alentava um pouco e voltava para seu trabalho, no entanto as coisas mudaram quando Clara chegou, a nova empregada.

Uma linda mineira de 19 anos que encantou Otto, primeira vez durante muitos anos desejou uma mulher; tirando o dinheiro de sua cabeça. As coisas não foram fáceis, quando Otto via possibilidade de cortejar ela, Clara o ignorava. Às vezes de maneira muito inteligente, ia em direção de Nair para ele se afastar. Otto sabia que Clara se interessava por ele, mas era uma mulher muito esperta para entrar em um romance que só teria a perder.

Uma noite não se aguentando, foi para o quarto de Clara, sua esposa estava dormindo profundamente pelo calmante, a depressão a acometeu pelas diversas tentativas de engravidar terem dado em fracasso. Ao entrar no quarto Clara acordou, viu que era Otto, mas não falou nada, Otto sem pensar foi para cima dela. Clara começou a lutar, não gritava por não querer acordar ninguém, sabia que neste mundo, ela se prejudicaria, por mais que seja a vítima.

Clara aceitou esse emprego, sendo recomendada por uma amiga de sua mãe para Nair, pois precisava de dinheiro para cuidar do seu pai que estava muito doente. Fugia de Otto, pois apesar de se sentir atraída por ele, poderia perder o emprego que está salvando sua família, mas agora, nesta situação, não podia fazer nada. Se ela gritasse, acordariam, ela seria demitida e Otto continuaria com sua esposa. Então quando a dominou, decidiu parar de lutar, deixá-lo fazer o que ele queria para logo sair do seu quarto.

— Volte para sua esposa agora — disse Clara com uma voz fria e vazia.

— E se eu não quiser?

— Eu preciso desse emprego, se alguém descobrir, você vai continuar com sua vida maravilhosa, enquanto eu serei demitida.

Otto por um momento se viu nela, o seu eu do passado. Então curioso perguntou o motivo dela precisar tanto de dinheiro.

— Se esse é o motivo de você preocupar tanto com esse emprego, então esqueça ele. Irei pagar o tratamento do seu pai, enviarei um bom dinheiro para sua família, farei de tudo para você nunca mais se preocupar com eles, só seja

minha — disse arrumando a mecha castanha do cabelo de Clara.

— Você está falando sério? — Clara mudou seu tom de voz e seu estado, era como se fosse um sonho, o qual seus problemas desapareceriam.

— Sim, só transe comigo novamente — disse a beijando e ela o beijando de volta.

Dessa vez Clara não só deixou Otto fazer o que ele queria, como também fez com ele. Quando eles terminarem, Otto voltou para seu próprio quarto. Clara não conseguiu dormir, estava imaginando o futuro de sua família, mas também apreensiva se ele só falou isso para ela fazer o que ele queria. Tantos pensamentos que a fez dormir umas quatro horas da madrugada acordando atrasada para seus afazeres.

Depois desse dia Otto não corria mais atrás de Clara. Ele a tratava como uma empregada como ele sempre deveria ter a tratado; toda noite, Clara, olhava para sua porta esperando-o entrar, mas Otto nunca aparecia. Passou-se vinte e dois dias, e sua esperança tinha sido desfeita. Clara foi enganada, no entanto, ela não se deixou abalar. Agora pelo menos, ele não lhe causaria mais problemas. Manteria o emprego que ajudaria sua família e era isso com quem ela se preocupava, melhor, voltou a se preocupar.

Um dia preparando o almoço, uma das empregadas avisa Clara que seus pais estão na linha. Clara ficou alvoroçada, uma ligação é uma fortuna e, sendo interestadual, era impossível alguém deixar eles ligarem de graça. Normalmente, sua mãe enviava cartas contando as novidades. Clara corre para o telefone, pois acredita que o pior aconteceu.

— Mãe! — disse com o coração no peito e olhos marejados.

— Filha, você não sabe o que aconteceu.

— O que aconteceu mãe!? — perguntou chorando, já imaginando a resposta.

— Um homem pagou o tratamento do seu pai, nos deu uma fortuna em dinheiro e comprou uma casa. Um rancho que seu pai pôde escolher, isso é loucura!

Clara ficou em silêncio em choque, parada, sem saber o que pensar, só estática olhando para o nada.

— Eu não sei quem é. Um homem apareceu do banco e nisso tudo. Seu pai vai poder daqui a algumas semanas ir para o rancho que ganhamos — a mãe de Clara espera a resposta de sua filha, mas não ouvi nada. A ligação caiu?

— Não..., mãe! Não caiu — respondeu se recobrando. Fico feliz..., que bom...! Estou tão feliz.

— Agora você vai poder voltar para casa, ficar com a gente e cuidar do rancho. Seu pai já falou que vai comprar umas vacas e uns porcos para cuidar.

— Ele mal vai melhorar e vai ficar cuidando de bicho mãe!

— Você conhece seu pai, não consegue ficar parado. Só parou depois de ficar doente, quando estiver recuperado, vai voltar muito pior. Mas filha, vai voltar, não vai?

— Mãe, vou, mas não agora.

— Por que não minha filha?

— Mãe, todo dinheiro que eu ganhava enviava para vocês. Agora, quero ganhar um pouco para mim — ela não pôde falar a verdade.

— Filha, não precisa mais trabalhar, está tudo bem agora.

— Mãe, eu sei que não, mas eu quero ficar um tempo mais em São Paulo. Fazer umas coisas e depois voltar.

Clara, desligou depois de explicar para sua mãe que tinha trabalho a fazer. Seu dia que parecia escuro ficou claro,

cheio de luz. Uma paz encheu seu corpo inteiro e o peso que sentia dissipou. Depois de muito tempo, sentiu que podia respirar, que estava livre de toda responsabilidade. Quando encontrou Otto, não pode deixar de sorrir para ele, ele retribui, mas continuou agindo de maneira discreta. Aquela noite, quando todos estavam dormindo, ele apareceu em seu quarto.

Otto realmente se entregou para Clara, ele a apreciava mais do que o dinheiro, dinheiro que Otto não achava mais importante. Quando, Clara, entrava de folga, arrumava uma desculpa no trabalho. Otto alugava um hotel distante do seu bairro, levava Clara para jantar e passava o resto do dia no quarto com ela. Clara era a pessoa que queria estar, não demorou muito, decidiu depois de meses terminar; não precisava mais do dinheiro de Nair ou de família, se Otto quisesse, não precisaria mais trabalhar com todo o investimento que fez.

Combinou com Clara, Otto se separaria e se casaria com ela, quando ele disse isso, Clara contou o segredo que estava guardando por dias: descobriu que estava grávida a duas semanas atrás. Otto não poderia ficar mais feliz, finalmente ele tinha a vida que queria e com quem queria ter. Clara pediu demissão e ficou no hotel que Otto pagou para ela, iriam escolher onde morariam, a casa que teriam, quando tivesse terminado tudo com Nair.

Nair está na varanda tomando chá e comendo uma torta de chocolate observando o jardim. Otto foi até ela que ao vê-lo não foi muito receptiva, já fazia semanas que os dois estavam estranhos um com o outro. Esse era o momento que iria só concretizar o que já estava subtendido pelo convívio deles.

Otto está parado de frente para Nair. Os dois estão se olhando, o silêncio não é nenhum pouco desconfortável. São casados há mais de 15 anos, depois de tanto tempo, o silêncio faz parte de suas vidas.

— Quero o divórcio.

— Achei que nunca iria pedir — observou Nair sem nenhuma surpresa.

— Eu também, mas as coisas mudaram, quero seguir um novo caminho. Irei pegar minhas coisas e depois nos encontramos com os advogados.

— Antes de ir embora, deixe-me te perguntar uma coisa.

— O que é?

— Alguma vez, nesses mais de quinze anos juntos, você me amou?

—Em nenhum dia sequer.

Otto saiu e Nair ficou sem expressar qualquer emoção depois de receber sua resposta.

Otto se encontrou com Clara no hotel com suas malas, pegou só o básico, muita coisa deixaria para depois. Clara pulou em cima de Otto o fazendo soltar as malas e a segurar. Clara perguntou os próximos planos, Otto disse que os planos deixariam para depois do divórcio, o que ele queria agora era ficar com ela. Estando grávida, não teria jeito, teria que morar na casa de sua mãe por uns tempos, apesar de ter muitas propriedades, a maioria está alocada. A separação dos bens, que acredita que não vai demorar, pois não irá querer nada que é de Nair, só o que ele conquistou. Mesmo sabendo que uma parte teria que ficar com ela, mesmo que fosse a metade, não se importa: Otto não é tão apegado a dinheiro quanto era mais jovem. Agora só quer ser feliz com a mulher que encontrou e ama, sabe que não precisa de tanto dinheiro para isso.

Otto e Clara ficaram namorando, dormindo, pedindo comida no hotel, namorando de novo, era a lua de mel dos dois, pois não poderia existir um casamento, pelo menos, não agora.

Duas semanas se passaram, Otto levou Clara para casa de sua mãe que fez muitas perguntas para ela e que ela aceitou

de bom grado. Afinal, Clara estava grávida do seu neto, o que rezava para ter durante todos esses anos.

Os advogados de Nair chamaram Otto juntamente com os advogados dele. Era algo incomum, deveria tudo ser resolvidos pelos advogados, mas querendo resolver logo, não ligou e foi para a reunião. Nair estava sentada na outra extremidade com Otto na sua frente.

— Isso é um circo? — Perguntou Otto incomodado. Eu pago vocês para ficarem com essa cara de bunda, me digam o que está acontecendo — perguntou Otto para seus advogados irritado.

— Eu digo Sr. Otto — disse o advogado sentado ao lado de Nair. Um homem velho para lá dos oitenta anos, calvo e de cabelos brancos, pálpebras caídas, com uma fala lenta e roca. Vocês se casaram em comunhão total de bens correto?

— Sim, senhor.

— Mas tem cláusulas nesse concreto que pode reverter esse acordo, está ciente disso não?

— Não, não estou — respondeu com uma voz séria.

Ao se casarem os advogados do pai de Nair elaboraram o acordo; Otto se lembra de ler até a parte d comunhão total de bens, o resto não teve interesse.

— Um dos incisos diz sobre traição — Otto sentiu sua espinha congelar. Preciso continuar? — perguntou o velho com um olhar penetrante para ele.

— Está me acusando de traição? — Perguntou para Nair querendo fugir dessa situação e manter seus bens, mas ela não respondeu. O velho jogou uma pasta para ele que ao abrir viu a foto dele e de Clara juntos, até mesmo se beijando.

— Sr. Otto, você pode levar isso para os tribunais, mas suas contas e seus bens já estão congelados. Também, duvido muito que algum advogado irá aceitar te advogar, sabendo que não terá como ganhar seus honorários. Só assine este documento — o advogado do lado do velho entregou para Otto — que aceita a passar todos seus bens para Sra. Nair de bom grado e ela irá pagar os honorários dos seus advogados.

Otto pegou o documento, leu por alto, deixou na mesa e começou a olhar para o teto. Não pensava em nada, não sentia nada, nem mesmo raiva, era algo que ele não

esperava acontecer. As coisas mudariam muito para ele a partir de agora, mas não tinha escolha, está encurralado.

— Tudo bem, eu perdi — admiti olhando para Nair com um olhar desanimador.

Nair pediu o relógio que Otto está usando, relógio que o pai de Nair deu para Otto depois de dez anos de casados, ele entregou sem questionar.

— Está arrependido? — perguntou Nair ao pegar o relógio.

— Não, não estou. Se fosse o eu do passado, ficaria furioso, mas hoje, percebo que dinheiro apesar de muito bom não é tudo, do contrário, nunca te trairia.

Quando chegou em casa e contou o acontecido, Clara ficou ao seu lado, sua mãe disse que o ajudaria; semanas depois seu irmão que ligou para saber como estavam as coisas, ao descobrir, também disse que o apoiaria financeiramente. Apesar de não ter nada, tinha muitas pessoas que o amavam e ficou grato por isso, mas sua vida não podia terminar em um mar de rosas como imaginou depois de tanto apoio.

Sua mãe comprou uma boa casa para ele e Clara viverem juntos com o bebê. Otto arrumou um bom emprego que pagava bem pela sua experiência, mas cinco anos se passara e sua mãe contou que tinha câncer. Ele não acreditou, achava que nada mais de ruim poderia acontecer na sua

vida, no entanto, enfrentou de cabeça erguida, aceitando tudo, como se fosse o carma que tinha que pagar por Nair. Vendeu a maioria das propriedades de sua mãe para pagar o tratamento que durou cinco anos, depois disso, sem cabelo, fraca e magra, disse que não queria mais, pois saberia que Otto teria que se endividar e não queria ser um fardo.

— Pelo amor mãe, irei dar um jeito...

— Quero ficar com minha neta, aproveitar meus últimos dias com ela — disse exausta. Estou cansada de ser picada, fraca por remédios que mais parecem estar me fazendo mal do que me curar. Irei morrer de qualquer jeito, é algo inevitável, por isso, escolho morrer passando meus últimos dias com minha neta.

Lívia foi um dos motivos da mãe de Otto se esforçar tanto, de aceitar os tratamentos. Agora vendo que não tem cura para sua doença só a prorrogação do seu fim, deseja viver seus últimos momentos por si mesma e não pelos outros.

— Tudo bem, se o seu desejo é esse — aceitou abnegado Otto.

— Vovó, tô com fome — aparece Lívia no corredor com um urso de pelúcia numa mão e a outra limpando os olhos, acabou de acordar.

A mãe de Otto só sorria quando estava com Lívia. Tirava seus dias para cozinhar para ela, brincar, contar histórias e fazer seus passeios rotineiros no jardim dourada de ipês-amarelos; sua alegria era ver sua netinha colhendo as pétalas no outono e mostrando para ela.

Otto não sabia o que fazer, então se focava no trabalho. Quando perdeu todo seu dinheiro com o divórcio, viu que tinha muito mais do que aquele dinheiro, tinha sua mãe, seu irmão, a mulher que amava, como sua filha. Agora, está perdendo uma das suas coisas preciosas. Uma coisa que o consola que nenhum dinheiro do mundo poderia salvar sua mãe, caso pudesse, se sentia arrasado e arrependido de sua escolha.

Depois de três anos sua mãe faleceu. Não chorou, queria, mas não conseguia vendo sua filha chorando no enterro chamando sua mãe, dizendo que ela só estava dormindo. Não conseguia ser o pai que Lívia precisava, Clara fez o trabalho de consolar sua filha e ajudar ela se reerguer, enquanto ele, seguia em frente, trabalhando, querendo proporcionar o melhor para Clara e Lívia.

Três anos se passaram, seu irmão iria voltar para o natal, trazendo sua noiva grávida. Sua alegria era seu irmão mais novo: um homem de sucesso é respeitado na américa. Abriu uma empresa de tecnologia com seu amigo da universidade.

Conseguiu fechar contrato com o exército americano "*é ultrassecreto não posso te falar, eles devem estar ouvindo essa ligação agora"*, Otto disse divertido *"eles falam brasileiro por acaso?"*, *"aposto que eles têm quem saiba falar"* e gargalharam juntos.

Esse natal não economizou, seu irmão merecia o melhor, e de tabela, seus sogros seriam bem recebidos também, *"dois coelhos numa cajadada só"* pensou. Indo para o aeroporto duas horas antes de seu irmão chegar pela ansiedade, não querendo deixar ele esperar um segundo sequer, veio a notícia que houve um acidente. Minutos depois, descobriu que o avião do seu irmão caiu. Sua mente ficou vazia, ficou sentada por longos minutos tentando se recompor, mas foi mais de três horas. Nesse período, outros que foram acometidos pelo mesmo acontecimento infeliz de Otto: caiam de joelhos, choravam, brigavam, exigiam informações.

Otto depois de três horas se levantou e foi para um bar, sentou-se no balcão e começou a beber, beber, acabando no fim dormindo no bar, sendo acordado as três horas da madrugada, pois iriam fechar. Pagou a conta, jogando todo o dinheiro que tinha na carteira, muito mais do que tinha que pagar. Saiu e começou a andar, simplesmente andar sem direção, encontrou um banco e se sentou, fechou os olhos e dormiu.

Ao acordar, não era o mesmo homem, era algo diferente, vazio, sem nada dentro de si. Chegando em casa (todo fedido de álcool), todos foram lhe consolar, a notícia tinha corrido rápido. *"Deixem-me só"* disse indo para o banheiro tomar banho, Clara tentou conversa com Otto, mas ele disse que estava bem. Seus olhos perderam o brilho da vida naquele dia.

Seu irmão pensou nele até na sua morte. Fez um seguro de vida, fazendo Otto ganhar milhões; a empresa que ele fundou com o sócio dele na faculdade, a parte dele nas ações foi para ele. Toda a fortuna que Otto tinha perdido, tinha voltado para suas mãos, mas ele apesar de ter todo o dinheiro que um homem poderia desejar, não tinha nada e nunca tocou neste dinheiro, vivendo com o que tinha, esquecendo dele.

A única pessoa que o ligava neste mundo de escuridão era sua filha, não por amar ela, mas por ela ser o amor de sua mãe nos seus últimos momentos. Decidiu viver pelos desejos de sua mãe, proporcionando o melhor para sua família com seu suor.

Os anos foram se passando, o amor que Clara sentia por Otto, era mais por sua filha, pois os relacionamentos dos dois virou exclusivamente convencional. A chama que os juntou, morreu devido a tantos eventos, mas Clara sabia, longe dele, mais dor causaria para sua filha e para ele também — ainda o amava apesar de tudo. Lívia teve o amor

de seu pai, mas o amor que um homem vazio pode dar: material. Ela sentia que queria outra coisa, mas o que ela queria do seu pai, já era dado por sua mãe, acreditando que o amor que dado para o filho de mãe é diferente de pai.

Otto assim viveu até chegar nos dias atuais. Quando as fotos de Clara caíram em suas mãos e de todos que ele conhecia como um raio por um aparelho pequeno, que parecia tão inofensivo, virou sua vida de cabeça para baixo. Esse acontecimento reacendeu a chama que tinha se apagado, mas não uma chama que aquece, mas que machuca, tanto a pessoa que está com ela, quanto a pessoa que a fez surgir.

Uma fúria tomou seu ser por completo, uma fúria de um Deus que em um dia de irá destruiria montanhas, queimaria florestas e deixariam o mar em rebuliço, destruindo tudo que estivesse em sua frente. Chegou em casa enfurecido, tirou o sinto de sua calça em cólera e entre praguejações e cintadas, batia em Lívia. Os sinais de que algo estava estranho existia, como sua filha ter parado de ir à escola de repente, de não sair do quarto, sua esposa sendo tão cautelosa e meiga com ele, algo depois de tantos anos de casado não era comum.

Otto era um homem forte, encarava tudo de frente, mesmo de maneira humana, ignorando, como foi o caso da morte do seu irmão, vivendo como uma casca vazia. Só que diferente do irmão, não era indiferente com Lívia, estava

cheio de irá. O álcool era seu repouso no trabalho, enquanto na sua casa, seus calmantes.

Não sabia como lidar com essa situação, o que poderia fazer para reverter, mas não conseguia pensar em nada. O seu trabalho era o sustento de sua família, o dinheiro que seu irmão lhe deixou era destinado para instituições de tratamento de câncer para honrar sua memória e da mãe deles, não pegaria esse dinheiro para fugir de seu labor. Deixaria o tempo ser o remédio de toda essa situação, o tempo ajudou com a morte de seu irmão, também faria ele lidar com essa situação.

Proibiu Lívia sair de casa. Mas por não saber como lidar com a situação, pensando em resolver a própria situação primeiro, mas em nenhum momento sequer pensou em ajudar sua filha com todas essas circunstâncias, pensando exclusivamente em si.

Só que Lívia não obedeceu, na primeira vez que saiu, saiu a revelia de casa. Otto estava dormindo profundamente, depois de alguns copos de cachaça. Clara indo verificar como estava sua filha à noite, tinha esse costume desde sempre, principalmente depois de todo esses acontecimentos terríveis em sua vida, não a encontrou em sua cama. Não queria contar para Otto, entretanto, a preocupação de algo acontecer com Lívia no meio da noite, fez ela fazer o que não queria.

Otto acordou confuso, sentou-se na cama para organizar os pensamentos e depois de respirar um pouco, pediu para Clara contar o que estava acontecendo, ele ouviu em silêncio.

— O que faremos Otto, pode acontecer algo com ela na rua — disse com voz de choro e cheia de preocupações.

Otto ficou em silêncio, não teve um ataque de fúria como esperava Clara, disse para ela dormir, somente isso, pois sabia que não aconteceria nada. Foi para cozinha, pegou um copo, *"ela quer me ver morto?"*, se questionou, *"já não basta o que estamos vivendo, ela quer piorar tudo?"*, enchendo seu copo. Sentou-se no sofá e ficou bebendo, pensamentos brandos viam, outros de preocupações, mas depois de relembrar toda situação que está vivendo, como foi ao receber aquelas fotos no trabalho, sentiu uma irá que o fez chorar.

Quando ouviu o barulho no quarto de Lívia, quando percebeu que ela voltou, não pensou duas vezes, entre o grito da sua esposa que estava na sala aflita pedindo para ele esperar e entre ao entrar no quarto, recebendo o mesmo pedido de sua filha, começou a bater nela com mais força do que foi a primeira vez. Os braços já cansados e por Clara o impedir após ver o sangue saindo do rosto de Lívia, parou. Saiu do quarto deixando as duas a sós.

Indo para sala se sentar, perguntando-se não sobre o que está acontecendo em sua vida, mas como ser-humano, pai, marido, filho, como acabou virando aquilo: *"mamãe, o que eu faço...?!"* perguntou em pensamento, colocando a mão em seu rosto e chorando. Quando se fez essa pergunta e as lágrimas começaram a cair, um arrependimento encheu-lhe o peito; não era esse o pai que sua mãe queria para sua neta; não era esse o pai que sua esposa queria; que sua filha precisava passando pelo momento que está passando.

Deitou seu pescoço no sofá com o rosto vermelho e fechou os olhos brevemente, adormecendo. Não sabia o que faria amanhã, nem pesava nisso, mas Otto seria um homem diferente, isso seria. Mas ao acordar do breve sono, ouviu um barulho no quarto de Lívia, sabia o que isso significava. Não sabia se era dia ou noite, mas sabia o que ela estava fazendo. Agora sem raiva, querendo conversar com ela, querendo dizer que tudo seria diferente, como se tivesse se tornado um homem completamente diferente. Abriu a porta da saída gritando o nome de Lívia, pedindo para esperar, mas ela se foi fazendo Otto prostar-se de joelhos.

Clara perguntou ao Otto o que tinha acontecido, contou o que houve, mas além de dizer que Lívia se foi, também disse que estava disposto a fazer as coisas diferentes, queria dizer isso para ela, mas não teve oportunidade. Clara vendo que Otto está completamente destruído, pálido, com olhos angustiado, como se fosse uma criança, refletindo o seu

arrependimento. Sabia que não podia contar com ele neste estado, então se arrumou, pegou o carro para ver se encontrava Lívia. Não tinha a mínima ideia para onde ela foi, então foi olhando o quarteirão, depois foi para os pontos de ônibus, depois para rodoviária, pensou em ir ao parque que ela tinha dito ter ido na última vez, mas era improvável pelo horário. Voltou para casa, pois se esqueceu de fazer a coisa mais óbvia que era ligar para as amigas de Lívia.

Ligou para as duas amigas mais próximas de Lívia que tinha contato por conhecer os pais delas, não querendo mais fofocas que já estava tendo, muito habilmente, inventou a desculpa que estava preocupada se a filha estava bem, quando negaram que ela não estava lá, pediu desculpas, dizendo que ela tinha ligado errado, era para casa de outra amiga dela.

As duas que ele tinha conhecimento, não sabiam nada sobre Lívia, queria ligar para polícia, mas da última vez que ligou disseram somente poderiam fazer algo depois de 32hrs, não ligou por Lívia ter voltado no mesmo dia, fez a entender o porquê desse período de tempo, apesar de que no momento ficou revoltada, achando algo inadmissível. A última situação que viveu isso, ficou desamparada, sendo Otto com sua frieza e raiva sendo sua força, temendo por Lívia, mas agora; vendo-o naquele estado, vendo seu arrependimento, sua angústia, decidiu ser o pilar que o ajudará a se manter de pé.

— A outra vez ela voltou, dessa vez ela vai voltar, não se preocupe — disse Clara para Otto, sentado no sofá com ele pálido.

Otto não disse nada, nem demonstrou reação que a tinha ouvido, estava parado estático. Ficou ao lado de Otto esperando Lívia voltar. Os dois ficaram sentados no sofá, Clara com o passar das horas seus olhos começaram a ficar cansados, deitando-se no ombro de Otto, adormecendo, acordando poucas horas depois, umas seis horas e pouca dá manhã.

— Não dormiu?

— Não consegui, diferente de você.

— Do que está falando, minha cabeça não está no lugar.

— Não, você está toda babada — disse Otto sorrindo levemente.

Clara passou a mão nos lábios e ficou sem graça, indo no banheiro lavar seu rosto e escovar os dentes. Voltando para sala, perguntou a Otto se tinha dormido, esquecendo que já tinha perguntado.

— Não consegui pregar o olho — respondeu angustiado.

— Vamos tomar café e esperar, não tem mais nada que possamos fazer.

E não tinha, ambos estarem preocupados nada de bom iria vir disso. Clara preparou o café, os dois fingiram tomar, não tinham estomago, só conseguiam esperar alguma notícia de Lívia.

— Onde ela se meteu? — Finalmente questionou Otto, demonstrando preocupação, uma diferente, com palavras.

Antes de Clara responder o telefone começou a tocar, ela correu para atender, todo o disfarce dela caiu:

— Ela está bem! — Disse Clara aliviada para Otto.

Clara saiu da ligação e contou tudo para Otto, o tranquilizando, mas ao invés dele sair correndo para pegar Lívia, decidiu discutir com Otto sobre o que aconteceria quando ela voltasse. Como ele tinha dito antes, reafirmou que queria fazer as coisas diferentes. Discutiram durante meia hora, eles não tinham muitas opções para ajudar Lívia, então o mais lógico e levar ela para a casa dos avós maternos, até encontrarem outra solução, uma solução onde os três poderiam ficar juntos.

Lívia chega em casa, antes seu coração estava tranquilo e determinado, agora, sabendo que irá ficar face a face com seu pai, está nervosa, tremendo por dentro; tenta retomar a

coragem, mas era algo difícil. Tudo que é criado no âmbito da imaginação esfarela quando fica deparada com a situação real. Mas ela não pode fugir, tem que seguir em frente, irá enfrentar, mesmo que esteja com medo, mesmo querendo fugir.

Lívia sentou-se no sofá enquanto seu pai estava na mesa de jantar, nenhum dos dois conseguia levantar a cabeça, nenhum dos dois tinha coragem de quebrar o silêncio, mas alguém tinha que dar esse primeiro passo, e foi Otto, não podia ser outra pessoa.

— Eu sei que eu fiz tudo errado, mas eu quero que as coisas sejam diferentes. Tanto que conversando com sua mãe para tomarmos a melhor decisão para seu bem-estar, decidimos que você passe um tempo na casa de seus avós até termos opção melhor.

— Eu não quero ir embora pai — a fala do seu pai, amigável, confiável, fez dispersar toda insegurança que ela estava sentindo. Eu não quero fugir das coisas, eu quero lidar com toda situação aqui, com vocês, sem fugir de nada.

“Eu sei não que não será simples, também sei do que isso acarretou para nossas vidas, muito mais para você, pois chegou no seu trabalho e dever ser difícil.

Mas se não lidarmos com isso diretamente, sempre irá nos perseguir. Fingir que nada aconteceu, não apaga o que aconteceu..., se lidarmos com isso de frente, vai demorar, mas vamos poder consertar as coisas e, sobre os que vão continuar falando mal, continuariam mesmo se nada tivesse acontecido, pois o que eles querem é um motivo para falar de quem não gosta."

O discurso Lívia, diferente de sua mãe no carro, menos energética, mais cativante, menos infantil, mais realístico com situação fez Otto ficar admirado.

— Não vai ser fácil, tem certeza?

— Tenho pai, esse é a única certeza que tenho na minha vida.

Otto sorriu, está orgulhoso de ver sua filha tão determinada, acredita que não poderia ficar mais feliz do que agora, e não sabe dizer o porquê, talvez seja aqueles momentos que criam sentimentos inexplicáveis.

— Perfeito, agora que ambos estamos acertados, irei fazer um almoço delicioso, porque saco vazio não para em pé.

Confrontação

Passou-se uma semana depois de Lívia ter feito as pazes com seu pai. O ânimo entre sua família voltou ao normal, se o que eles estão vivendo agora, pode-se considerar normal. Lívia não foi ao parque nesse período, passou a maior parte de seu tempo com sua mãe e seu pai, da maneira que eles conseguiam desfrutar o tempo juntos, vendo televisão.

Clara foi na escola conversar sobre a volta da Lívia, fizeram um acordo dela voltar uma semana depois, já que ela estava com várias matérias atrasadas. Para ajudar ela voltar ao ritmo e compensar as matérias, a escola iria enviar uma colega para compartilhar o material e auxiliá-la. Lívia ficou curiosa de quem viria, afinal, depois do ocorrido, todas as meninas se afastaram dela até aquelas que ela acreditou que eram suas amigas, uma das quais nunca achou que iria virar as costas, apesar de entender: ser amiga de alguém que está sendo falada, não é fácil.

A campainha de casa tocou, Lívia queria se levantar e atender, mas ficou receosa, faz muitas semanas que não vê ninguém da escola, tirando a última vez no ônibus. Sua mãe estava conversando muito amigavelmente, levantou da cama e ficou prestando atenção na conversa, mas não ouvi o nome da pessoa até agora...

— Olha quem veio, Taiane!

— Oi Lívia, faz tempo. Eu vim trazer as matérias que você perdeu — disse um pouco retraída.

Taiane era uma antiga amiga de infância que a acompanhou até o ensino médio. Ela era a amiga que nunca pensou que iria virar as costas para ela, apesar de entender depois de pensar com mais calma. Taiane está claramente envergonhada, olhou para Lívia e logo depois olhou para baixo.

— Fique à vontade que irei trazer o lanche.

— Senta-se Taiane, vamos conversar.

Disse Lívia para quebrar o clima e ela sentou-se, algo que não ajudou muito. Taiane deveria dizer algo depois de se sentar, mas ficou calada. Lívia ficou também, apesar de querer perguntar o porquê de ela ter a abandonado, apesar de saber o motivo. Uma característica tão humana, perguntar algo que já sabe a resposta, talvez seja para confirmar o que acha, que não seja uma invenção da imaginação. Mas Lívia sabe que a pergunta pode levar para uma outra situação, uma não tão agradável.

— Você vai voltar para escola? — perguntou Taiane seriamente.

— Vou sim.

— Você é idiota? — Perguntou séria, mudando seu espírito envergonhado para feroz.

— Talvez, não sei — disse sorrindo divertida.

— Se você chorar, não vou ficar perdendo meu tempo. Temos que já estudar para o vestibular.

— Eu não vou.

— Pois bem, vamos começar, já que tem muita matéria para você colocar em dia, sem papo furado.

— Ok!

As duas se sentaram na mesa de cabeceira e Taiane tacou diversas matérias para Lívia pegar, não teve nenhuma piedade. Ficaram horas e mais horas estudando, fazendo ela adiantar bastante as matérias, mas faltando muita coisa ainda.

— Estou morta...! Quero morrer — deitou-se na mesa de estudos.

— Espero que seja mentira, não quero ter jogado horas da minha vida no lixo te ajudando.

Lívia virou o rosto olhando para Taiane e as duas começaram a rir como crianças, como as amigas que sempre foram. Apesar de estarem afastadas, parece que se viram ontem. Lívia não sabe explicar esse fenômeno, mas talvez, seja assim que uma amizade verdadeira seja. O tempo que passar que for, anos ou décadas, ao se encontrarem, vai ser como se tivessem se visto ontem.

— Obrigado Dona Clara, mas tenho que ir para casa, amanhã eu volto para adiantar o restante das matérias.

— Vá com cuidado.

— Irei, tchau, tchau!

— Você tem uma grande amiga minha filha! Vá e a acompanhe!

— Eu sei mãe, a maior de todas! Irei!

As duas se abraçaram! Lívia não podia estar mais feliz, tudo está se ajeitando, tudo aos poucos está tomando a forma que devia estar. Lívia queria ir ao parque para visitar Alfonse, mas Taiane deixou matérias extra para ela seguir sozinha e alguns exercícios que ela deveria fazer. Mas por algum motivo, ela se esqueceu do rosto dele... como poderia... "*como ele era mesmo, seus olhos, eram castanhos ou verdes?*". Lívia acredita que seja pelo motivo

de estar muito atarefada com as matérias da escola, mas ao encontrar ele, irá reconhecer. Indo até o portão com Taiane para se despedir:

— Não será fácil... — disse Taiane preocupada a apreensiva.

— Sei que não..., mas preciso seguir em frente Taiane, não quero fugir.

— Até amanhã, durma bem, pois daqui a uma semana será seu primeiro dia de aula depois do que ocorreu.

— Ok! Até amanhã!

Lívia estudou a semana inteira, principalmente os finais de semana, pois na segunda-feira teria que enfrentar a dura realidade.

Lívia não conseguiu dormir como prometerá, os rostos, as risadas, as mensagens, veio tudo como um *tsunami* em sua mente. Fazendo ela tremer, fazendo ela chorar, fazendo ela se lembrar de Alfonse, não só de sua existência, mas também do seu rosto, dos seus olhos azuis e seu cabelo negros lisos, seus lábios rosados e olhar gentil. Queria mais do que tudo estar com ele, mas não podia sair no meio da noite, iria preocupar seus pais, mas amanhã, com certeza,

iria encontrar com ele, depois da escola, estaria ao lado dele.

Lívia ao acordar, arrumou-se para ir para escola, sua mãe lhe abraçou e seu pai lhe desejara boa sorte, como também, muita força. Lívia aceitou o desejo de ambos de coração aberto, pois está cheia de pavor.

— Qualquer coisa, por favor, ligue-me, irei correndo te buscar — Disse Clara.

— Irei mãe, agora estou indo, do contrário, chegarei atrasada.

Menti Lívia indo embora. O carinho dos seus pais fora tão grande que estava quase chorando querendo dizer que mudou de ideia, mas não podia, não depois de tudo, ainda mais pela ajuda de Taiane. Pegou o ônibus para ir para a escola, mas mudou de ideia e desceu em outro ponto, decidiu ir para o parque, ficava no meio do caminho mesmo, *"uma breve troca de percurso não irá matar ninguém"*, disse a si mesma. Chegando no parque viu o Sr. Alves e o Sr. Alves a viu, foi até ela.

— Não devia estar na escola menina? — Perguntou sem muita simpatia.

— Sr. Alves, estudo de tarde, vim passar no parque antes para ver os ipês-amarelos.

— Olha que eu tenho o número de sua mãe, não me venha arranjar problema.

— Pode deixar que não vou!

"Uffa!" Soltou Lívia aliviada, não esperava dar de cara com ele, mas conseguiu contornar a situação. A reação do Sr. Alves foi totalmente diferente quando o chamou pelo nome, algo que aprendeu com seu pai *"Sempre chame um homem pelo seu nome, nele, carrega-se mil vidas"*. Nunca entendeu direito, apesar de tentar. Agora pensando sobre isso, irá perguntar para seu pai uma hora, visto que a relação deles está totalmente diferente.

Procurando Alfonse no gazebo não o viu, foi no lugar onde se conheceram e se sentou, era um lugar muito grande para Lívia investigar cada ponto.

— Você não devia estar na escola vestida assim? — uma voz familiar soa atrás dela, uma voz que ela conhece muito bem.

— Alfonse! Achei que você estava em casa — levantou-se e o abraçou bem apertado.

— Não vai responder?

— Devia, mas me deu uma crise de pânico, então desviei o caminho. Estou com medo Alfonse...!

— Estranho seria se não estivesse — disse sorridente. Mas o nervosismo vai ser o mesmo amanhã, como depois de amanhã, e assim, você nunca vai deixar de desviar o caminho.

— Se eu for agora, todos vão olhar para mim, irei chegar depois do sino ter tocado, vai ser constrangedor — disse Lívia olhando para o chão, sentindo calafrios só de imaginar a cena.

— Vai, pode apostar que vai, mas seria de qualquer maneira se você chegasse antes do sino tocar. A professora deve ter avisado a sua turma que você estaria lá, eles não te vendo, vão ligar para seus pais e eles vão ficar preocupados.

— Então..., eu tenho que ir né...?

— Não, você pode voltar para casa, você pode sair da escola e se escrever em outra. Você tem um leque de opções, mas todas levam para um caminho diferente, quais deles vai ser o melhor, não tem como saber. Agora, a decisão tem que ser sua, afinal, é a sua vida e daqueles que você ama também.

Lívia decidiu ir para escola, essa era sua escolha, foi muito antes, não queria voltar atrás. O discurso de Alfonse a ajudou profundamente, a encheu de energia, sabe que ao chegar na escola será diferente, talvez essa força que enche todo seu ser pode desaparecer, mas iria desaparecer de qualquer jeito caso fosse para ser. Abraçou Alfonse e o beijou na bochecha o deixando desconfortável, despediu-se e pediu para que a desejasse boa sorte.

— Boa sorte, quero as novidades! — Disse alto para Lívia que estava correndo para pegar o ônibus.

— Pode deixar! — acenando sem se virar.

Como Lívia esperava, a escola estava fechada, tocou o interfone sem pensar muito, explicou a situação, mentindo, dizendo que tinha perdido o ônibus. Abriu o portão e foi recepcionada pela recepcionista que a abraçou, dizendo que estava feliz por a ver, as demais que estavam na secretária fizeram o mesmo.

— Deseja que eu a acompanhe querida?

— Estou bem, obrigada, eu sei o caminho. Fico agradecida pela recepção calorosa, mas tenho que ir, já estou atrasada.

Lívia estava em estado totalmente de transe, uma parte do seu cérebro processava que estava acontecendo, a outra

parte da consciência dela tomava as decisões, fazendo ela agir inconscientemente. Ela estava mais próxima de um humano robô do que qualquer robô humano poderia estar perto de um humano.

Mas chegando na porta de sua sala, o terror tomou conta dela, fazendo ela voltar ser humana. Mil imagens formaram em sua cabeça, imagens de tudo que aconteceu até ela chegar naquela porta; imagens que fez ela parar de ir à escola, imagens que fez seus pais tanto sofrerem.

Paralisada, sem saber o que fazer, ouviu a voz de Alfonse, uma voz distante dizendo *"você pode voltar... a escolha no final é sua... é sua vida."* Lívia sorriu, fechou os olhos, respirou fundo, bateu três vezes na porta.

— Pode entrar.

Lívia abriu a porta e todos olharam para ela, uma visão que não esperavam ver nunca mais em suas vidas.

— Estou de volta pessoal...!

Esse momento pareceu estático, não só para Lívia, mas para todos seus colegas. Algo inesperado que eles não sabiam como reagir, até mesmo aqueles que zombavam dela e ajudaram a disseminar o que aconteceu. Afinal, ela voltou e se apresentou como se nada tivesse acontecido, como se

tivesse passado umas semanas de férias fora da época e voltado para a escola.

— Por favor, sente-se Lívia, temos que continuar a aula — disse o professor.

— Tudo bem.

Lívia sentou-se, não sabe agora como está se sentindo, uma enxurrada de emoções está dentro dela, tirando o fato de ela sentir o olhar desconfortável de seus colegas para ela. "*Só fingir que nada aconteceu, só fingir*", disse Lívia para si mesma abrindo o caderno e começando anotar a matéria que está no quadro negro.

— Como foi esse tempo fora, aproveitou bem? — perguntou Ketleyn de maneira muito natural.

— Muito bem, obrigada!

— Eu quero férias, a escola é um saco, sou muito burra! — desabafou.

— Você não é burra, só não consegue aprender as coisas.

— Essa é outra maneira de me chamar de burra? — perguntou em dúvida.

Lívia começou a rir, fazendo Ketleyn rir também, fazendo o professor chamar atenção das duas.

Não tinha melhor pessoa de se ter ao lado do que Ketleyn. É uma garota que vivia a margem de tudo, não sabia de nada, por não se interessar por nada. Todos questionam o futuro dela, ninguém sabe para onde sua mente vai. Isso faz ela ser uma pessoa muito fácil de se lidar, como também conversar. Ketleyn não vê coisas passadas, muito menos se importa com coisas futuras, ela vive o presente e exclusivamente o presente. Fazendo Lívia sentir-se triste neste momento que espera o professor passar a próxima matéria, pensando no momento divertido que tiveram juntas, sendo que antes disso tudo acontecer com Lívia, ela fazia troça pelas costas dela no passado, com as supostas amigas que tinha que para o leitor entender, chamadas de "populares".

Pensando sobre suas amigas do passado, questiona-se como vai ser quando se encontrarem, felizmente, elas não estão na mesma turma que ela.

O pior ela tinha passado, agora, não imagina algo extraordinário acontecer, talvez alguns momentos constrangedores, mas só!

E tais momentos constrangedores aconteceram, piadinhas, indiretas, risadas, tendo única pessoa do seu lado Taiane e

Ketleyn; por algum motivo as duas estavam andando juntos quando questionada, o porquê Ketleyn estar com elas *"sei lá, só estou te seguindo"* respondeu a Taiane.

— Irei no banheiro, já, já volto — Disse Lívia se levantando da mesa do refeitório

Lívia não queria usar o toalete, na verdade, queria poder respirar um pouco. Sentia que todos estavam a olhando e os que não estavam, achava que estavam falando sobre ela. Realmente, alguns olhavam para ela e comentavam, mas não tanto pela ocorrido, mas surpresos dela ter voltado para a escola. Isso chamou a atenção de todos, apesar de ainda ter pessoas maliciosas, só que não ao ponto de tornar seu dia insuportável. Indo para o banheiro, olhava para frente, fingindo que ninguém existia*, "estou sozinha, sozinha neste corredor"*, dizia para si mesma, apagando todos aqueles que estavam na sua frente como nas suas costas, indo para outros lugares ou somente encostados na parede conversando.

Chegando no banheiro, abriu a torneira, molhou o rosto e deu um grande suspiro: *"quero ir pra casa logo, quando vai acabar?"* questionou-se para si mesmo. Pegou umas toalhas de papel e passou no rosto, uma colega passou por suas costas e disse *"vadia exibicionista"*. Isso a fez tremer, ficar paralisada.

Foi para o banheiro e se trancou lá dentro, colocou os cotovelos sobre os joelhos e apoio sua cabeça em suas mãos, respirando fundo, pesando que estava sendo muito bom para ser verdade. Mas era esperado, felizmente, não foi a pior coisa que passou no seu dia, respirou fundo, deu dois tapas leves no seu rosto, levantou-se e saiu. Para sua infelicidade, quem estava esperando na porta do banheiro era seu ex-namorado Renor. Um garoto de cabelo lisos e castanhos, seus olhos castanhos são gentis e para Lívia demonstra uma grande culpa.

— Poderíamos conversar um pouco? — perguntou não conseguindo olhar diretamente em seus olhos.

— Se eu pudesse, nunca mais te viria por toda minha vida — Respondeu Lívia seguindo seu caminho para o refeitório.

— Lívia, por favor, ouça-me, deixe-me explicar...! — disse para Lívia como se suplicasse, mas soava como um sussurro.

— Explicar o quê? Não tem explicação — Disse Lívia se voltando para Renor.

— Vamos para um lugar mais calmo...

— Não irei para lugar nenhum com você, não quero ouvir suas desculpas vazias que para mim não significara nada,

que não mudará nada. Não quero saber, não quero saber o que você quer me dizer, não irá mudar o que estou vivendo. Por favor, só me deixe só!

Lívia seguiu em frente, Renor olha para os lados e seus dois colegas fingem que não viram nada, algo que eles farão questão de passar para frente, fazendo Renor envergonhado ir embora.

Renor não é um garoto ruim, só tem um desejo grande de aprovação, achando que poderia ser preenchida pela atenção dada aos seus supostos amigos. Lívia é uma garota muito bonita, mas que sempre conversava com ele, seus amigos logo imaginavam coisas, coisas que ele fazia questão de não corrigir. Diferente de seus amigos, quando estava com Lívia, ele era ele mesmo. Só que quando eles começaram a namorar, a pressão dada pelos seus amigos era grande, tinha que se tornar homem. Logo, ele insistia coisas com Lívia que ela não queria, foi uma grande vitória para ele quando conseguiu as fotos, fotos que fez questão de mostrar para seus amigos. Quando eles viram a foto, disseram para ele *"está um passo de levar ela para cama, vai fundo que não tem como dá erro"*, mas deu, na verdade tudo piorou. Lívia estava cada vez mais afastada dele pelos olhares dos seus amigos e comentários, sabendo que ele mostrou o que ela mandou para ele. Renor sabia que não iria demorar para ela pedir o término do namoro, e seus

amigos também perceberam isso, tendo a ideia de ameaçar ela com a foto.

— Isso é crime — disse Renor horrorizado pela ideia.

— Não quando você é menor — disse um dos amigos. Meu pai é advogado e ele me deixa a par de tudo, bem, pelo menos, o meu direito constitucional como menor de idade: omissão total de qualquer responsabilidade legal! Nem fica na sua ficha, deixa de ser burro.

Essa resposta do seu amigo fez todos o pressionarem, logo a ameaçou, não dando o que queria, não precisou espalhar, um dos amigos pediu a foto e disse que faria o trabalho sujo. Não queria enviar, mas ele o pressionou dizendo que *"melhor com a gente do que contra a gente"*. Renor sabia o que isso significava e não queria ficar sozinho, enviando as fotos. O momento que enviou mergulhou em um arrependimento, uma culpa, que nunca sentiu em sua vida. Ajoelhou-se na cama e começou a rezar por um milagre, um milagre que solucionaria tudo isso, não afetando de maneira nenhuma Lívia, o que não ocorreu.

Ficou mais calado, pensou diversas vezes se afastar dos seus "amigos", mas não queria ficar sozinho, ninguém decente iria querer ser amigo dele depois do que ocorreu, sendo que um colega lhe disse *"gente como você é a desgraça deste país"*. Só que pessoas como essa que lhe disse tais palavras

fazendo refletir sobre toda sua vida, são excelentes por natureza, pessoas formidáveis são poucas, diferente da massa, que vinha falar com ele divertido de seu feito que não era nada dele, mas que não corrigia, só aceitava. Nada ocorreu com Renor, saiu limpo, enquanto Lívia sofria todo tipo de ataque possível.

Quando ela voltou para escola ficou surpreso, feliz por um breve momento, mas angustiado, queria mudar as coisas, queria se redimir. Todavia, como ele imaginava, não séria possível, como ela deixou bem claro. Não sabe o que fará de agora em diante, mas irá seguir em frente, seguir a corrente que o fez chegar até no lugar que chegou, esperando que as coisas melhorem.

— Perai, você estava conversando com Lívia — Perguntou Thiago.

— Só troquei breves palavras com ela, descobrindo como ela está.

— Já vi gente filha da puta, mas do seu nível nunca! — disse divertido. Vamos, a rapaziada irá fumar uns cigarros, estamos atrás da escola. Temos muito o que conversas, hoje foi um dia interessante.

— Pode apostar que foi! — Disse sorridente Renor.

Lívia sabia que o momento que iria se encontrar com Renor era inevitável, mas jamais pensou que ele iria pedir para conversar com ela, pior, sendo de maneira tão natural, como se tivesse cometido um erro bobo, algo banal, como falar mal dela pelas costas. Apesar disso ter sido um evento inesperado, de alguma forma, tirou da mente dela o que a menina falou para ela no banheiro, focando sua frustação no ocorrido com o Renor. Chegando no refeitório e sentando se com suas amigas, falou do acontecimento.

— Que cara de pau ele teve, você fez bem Lívia, tem que cortar o mal pela raiz, e mais, caso ele continue indo atrás de você, trate de comunicar a diretoria e seus pais para tomarem providência — disse Taiane indignada.

— É, por que ele diabos ele ia te pedir desculpas, hein? — questionou Ketleyn com o mesmo tom de indignação de Taiane, mas sem saber o motivo.

— Ketleyn, você é muito tapada. — Disse sem acreditar Taiane, pela sandice dela.

— A sei lá, só queria entrar na onda, o que ele fez? — perguntou curiosa. Ah, e é KETLEYN, COM “K”.

— Nada Ketleyn, a ignorância é uma benção, não busque saber de coisas ruins, só não se aproxime dele, por favor — Disse Lívia gentil para Ketleyn, agradecendo o jeito que ela

é. Seu nome é difícil de pronunciar, parece queijo ao contrário.

— Ok!

A reação de Ketleyn fez Lívia se preocupar mais com ela do que soltar ainda mais sua indignação para as duas. Não queria que ela fomentasse sentimentos ruins como Taiane fomenta, sua bondade e inocência, ou talvez sua característica única de viver no mundo da lua, torna ela a pessoa mais incrível de se ter ao lado nessas situações, pois a faz esquecer do ocorrido, como também lembra que o mundo não roda ao seu redor.

Infelizmente para Lívia, essa não foi a primeira situação que o encontrou, ao mudar de classe foi uma, outra foi quando o sinal de saída tocou se encontrando com ele novamente. Questionou-se se os deuses queriam pregar uma peça nela, mas como está na hora de ir embora, e sua mãe preocupada foi buscar ela, dando carona para Taiane e Ketleyn, tendo que voltar o caminho por Ketleyn achar que iriam para o shopping passear.

— Sua amiga é uma peça! — disse divertida Clara depois de deixar Ketleyn em casa.

— A maior de todas, mãe!

Entrando em casa, esparramou-se no sofá:

— ESTOU MORTA! — disse alto para sua mãe vir fazer um chamego nela.

— Mas voltou viva! — retrucou.

Clara fez a sobremesa que Lívia mais gostava desse mundo inteiro, torta de limão, algo que realmente reanimou seu animo e a deixou mais positiva. Depois de tomar banho e trocar de roupa, deitou-se na sua cama refletindo sobre seu dia e o que podia esperar nos próximos. Algo que a ajudou foi Taiane contando a ela que não sabia é que três colegas foram pegos, duas meninas e um menino, fazendo ato sexual no banheiro, isso foi um escândalo horrível que fez o que aconteceu com Lívia se ofusca-se totalmente, deixando Ketleyn horrorizada ao ter tido conhecimento, fazendo Taiane dizer *"você vive no mundo da lua mesmo"*. Algo que ela saberia se não tivesse se afastado totalmente do celular e de suas redes sociais. Os três alunos foram expulsos, mas mesmo eles sem estarem na escola, todos ainda comentavam rindo, outros achando um absurdo, outros querendo fazer o mesmo, mas apesar disso ter ofuscado totalmente Lívia, não a deixou sair ilesa de alguns comentários, como ocorreu no banheiro. Afinal, fotos nuas não chega perto do que seus três colegas fizeram, apesar delas não sumirem, mas colegas que não gostavam dela, ainda usam isso para machucá-la, enquanto os demais a

ignoravam, fazendo parecer que tem lepra. Então, ela está excluída por grandes partes dos seus colegas, no entanto, sendo com os que Lívia não tinha relação, até mesmo que fazia piada, estão a tratando muito bem.

— É tão irônico!

Disse Lívia com a cabeça sobre o travesseiro depois de pensar sobre tudo isso.

Ela olhou para seu criado-mudo, o celular dela está guardado em uma das gavetas. Abriu a gaveta e ligou seu celular ao ligar e se conectar com a internet, várias mensagens começaram a brotar na tela, muitas a ofendendo, dizendo coisas horríveis, mas era antiga, do período do ocorrido. Ela excluiu todas as mensagens das pessoas que as estavam ofendendo, também removeu o número de cada uma delas.

Entrou no bate-papo da Taiane, tinha uma mensagem longa dela, duas semanas depois de Lívia ter parado de ir à escola:

“Lívia, perdoe-me, eu não queria me afastar, muito menos rir de você, mas o clima da escola estava terrível, caso eu ficasse ao seu lado, eu seria o alvo do *bullying* deles também, estava com muito medo.

Tirei essa semana para refletir, e nossas amigas, que eram mais amigas suas do que minha, são pessoas que não quero ter mais contato e aos poucos estou me afastando, não quero elas no meu pé, também, nunca foram muito próximas delas também, só se aproximarem de mim por causa de você mesmo

Quero que seja forte, quando você precisar de mim, saiba, estarei aqui, caso ainda queira minha amizade, a terá!

Eu te amo muito!”

Lívia ficou muito feliz de ler a mensagem, mas refletindo sobre o primeiro encontro das duas, ela agiu completamente diferente. Taiane é uma menina peculiar, uma caixinha de surpresas, não sabia que ela tinha esse lado tão doce.

— Filha, vai comer no quarto?

— Irei comer assistindo televisão — Respondeu Lívia se levantando.

Ligou a televisão, colocou no noticiário, mas tinha tantas noticias ruim que mudou. Encontrou um programa de variedade, mas não gostou muito, trocou e colocou em um desenho que ainda reprisa na televisão que assistia quando criança e deixou nele.

— Como foi a escola? — perguntou agora com tom mais sério, querendo a opinião sincera de sua filha.

— Uma zona de guerra desabitada — respondeu comendo um pedaço de torta.

— E o que isso quer dizer? — perguntou Clara divertida.

— Bem, irei te contar das fofocas, senta-se aí.

Clara adora uma fofoca, ela só vai no salão para saber das coisas que está acontecendo.

— O QUÊ! Transando no banheiro?! — Clara não acreditou no que ouviu.

— Para tu vê, esse mundo está perdido — respondeu comendo outro pedaço de torta. Então, como meu caso não chegou nem perto, as pessoas estão me ignorando agora, estão comentando sobre isso que nem doidos. Claro que tem algumas meninas que ficam fazendo gracinhas para mim, mas não chega nem perto do que passei no começo.

— Estou chocada! — algo para contar no salão. Então as coisas estão mais fáceis, certo?

— Sim, muito mais fáceis!

— Agora tu sabe, né?

— O quê?

— Nada de menino, nada de foto, sabe né?

— Sim, isso nunca mais vai acontecer.

Falando sobre meninos, ela se lembrou do Alfonse, tinha se esquecido completamente. Ficando com o pensamento distante e sua mãe percebendo, achou que tem alguém.

— Lívia, não tem mais nenhum menino, né? Eu te conheço. Lívia, se você estiver se metendo...

— A mãe, cuida da tua vida! — se levanta e vai para o seu quarto, fechando a porta.

— Lívia, estou falando sério, não quero saber de menino, te tiro da escola a força e te mando pra Minas está me ouvindo?

— Tô!

Caso Lívia contasse sobre Alfonse para sua mãe, ela com certeza apoiaria a amizade dos dois, mas ela sente algo maior do que amizade. O vê mais do que uma paixão, um

amor, mas também um tesouro que não quer compartilhar com ninguém, querendo guardar escondido só para ela. Quer visitar ele, mas apesar de ter enfrentada bem seu primeiro dia de aula, quer ter mais o que contar para poder ficar conversando com ele, por isso decidiu visitá-lo no final de semana.

Otto chegou do trabalho exausto, ficou muito tempo fora, por isso teve que adiantar muita coisa. A primeira coisa que fez foi se sentar no sofá e jogar sua cabeça para trás, soltando um grande suspiro.

— Quer torta? — perguntou gentilmente Clara, se sentando ao lado de seu marido.

— Quero dormir, estou morto — respondeu suspirando no final. Como está Lívia?

— Está bem, foi bem seu primeiro dia de aula.

— Que bom, irei dormir, acorda-me na hora do jantar.

— Eu acho que seria uma boa ideia você conversar um pouco com ela.

Otto olhou para ela com um olhar de estranheza e ela o olhou com um olhar gentil e amoroso. Clara quer que os dois fiquem mais próximos, já que eles quebraram a

barreira de anos que estava entre eles; quer fomentar essa relação que eles tinham quando Lívia era criança. Voltar a agir como antes, seria voltar com aquela barreira entre eles, e Clara não queria isso de jeito nenhum.

— O que foi mãe? — perguntou Lívia ao ouvir três batidas na porta.

— É o seu pai.

— Pode entrar!

Lívia ficou surpresa, não esperava seu pai.

— O que que foi? — perguntou se levantando da cama.

— Quero saber como foi seu dia — sentando-se na cama.

— Foi legal.

— Tudo bem.

Otto se levantou, fechou a porta e foi embora, Lívia não entendeu essa interação. Talvez seu pai quisesse dizer outra coisa, mas via claramente na face dele que estava exausto, as olheiras de baixo dos olhos mostram que foi um dia muito cansativo para ele.

— Conversei com ela — disse Otto indo direto para quarto.

Clara não entendeu o que eles poderiam conversar em breves milissegundos, mas era alguma coisa. Por mais que as relações dos dois tenha mudado depois do momento que viveram juntos, esperar que ambos no seu cotidiano tivessem uma mudança tão rápida assim, seria esperar demais.

Jamais Te Esquecerei

Após as provas do 2º semestre em dezembro, Lívia está no shopping com Taiane e Ketleyn, tomando sorvete de casquinha. Depois dos meses se passarem, tudo ficou melhor, tudo ficou normal. Tudo que Lívia viveu antes parecia mais um sonho. Não que não tenha deixado suas sequelas, mas Lívia as vê como algo bom. Fazendo ela se afastar de pessoas que devia estar afastada e ter tido a oportunidade de conhecer novas pessoas e fazer novas amizades, mas nenhuma tão forte quanto as de Taiane e Ketleyn que estavam com ela no começo de tudo.

— As coisas estão muito melhores na escola agora, não acham? Sempre sentia que tinha olhares em nossas costas — observou Ketleyn.

— Sim, aquelas meninas estavam enchendo o saco. Parece que elas não tinham nada melhor para fazer — respondeu Taiane concordando. Mas Lívia, está tudo bem?

— Ah! Falou comigo? — Lívia estava divagando no vazio de sua mente.

— Será que a sonsice de Ketleyn é transmissível, lógico que é contigo.

Ketleyn franziu as sobrancelhas, dando logo em seguida uma mordida forte no sorvete.

— Meu cérebro congelou!

Taiane e Lívia começam a rir.

— Quem dera! — disse divertida. Na verdade, ultimamente, sinto que estou me esquecendo de algo, mas não sei o quê.

— Talvez não seja nada importante, pare de viver no mundo da lua.

— É Lívia, minha mãe fala que sou cabeça de vento, mas eu não me preocupo com isso não; se eu esqueço de algo, eu sigo em frente — disse Ketleyn se sentindo sabia.

— Como esquecer todo seu material escolar em casa, vindo da mochila vazia. Pra quê caderno, não é? — perguntou ironicamente Taiane.

— Exatamente!

— Não é algo bobo como o material escolar — disse olhando diretamente para Ketleyn, fazendo as duas rir. É realmente algo importante, mas não consigo me lembrar...

— Minha mãe fala que quando se esquece de algo importante é bom refazer os passos, aí vai encontrar — sugeriu Ketleyn querendo ajudar Lívia.

— Mas para isso, tem que se lembrar que esqueceu de algo!

— Taiane, vou ficar chateada contigo se continuar pegando no meu pé — desabafou Ketleyn, por mais que ela seja uma pessoa bobinha, ela não é nada boba se tratando de quando alguém está fazendo troça dele, pelo menos, quando é constante como Taiane.

— Desculpa Ketleyn— pediu perdão Taiane arrependida, viu que Ketleyn realmente está magoada com ela—, mas você é tão cabeça de vendo que não dá.

— É, mas não é legal não, é muito feio esse tipo de coisa.

Taiane e Ketleyn, que viraram grandes amigas, Taiane sente uma tremenda culpa vendo que Ketleyn realmente está chateada. Tenta se redimir, pois a culpa que sente é grande, as duas ficam desabafando, ignorando totalmente Lívia. Deixando ela presa com seus pensamentos, tentando se lembrar de algo que não consegue de jeito nenhum.

De repente, começa a chover, uma chuva forte, fazendo uma memória surgir, embaçada, não sabia se era real ou uma construção de sua mente fértil. Lívia via que estava deitada sobre alguém e sentia seu calor, dizia alguma coisa, mas só ouvia o barulho da chuva, fazendo ela crer com mais certeza que foi uma criação de sua imaginação.

Taiane e Ketleyn fizeram as pazes depois de uma discussão de mais de uma hora, discutindo os pormenores da relação das duas.

— Sinto que caíra o céu com essa chuva terrível — disse Taiane.

— Ainda bem que eu fui no banheiro.

Lívia e Taiane olharam para Ketleyn incrédulo pelo comentário nada a ver com a situação. Normalmente Taiane faria um comentário sarcástico sobre essa fala de Ketleyn, mas depois da discussão que tiveram, não queria que ela ficasse chateado com ela novamente, como também tinha prometido que não mais brincaria desse jeito com ela por a deixar chateada.

Como todas as vezes Clara foi buscar as meninas e deixar cada uma em suas respectivas casas, perguntando a sós com sua filha como tinha ido o passeio. Diferente das demais vezes, Lívia não se prolongou de contar como foi, pois estava pensando na chuva, mas não a que está caindo agora, mas da que se lembrou, pois acredita que aquilo foi mais do que uma criação de sua cabeça, tinha algo a mais.

— Meu amor, o dia do aniversário de sua avó está chegando, quer ir ao cemitério com a gente limpar o túmulo?

— Vou sim — trazendo-a de volta para o mundo real.

— Seu pai ficará muito feliz, esse dia é difícil para ele.

Lívia percebeu que seu pai estava mais taciturno do que o normal, mas tinha se esquecido de que era o aniversário de sua avó, pois o dia dos finados, achou que não teria que fazer mais nenhuma cerimónia.

Isso acontece todo ano, Lívia devia saber, mas sua cabeça apesar de ter voltado ao normal depois do ocorrido, outras preocupações vieram a ocupar sua mente, como lembrar de qual lugar é aquela chuva, daquele calor que sentiu que a apertava, *"apertava-me?"* questionou-se Lívia.

Alfonse andando pelo parque das árvores de ipês-amarelos, não usando aquela roupa que usualmente aparecia para Lívia. Estava vestindo uma túnica marrom curta de mangas amplas, ajustada ao corpo por um fechamento central sobreposto; a parte inferior era formada por um painel de tecido, dividido em inúmeras pregas profundas que desciam até os tornozelos. Quando caminhava, as dobras se abriam e fechavam como ondas.

As árvores de cerejeiras já flóridas com suas lindas pétalas amarelas, espíritos pequenos jogam pedrinhas na cabeça de Alfonse.

— Eu vou devorar vocês! — rugi para eles.

Disse alto com os braços erguidos os assustando, ficando apenas um dizendo *"Anhangá vai te punir"*, fazendo Alfonse pensar, *"o que ele mais poderá fazer...?"*. Alfonse foi amaldiçoado por Anhangá há muitas décadas por ter se suicidado no parque onde abrigava tantos espíritos que ele protegia, dizendo a ele:

"Você que profanou um solo onde habita vários espíritos puros.
Você por ter profanado um solo sagrado, será condenado a toda eternidade a acalentar toda alma angustiada e nunca será lembrado por isso."

Alfonse não consegue se esquecer desse dia, apesar de todos os anos. O corpo dele pendurado na árvore pela corda que ele colocou no pescoço, vendo sua face pálida e lábios roxos, sendo condenado por toda eternidade.

Anhangá lhe apareceu na forma de um veado branco com olhos vermelhos e ao professar seu fado, desapareceu em uma neblina branca, a mesma neblina que o fez aparecer. Não sabia o que fazer, o que dizer, tudo para ele parecia um pesadelo, como se não tivesse feito o que tinha feito, como não tinha sido fadado ao que tinha sido fadado, mas o tempo passava e seu corpo lá estava pendurado. O jovem guarda, que se manteve no trabalho até os dias presentes,

Sr. Alves ficou aterrorizado, tentou o salvar por mais que já tinha há muito tempo morrido.

A primeira mostra de que não estava sozinho foi a dos espíritos. Os menores, pequenos, não tinham face, normalmente esses, usavam mascaras com uns desenhos simples: alguns maiores exibiam seus próprios rostos. Nunca soube o motivo disso, eles nunca foram muito próximos para poder explicar. No começo, os pequeninos ficavam distante o observando, depois praguejavam e se escondia, depois vendo que ele não era tão ameaçador, começou a incomodar ele de todas as maneiras possíveis. Talvez ele seja o primeiro caso de um humano ter sofrido *bullying* por espíritos. Isso não era exclusivos dos pequeninos, mas também dos maiores, alguns enormes, esses eram mais poderosos, podia sentir algo especial vindo deles. Mas esses diferentes, brincavam com ele, o enganavam, faziam promessa de o liberta caso fizesse alguns afazeres para eles para que no final rirem de sua cara dizendo: *"Humano tolo"*.

Entretanto, nem todos os espíritos eram ruins, ou queriam lhe fazer mal, lhe davam algum calor de contato social. Pouco por ele ser "*Anhanga boia"* (servo de Anhangá), mas não um servo de um Deus que é tratado com total reverência por qualquer espírito, seja ele forte, grande ou respeitável pelos demais espírito que seja, era um servo

amaldiçoado. Amaldiçoado a cumprir o desejo dele por toda eternidade por um ato profano.

— Anhanga boia, está triste? — perguntou um espírito que usava uma veste parecida com a de alfonse, mas muito mais elaborada tendo como cor destaque a cor roxa, tirando os demais utensílios, passando a pata no seu cavanhaque.

O espírito que veio falar com Alfonse nunca disse o nome para ele. Aparece esporadicamente no parque para ver as flores ou conversas com outros espíritos. Sua forma é estranha, podemos descrevê-lo como um lobo-guará bípede. O que mais chama atenção nele é o chapéu em formato de cone que usa. Esse tipo de espíritos, espíritos que tem forma de animais não são incomuns, alguns deles, podem se transfigurar para o plano mundano e interagir com os humanos, mas normalmente, esses casos, são espíritos especiais, que antes de animais são espíritos, mas conseguem interagir com o mundo humano, mas são casos raros. Esses, conseguem ganhar forma bípede, também falar, a maioria dos animais só conseguem no máximo interagir com os espíritos em sua forma animal, sem ganhar nenhuma características especial.

— Caso eu diga, irá rir de mim, como os demais espíritos — Respondeu Alfonse.

— *Anhanga boia*, você que consegue ver o coração dos homens, não vê que precisam de você.

Ele vê em sua mente, uma criança no parque chorando por ter se perdido dos seus pais, sabendo de sua missão. Também se lembrou de um caso de várias décadas atrás, memória que esse espírito estava e disse a mesma coisa da última vez.

Alfonse estava totalmente frustrado, angustiado, por ter sido amaldiçoado, tentava falar com outras pessoas, mas ninguém o ouvia e via. As pessoas angustiadas que apareciam no parque, que ele sentia, que ele sabia do porquê eles estarem sofrendo, a causa, o motivo, até mesmo vendo os acontecimentos, habilidade que parece que Anhangá lhe concedeu, os ignorava, pois precisava de ajuda como aquelas pessoas. Mas esse espírito apareceu e disse a mesma coisa, fazendo o ir a uma mulher traída, tentando a consolar, quando ela o respondeu, podendo o vê, sentiu alegria, tamanha alegria que ele não pediu ajuda, mas a ajudou a lidar com toda situação que estava vivendo.

Sempre ansiava pela sua volta, ficando semanas sozinho sendo importunado pelos espíritos. Depois de um tempo ela parou de voltar, nesse meio tempo ajudou outras pessoas, mas nunca se esqueceu dela. Desde que Alfonse virou espírito, o tempo para ele ficou diferente, pois como o espírito não envelhece, as coisas são como sempre são para

ele, nada “muda”. Mas ele entendeu a diferença do tempo, quando essa mulher apareceu com uma criança de seis anos, seus seios ficaram maiores, seu quadril também, seu rosto ficou mais cheinho pelo peso que ganhou, mas era ela, sabia que era.

Quando foi até ela felicitar pela criança, um dos grandes desejos dela de ser mãe, não o ouviu, não o viu, viu que não saiu do mundo dos espíritos; tentou abraçá-la, mas seu corpo a atravessava. Alfonse percebeu também que não conseguia ver seu coração, só via daqueles que precisavam de ajuda, achava que essa era uma habilidade para se conectar com pessoas especiais. Alfonse chorou de tamanha forma que poderia se afogar com suas lágrimas, percebeu enfim foi amaldiçoado. Anhangá o amaldiçoou. Ficou totalmente perturbado com isso, escondeu-se em um canto do parque, aonde nenhum espírito não se aproximava, nem mesmo para lhe tacar pedras. Uma gosma preta saia dele, tornando-se uma mácula. Tudo ao seu redor perdia vida, maculando o mundo dos espíritos, afetando os espíritos mais fracos.

Um dia um espírito dragão apareceu do céu pousando de maneira violenta bem na frente dele, fazendo todo a mácula preta ao redor dele desaparecer como mágica, trazendo sua forma humana novamente. Era um dragão branco, seus olhos eram como se fosse safiras rosas, suas escamas brancas reluziam a luz do sol criando um miríade de cores,

mudando a cada movimento que fazia, criado várias combinações.

— Espírito idiota! Não vê todo mal que você está fazendo passar todos aqueles que estão ao seu redor? — disse furioso o dragão, como um cachorro rosnando para um humano, mas existia muito humanidade. Alfonse olhou ao seu redor, viu uns dos espíritos que lhe tacava pedra caído, respirando de maneira irregular. Caso eu volte aqui e você continue assim, não importa qual deus sirva, irei destruí-lo — voando novamente para o céu criando uma rajada de vento, a mesma que tirou toda a gosma dele e trouxe sua forma, mas muito mais forte, fazendo o ergue os braços para se proteger do vento, mas o jogando para trás mesmo assim, fazendo ele rolar para trás três vezes.

Demorou alguns segundos para se recuperar, mas tudo que sentia parecia que sumiu junto do dragão. Voltou completamente a si quando viu o espírito caído no chão. Foi correndo até ele e o pegou gentilmente, arrependendo-se, Alfonse é a causa de sua dor. Vendo direito, percebeu que era o mesmo espírito peculiar que tacava pedrinhas nele e fugia praguejando alguma coisa. Ajoelhou-se, fechou em suas mãos gentilmente, implorando para Anhangá que o cura-se, que nunca mais feriria outro espírito novamente, dedicando a sua vida aos sofrimentos dos homens para proteger os espíritos de todo mal. Alfonse não viu, pois estava com os olhos fechados, mas sua mão brilhou.

— Socorro, socorro!

Alfonse abriu a sua mão e o espírito estava bem. O espírito percebendo que estava nas mãos de Alfonse, ficou catatônico por um momento, mas depois voltando a si, pulando da mão de Alfonse, pegando uma pedrinha e tacando em sua testa, correndo dele.

Alfonse riu bastante, risada que não dava e tanto tempo. Desde então, “brincava” com os espíritos dizendo que os ia comer, eles corriam dele, o amaldiçoando tacando pedrinhas.

Essa lembrança o fez se lembrar: era um espírito e Lívia uma humana. Não pertenciam ao mesmo plano, e como todos os outros que ajudou a seguiram sua vida, esqueceram dele e ele nunca, jamais os esqueceu, muito menos de Lívia que não era só um sentimento afetivo qualquer, sentia algo mais, mais forte, mais profundo, sentia amor, amor que queria viver, mas nunca poderia. Entretanto, deve seguir em frente, como prometeu Anhangá, curar a sofrimento dos homens e proteger os espíritos.

— Por que está chorando tanto? — perguntou Alfonse para criança, transicionando da roupa de espírito para de humano que poderia fazer vê-lo.

— Me perdi dos meus pais — Respondeu chorando.

— Caso você decida parar de chorar e seguir por aquela direção, irá encontrar seus pais — disse Alfonse apontando.

A criança ficou olhando para Alfonse com atenção, depois olhando para direção para qual Alfonse estava apontando.

— Promete?

— Prometo.

— Tudo bem, eu vou então.

— Vai com cuidado.

Alfonse também tinha a habilidade de acalmar a mente dos homens, com crianças, funcionava quase instantaneamente, diferente dos adultos que tinham a mente tão fechado em seu sofrimento.

A criança seguiu as ordens de Alfonse sem olhar para trás, fazendo ele voltar a forma de espírito instantaneamente. A criança não precisava mais dele, mas decidiu a seguir, apesar de saber que estaria bem, queria a acompanhar. Quando a criança viu os pais de longe, correu para eles voltando a chorar, mas agora não mais de tristeza e

angústia, mas de alívio, fazendo Alfonse dar um sorriso triste, mas esse sorriso foi desfeito por uma pedrinha que caiu em sua cabeça.

— *Anhanga boia*, sofrente por aquela humana? — disse o espírito pequenino, o mesmo que salvou a muitas décadas atrás.

— Não está com medo de que eu vá te comer? — Perguntou divertido olhando para cima.

— Aqui é alto e você é burro — o espírito soava como uma criança travessa, uma criança de milhares de anos. Você é um espírito, esqueça de sua humanidade. Ela vai envelhecer e morrer, você vai continuar vivo.

— Você está certo — disse olhando para a grama, mas vendo o vazio de seu coração —, mas eu queria poder envelhecer e morrer com ela.

O espírito taca uma pedra bem na cabeça de Alfonse, agora com mais força, fazendo ele sentir uma dor forte.

— Quando Anhangá parecer irei contar pra ele — disse o espírito como uma criança birrenta, pulando para os outros galhos e deixando Alfonse só. Fazendo-o questionar o do porquê dessa reação, ele podia ler o coração dos homens, mas dos espíritos não.

Lívia depois de limpar o túmulo onde está sua avó e seu tio, saiu com seus pais para o restaurante, só que não era um restaurante qualquer, era o restaurante; restaurante que só podia entrar fazendo reserva de um mês, onde ofereciam várias especiarias da culinária brasileira com os melhores ingredientes, deixando-a ficar animada. Esquecendo do momento triste que teve passar, fazendo ela perceber a fragilidade e brevidade do homem na terra.

— Vai ter coelho pai? Eu vi na televisão que é prato de rico — Perguntou animada Lívia.

— Filha, não sei, mas ouvi falar que é muito bom — respondeu Otto.

Chegando no restaurante chamado "La Petit Fille", achou estranho o nome, "*não era um restaurante de comidas exóticas brasileiras, por que o nome francês?"* Mas entrando, ficou deslumbrada com o lugar. O recepcionista extremamente bonito, cabelo loiro, um dourado que encantaria qualquer mulher e olhos castanho que destunia do dourado; tudo sobre seus pés era de madeira, algo que adora, o som leve que ao pisar cria, som que só ouvidos atentos conseguiriam ouvir. Parecia que ela estava no Brasil à francesa do período colonial, período que existiam princesas, período que ela poderia ser uma. A imaginação de Lívia voava por aquela ambiente que rememorava um

período no qual já há muito tempo foi perdido no Brasil. O recepcionista que os guiava falava sobre a história do restaurante, sobre a madeira brasileira de mais alta qualidade, madeira brasileira (pau Brasil).

— A mesma do nosso imperador? — Perguntou Lívia curiosa.

— Com toda certeza! Pode-se imaginar estar sentado e comendo sobre uma mesa e cadeira feita do mesmo material que o nosso Imperador comia.

Otto estava com o rosto fechado pela toda simpatia que o recepcionista tratava sua filha, Clara esfregava seu braço querendo acalmá-lo.

— Parece um sonho — Disse Lívia sentando-se na mesa a sós com sua família.

— Um lugar maravilhoso filha! — Concordou Clara.

Infelizmente toda empolgação da Lívia foi desfeita quando recebeu o cardápio. Perguntando sobre os pratos, não transpareceu, mas ficou horrorizada: formiga, peixe (odiava peixe), frutos do mar (o que também não gostava, tirando as sobremesas, coisa muito estranha).

— Não tem lasanha, não? — Perguntou para o garçom.

— Infelizmente não, trabalhos com pratos exóticos.

— Entendi — ficando sem reação.

Seus pais se olharam. Otto não sabia que não ofereciam proteína vermelha, já que Lívia nunca gostou de peixe ou frutos do mar.

— Experiência meu amor, dá uma chance! — disse Clara querendo animar novamente sua filha.

— Tá bom.

Nenhum pouco empolgada Lívia pediu Pirarucu em crosta de cupuaçu com molho de tucupi negro e pó de jambu, espera que o nome não seja tão ruim quanto o prato; seus pais pediram o mesmo, pois eles não tinham a mínima ideia do que pedir com nomes tão estranhos. Lívia ao provar o peixe, teve ânsia de vômito.

— Eu vou morrer se eu comer isso pai.

— Eu acho que também.

— Eu tô adorando — comentou Clara, apreciando cada garfada.

— O que a gente faz? — Perguntou para seu pai.

— Come, é muito caro, caso queira vomitar engole — disse pálido.

Lívia agradeceu pelo prato de rico ser tão pequeno, comeu aos poucos, seu pai, deu uma garfada no peixe, engolindo, não mastigando, Clara desfrutou cada mastigada.

— Vocês gostaram?

Seguiram a opinião de Clara totalmente empolgada, mas sem se manifestar verbalmente. Para sobremesa Lívia pediu Sorvete de priprioca com calda de bacuri e farofa de formiga tanajura, não leu até a parte da formiga, focou-se no sorvete. A sobremesa foi de agrado do pobre pai e da pobre filha, a mãe, nem se fala; a formiga, não parecia formiga, fazia um contraste com o sorvete, mas Lívia não se aventurou muito na farofa.

— Estou morrendo de fome pai! — disse ao sair do restaurante.

— Vamos, vamos comer comida de verdade — disse determinado.

— Vocês dois são muito dramáticos, foi uma excelente experiência — disse realizada Clara.

Indo para o restaurante do seu Heleno, pediram uma travessa de lasanha de quatro queijos que dava para quatro pessoas, com uma porção generosa de arroz. Todos se fartaram, até mesmo Clara que não demonstrou tanta satisfação comenda os pratos chiques do restaurante.

— Isso sim é comida — disse satisfeita Lívia se encostando na cadeira.

— Gastando nem um quarto que gastamos naquele restaurante — Disse arrependido Otto.

— Realmente, nada chega perto da comida do povo bem-feita — admitiu Clara.

Pediram pudim para sobremesa e ficaram conversando, também lembrando dos momentos felizes que tiveram com a avó da Lívia enquanto ela estava viva.

— Você engordou uns 10 quilos com 5 anos pelas besteiras que sua avó te dava, por isso nas suas fotos você era um pandazinho.

— Por causa da minha avó que não posso mostrar minhas fotos de infância, eu parecia um menino.

— Querida, você está vestido rosa em algumas delas, claro que você parecia uma menina — disse divertida Clara.

— Esse não é o ponto mãe — disse envergonhada, mas se divertindo.

— Sua avó adorava levar você naquele parque de árvores amarelas — quebrou o silêncio Otto que ficava ouvindo com um sorriso, mas com um olhar triste, as histórias sobre sua mãe.

— É verdade — lembrou-se Clara. Uma vez você ficou falando de um menino que te ajudou por ter se perdido entre as árvores.

— Tirando o fato de dizer que havia seres místicos naquele parque, inventando todo tipo de história — completou Otto.

— Eu não me lembro disso.

— Você era criança, mas bem que podíamos dar uma passada lá antes de voltarmos para casa. O que acham? Eu nunca pisei naquele parque, era algo seu e de sua avó. O que acha meu amor?

— Não vejo problemas — concordou complacente Otto.

Lívia ficou animada, lembra de ter ido naquele parque algumas vezes, mas não sabe o porquê de ter ido tantas vezes, *"talvez seja por causa da minha avó"*. Terminando a sobremesa, pegaram o carro e se dirigiram ao parque. Chegando lá, o Sr. Alves cumprimentou Lívia e os pais dela.

— Estou de olho em você — disse divertido o Sr. Alves.

— E eu em você — retrucou Alice, os dois rindo divertidos.

— Vocês se dão bem, não é? — perguntou curioso Otto.

— Sim, quando eu vinha aqui, eu conversava com ele. Depois do que aconteceu, meio que viramos amigos — explicou Lívia.

Andando no meio daquelas árvores, sua Clara elogiava a beleza das pétalas amarelas e Otto observando cuidadosamente, Lívia sentia algo estranho. Percebendo que seus pais vão questionar seu temperamento fora do normal, querendo ficar sozinha e não preocupar os dois, decidi evitar essa situação.

— Eu irei passear pelas árvores tudo bem? — perguntou Lívia animada.

— Ok, iremos nos encontrar no lago então.

— Pode deixar mãe.

E foi Lívia com seus pensamentos para o meio do parque. Caminhando por meio das árvores, olha para o tranco marrom com suas rachaduras e para os galhos com suas lindas pétalas. Direciona sua atenção para a grama verde e cheia de vida, mas nada disso consegue prender sua atenção, cativar um pouco sequer seus pensamentos. Sem Lívia saber, vários espíritos estão ao redor dela, dizendo entre si *"é a menina", "será que ela lembrou?"*, outro respondendo *"ela não lembra idiota, é assim que é"*; por mais que ela não os visse, os espíritos não estão agindo rotineiramente como agem em relação aos humanos. Alfonse, criou uma ligação tão forte em relação a ela que os espíritos os espreitavam curiosos.

— *Anhanga boia*, sua humana está aqui — disse um espírito que tem a forma de uma mulher, usando uma máscara com pintura de olhos nela. Está vestindo uma túnica branca longa que não deixa aparecer suas pernas, lembrando uma calda de cobra.

Alfonse sentado no chão encostada em uma das árvores, não liga para o comentário do espírito, essa em especial. Já fez isso outras vezes, fazendo ele correr até supostamente Lívia estava, mas era mentira, voltando para perguntar se ela a viu passar, ela estava lá, sobre o galho, soltando várias gargalhadas.

— Estou falando sério.

— Aham, acredito — Alfonse se estira no chão e coloca os braços atrás da cabeça. Vai incomodar outro.

— Tá bom, depois vai ficar chorando aí — o espírito flutua entre os galhos para ir até Lívia curiosa.

Alfonse ficou deitado, mas ouvia os espíritos, estavam mais agitados que o normal. Incomodado por não conseguir descansar, levanta-se e ao olhar em volta. Vê Lívia distante, rodeada de espíritos. Sem pensar duas vezes corre até ela, os espíritos logo se afastam, mas ficam observando de longe. Estando cara a cara com Lívia, Alfonse estende a mão até seu rosto, ela olha para ele, que o fez parar, não o vê. Destruído fica olhando para o baixo, Lívia volta a andar e ao passar por ele, uma rajada de vente trás consigo várias memórias de os dois juntos em sua mente brevemente. Essa rajada de vento forte faz todos os galhos balançarem, levando várias pétalas pelo ar, como também alguns espíritos menores.

— Tem alguém aí — perguntou assustada depois de várias imagens aparecer na sua cabeça, uma resposta ao medo do desconhecido.

— Sim, eu, eu estou aqui! — respondeu Alfonse, mas não o escuta.

— O que está acontecendo comigo...? — questionou-se Lívia, sem entender o que está acontecendo com sua memória, por um impulso, decidi correr entre as árvores. Alfonse corre atrás.

Um dos espíritos que se segurou no galho quando a vento forte surgiu, soltou-se dele caindo no chão e limpando a poeira de sua roupa perguntou:

— O que aconteceu? — perguntou

— Eu não sei, isso me deixa com medo — disse o espírito com a máscara de gato, saindo de lá.

Lívia corre, corre, sem direção exata, só queria sair do lugar. Por descuido tropeça em uma pedra, fazendo ela bater a cabeça e desmaiar. Apagada, Alfonse vai acudi-la, mas não consegue, não pode. Estando ao seu lado e sentindo tudo que está sentido diz a ela recobrando a consciência que ouvi:

“Lembrar-se-ia de mim quando minha existência não lhe fizesse mais sentido?”

Antes dela ter a oportunidade de perguntar alguma coisa, um vento forte surgi a fazendo manter seus olhos fechados, mas depois de passar e os abrir, vê-se deitada sobre o peito de Alfonse ouvindo ele dizer:

"O som leve do trovão, o céu escuro, talvez a chuva não cesse. Mesmo assim, ficará comigo?

Lívia acorda pela chuva leve que bate em seu rosto, fria e desconfortável. Ao abrir os olhos, vê Alfonse, está com a cabeça deitada sobre seu colo. Lembrou-se de tudo, como se fosse um suspiro, preenchendo todo vazio que a angustiava esses dias, mas está mal, a batida de cabeça foi forte demais. Quer falar, dizer tudo que queria, mas não consegue, está prestes a fechar os olhos e apagar, quando ele diz, olhando com olhos doces para ela: *"Sempre estarei aqui, esperando por você."*

— Lívia, Lívia! — diz desesperada Clara segurando sua filha nos braços, está encharcada. Pelo amor de Deus, fala alguma coisa.

— Hum... O que aconteceu? — perguntou confusa, não conseguindo abrir os olhos pela chuva.

— Lívia, levanta-se, está chovendo muito — disse com uma voz incisiva Otto.

O tom do seu pai por algum motivo fez ela recobrar todas as forças. levanta-se confusa, indo para de baixo do guarda-chuva que seu pai está segurando. Lívia olha para o céu, a primeira pergunta que vem a sua cabeça é *"cadê às nuvens?"* não conseguindo acreditar numa chuva tão forte, vindo de um céu sem nuvens; essa chuva inesperada e inexplicável de um céu azul e vivido, como estivesse no paraíso. A fez se lembrar do rosto de alguns segundos atrás, lembrando-se das últimas palavras ditas por aquele rosto, antes de fechar os olhos. Prometendo a si mesma que jamais o esquecerá.

— Como infernos cai uma chuva dessas em pleno céu limpo? — questionou irado Otto.

— Lívia, meu amor, está bem? Bateu a cabeça muito forte?

— Eu devo ter tropeçado, estou em bem — respondeu ainda confusa.

— Se estiver sentido alguma coisa...

— Estou bem mãe, por favor, acalma-se — disse Lívia sobrecarregada da preocupação de sua mãe, querendo organizar seus pensamentos.

Chegando em casa, a primeira coisa que fez foi tomar um banho, o que sua mãe providenciou muito antes dela. A

primeira coisa que fez preocupada de sua filha ficar doente, sem antes é claro verificar toda parte de sua cabeça, ganhou apenas um pequeno galo. Fazendo Lívia suspirar de frustação, levando uma bronca leve de sua mãe por não se importar com toda preocupação que sente. Lívia pediu desculpas, querendo se desvincular dessa situação o quanto antes. Entrando no banho, a água quente, organiza seus pensamentos, revivendo tudo o que aconteceu antes de apagar, as imagens que viu antes do desmaio ainda estão um pouco vividas, também como o rosto do garoto que consegue lembrar de maneira tão clara, não crendo mais que tudo era uma criação de sua mente.

"Aquele parque tem alguma coisa."

Conclui depois de refletir, tinha que investigar. Procurando encontraria a resposta de toda sua frustação e inquietação que estava vivendo. Decidida, saiu do momento agradável do banho, secou-se, arrumou-se, indo para seu quarto e ligando o computador branco que parecia uma caixa.

Entrando no site de pesquisas, não sabia o que pesquisar, logo decidiu colocar "Parque Dourado", mas não encontrou nada que lhe interessasse, a história das árvores, nada que explicava o garoto misterioso. Então tentou algo diferente, "Garoto misterioso parque dourado", encontrando um fórum na internet, chamado de *forumanime*, encontrou um tópico de dez anos atrás que uma menina dizia: "Hoje fui ao

parque dourado — recomendo muito irem —, estava muito triste, na verdade já estava assim algumas semanas. Lá encontrei um garoto bonito, tão bonito; tinha olhos azuis, cabelo negros, como a tinta mais negra que vocês jamais poderiam encontrar. Parecia que via dentro de mim, estou ansiosa para voltar lá!".

Lívia ficou empolgada, era isso, era ele! Lendo mais para baixo, teve outros comentários que falava sobre esse garoto, mas todos ouvidos por terceiros, não eles próprios, diferente da criadora do tópico. Mas um comentário em especial chamou sua atenção: "Meu irmão menor, na época, disse que fez um amigo, disse que se chamava Alfonse. Meus pais morreram de preocupação achando que era alguém malicioso, então seguiram ele, mas disseram que não via ninguém, ele estava conversando sozinho, como se fosse doido! Será que é um *youkai*?! PS.: Ele não tem doença mental, levaram no médico kkkk" Lívia não conhecendo esse termo, pesquisou, *youkai* na verdade era espírito. Achou ridículo ao primeiro momento, mas refletindo uns minutos, criou-se uma dúvida, mas era muito cedo para tomar essa conclusão. Continuando lendo, os outros comentários respondendo sobre o espírito fazendo troça, outros dizendo que era um lugar maravilhoso e recomendavam ir.

Clara aparece trazendo um pão com queijo feito na chapa e chocolate para ela tomar.

— Está animada? Vejo que começou a usar o computador.

— Com ele é melhor fazer pesquisas.

Sua mãe ficou curiosa, e por mais que quisesse voltar o quanto antes para sua pesquisa, não queria chateá-la, então explicou que ela estava pesquisando sobre o parque que foram visitar hoje. Isso satisfez a curiosidade de sua mãe, deixando-a só com sua pesquisa.

Voltando para o fórum, viu alguns comentários respondendo a grosseria do outro, mas ignorou esses, continuando vendo outras respostas ao tópico, acreditando que poderia achar outras pistas interessante. Um comentário disse: “Meu pai fez um temporário naquele parque como vigia, precisava arrecadar uma grana. Ouviu uma história de que um garoto se suicídio naquele lugar, mas ninguém dizia muito sobre isso. Mas o vigia que encontrou o corpo do garoto ainda está lá, parece ser um paraíba.” Isso chamou muita atenção de Lívia, continuo lendo, mas não encontrou nada interessante, tirando alguns comentários dizendo que o espírito é do garoto que se suicidou. Lívia acredita que esse senhor paraíba é o Sr. Alves. Tentou pesquisar sobre suicídio no parque, mas não encontrou nada referente a isso. Mas acredita que o Sr. Alves poderia ajudar na sua busca, já que ele está lá desdo começo de sua mocidade. Lívia, sabendo que fazer, come

seu queijo quente que não estava tão quente e toma seu chocolate quente que agora está frio. Amanhã ela voltará no parque e irá conversar com Sr. Alves, ele poderá dar alguma resposta sobre esse garoto misterioso.

Ao se deitar, Lívia tem um sonho incomum. Ela está em uma floresta, uma floresta densa, cheia de neblina. Está frio, sons de galhos e sons que ela não pode identificar, cria uma sensação de medo e insegurança. Abraçando-se, uma maneira de se sentir segura, já que não tem para onde correr, algo repentinamente acontece: as árvores na sua frente começam a se deslocar para o lado, os sons das raízes sendo desprendida da terra é aterrorizante. Ela dá um passo para trás, mas não consegue fazer mais do que isso, está paralisada. As árvores abriram um caminho, mas não consegue ver nada, pois a neblina tomou conto do lugar, mas com o passar dos segundos, começa ouvir sons de passos, não de passos de uma pessoa, mas de um animal, cascos tocando o chão. Repentinamente, vê olhos vermelhos, isso a fez regalar os olhos, ficando com a boca semiaberta, saindo dela um som parecido de quando uma pessoa está engasgada, mas muito mais suave e baixo. Depois de alguns passos vê a forma dos olhos vermelhos escondidos pela neblina: é um veado albino. Está a 15 metros de distância, mas esses quinze metros de repente, tornar-se 14, depois 10, cinco, chegando por fim estar na sua frente, mas agora não era mais um veado, mas um

homem. Branco, mais branco que o branco dos olhos, mais branco que qualquer tinta, cabelos negros longos que vão além do peitoral com pinturas verdes pelo corpo, mas os olhos continuam vermelhos.

Segredos do Passado

Esses olhos que antes não dizia nada, agora expressam ódio, ódio que transfigurou para sua face, aterrorizando Lívia, mas de repente, olhou para cima que fez ela fazer o mesmo, como se fosse um fantoche. Lívia apesar de não vê, o homem de olhos vermelhos fez uma expressão de surpresa, ambos estavam olhando para a lua e da lua saiu um brilho que cegou Lívia e a fez acordar, levantando-se imediatamente, apavorada, toda suada, com a expressão de assombro na cara.

— ESTOU VIVA! — exclamou.

Clara perguntou da cozinha se estava tudo bem, entrando no quarto, fazendo Lívia responder que foi apenas um pesadelo terrível.

— Meu deus, está toda suada, vai tomar um banho, irei preparar o café da manhã.

E foi o que Lívia fez, levantou-se da cama e foi tomar banho. Pensando sobre o sonho, diferente dos demais que esquecemos praticamente tudo, esse estava vivido em sua memória, cada detalhe, cada sensação. Mas não sabe o que pode ser, talvez na sua investigação de ontem no fórum na internet, sobre espíritos e coisas fantásticas, fez ela sonhar com aquilo, mas ela não consegue se convencer que é realmente isso.

Percebendo que não iria chegar muito longe com esse sonho, decidiu deixá-lo de lado. Ao se encontrar com sua mãe na cozinha, percebe que são seis horas da manhã, nunca tinha acordado tão cedo assim, pelo menos, não que se lembra-se.

— Papai, ainda está dormindo? — perguntou curiosa.

— Dormindo e roncando. Porque você acha que estou acordada — disse divertida.

Lívia curiosa não teve como conter, queria porque queria ver seu pai dormindo, apesar de sua mãe a incentivar a avisou para não o acordar. Entrando no quarto, abrindo a porta levemente, vê seu pai deitado de frente com a boca aberta, soltando um leve, mas sonoro, ronco! Ela começou a rir, tampando a boca com a mão. Nunca imaginou que veria seu pai dessa forma, um homem tão sério roncando daquele jeito foi um momento icônico.

Esperando sua mãe fazer o café, decidiu dar uma olhada do lado de fora, a neblina está pelas ruas. O clima frio que tirava o calor aconchegante de casa, fez a querer acordar nesse horário mais vezes. Não consegue se lembrar da última vez que viu sua rua tão calma e tranquila, parecendo ser outro lugar.

Depois de tomar seu café e se desperdir dos seus pais, às nove horas da manhã foi para o parque, esperando que o Sr. Alves revele o mistério do espírito do garoto. Estava ansiosa, mas como de costume, deixou seus pensamentos se desfazerem enquanto via os bairros, as ruas, as pessoas.

Chegando no parque, não demorou muito para ver ele.

— Sr. Alves, está bem? — perguntou Lívia animada.

— Estou excelente e você Lívia? Ontem, você e seus pais pegaram uma bela de uma chuva, não sei o que está acontecendo com esse tempo.

— Estou ótima, meus pais também, realmente foi uma surpresa, ninguém esperava. Mas mudando de assunto, hoje não vim aqui para observar as belas pétalas amarelas, vim conversar com você.

Maurício enruga as sobrancelhas sem entender, não esperava por isso.

— E o que séria? — perguntou seriamente.

— Espíritos — respondeu.

— Lívia, eu não sei o que você está pensando, mas eu não mexo com essas coisas — disse francamente, crendo que ela estava falando sobre feitiçaria.

— Não é isso, pesquisando na internet, vi uma postagem dizendo que um espírito de um garoto que se suicidou no parque vaga por aqui, queria saber se é verdade.

Quando Lívia, disse sobre o suicídio, a face mudou completamente, ficou sombria. Era o mesmo Sr. Alves de segundos atrás.

— Lívia, tenho trabalho para fazer, desculpe — disse mostrando que não queria conversar e se virando de costas, mas a reação dele só fez aguçar a curiosidade de Lívia. Fazendo ela argumentar e insistir.

— Sr. Alves, você mesmo diz que não faz nada e sempre que eu quisesse conversar contigo era para vir até você.

— HOJE NÃO É UM DESSES DIAS LÍVIA, NÃO ME INCOMODE! — disse senhor Alves de costas em um tom rígido e irritado.

Lívia ficou sem crer, não esperava por isso. Essa reação deste homem tão pouco expressivo oralmente, deixando tudo a mercê de seus olhos e expressões enigmáticas, jamais mostrando um tom brusco, fez ela ficar em choque. Mas

passando o impacto, percebeu, *"algo tem aqui"* disse para si mesma, sabendo que não conseguiria nada do Sr. Alves, precisaria buscar em outro lugar e para isso teria que usar a internet.

Voltando para casa desconcertada, foi direto para seu quarto, pesquisando na internet uma forma de saber desse caso, que agora, sabe que existe. Mas foi infrutífera, "suicídio garoto", "suicídio parque das pétalas amarelas", "suicídio parque dourado", não apareceu nada.

— Mas que droga!

Disse irritada, levantando-se para pegar algo doce para comer. Passou por sua mãe e abrindo a geladeira, tem doce de leite, o que não era de se estranhar, tendo uma mãe mineira. Pegou uma colher, a encheu de um pedaço imenso e enfiou na boca, agradecendo a existência de um doce tão delicioso.

— Minha filha, está tudo bem? — perguntou estranhando.

— Não mãe, não encontrei nada na internet sobre um acontecimento.

Lívia não queria dar detalhes por sua mãe poder pensar outra coisa. Um assunto delicado que não acha adequado em falar abertamente com sua mãe.

— Que foi noticiado no jornal? — perguntou Clara depois de ficar em silêncio alguns segundos pensando.

— Realmente, pode ter sido noticiado no jornal! — disse depois de ficar pensando durante alguns segundos. Mas como vou achar a matéria?

— Ah! Tem a Biblioteca Mario Andrada, lá tem vários arquivos antigos de jornais, vi na televisão eles falando sobre a biblioteca, pode encontrar lá!

— Mãe, você é incrível!

Depois de abraçar sua mãe e fazer ela se sentir a pessoa mais incrível do mundo, Lívia pegou o pote de doce de leite, levou para o quarto, indo pesquisar mais sobre a biblioteca. O que achou perfeito foi a localização, era perto de sua casa por ser no centro, poderia ir andando, sentiu-se felizarda. Ansiosa, encontrou o horário de funcionamento, estaria aberto até às 18h, decidiu ir para lá depois do almoço para saber o que iria encontrar por não ter encontrado maiores informações.

Quando Lívia pisou no parque, Alfonse soube de sua presença, sem pensar duas vezes decidiu correr até ela para saber como estava, pois, por mais que sentisse sua presença, suas habilidades de ler a mente e ver as

memórias, por ela não precisar dele, não funcionava, por isso teria que constatar com os próprios olhos. Mas de repente, correntes sai do chão prendendo seus pulsos e pés, fazendo ele ficar de joelho — as correntes estavam tão firmes que por mais que tentasse se desvencilhar, mais apertadas ficavam.

— O QUE É ISSO? SOCORRO! — gritou desesperado.

Alfonse percebeu que era Inhanga, pediu perdão a ele, implorando para o libertar incontáveis vezes, mas de repente, um papel apareceu do nada com escritas estranhas, selando sua fala. Deixando-o ainda mais aflito.

Os espíritos percebendo, logo foram verificar, ficando em torno de Alfonse. Ficaram cochichando, mas ninguém lhe dizia nada, mas o espírito que sempre o incomodava, o pequenino, apareceu em cima dele, sentando-se em sua cabeça.

— *Anhanga boia*, só faz besteira — balançando a cabeça desapontado. Alfonse gemeu esperando que ele explicasse, mas o espírito ignorou. Agir contra os deuses causa isso, benfeito.

Ninguém dizia nada, a presença de Lívia ficava cada vez mais distante, querendo vê-la, forçou as corrente, fazendo

sua pele queimar, saindo a mesma fumaça de quando se coloca um bife em uma frigideira quente folheada de azeite.

— Burro, para, vai ser pior — disse o pequeno espírito preocupado de bruços sobre a cabeça dele.

Repentinamente, o espírito de aparência do lobo-guará apareceu. Os demais abriram caminho, pegou o leque que rotineiramente usa e bateu na cabeça de Alfonse — o pequenino antecedendo a ação pulou da cabeça —, fazendo ele parar de se queimar.

— Parece que a menina que você tanto ama, de alguma forma, quebrou a maldição, deixando Anhangá furioso, logo, ele está o punindo. Não espera maiores explicações, pois isso não se pode fazer sozinho, talvez outro deus esteja interferindo, fazendo Anhangá tomar essa atitude drástica. Mas quem será...?

— Jaci...! — um espírito com a forma de touro respondeu sem pensar, colocando as duas patas na boca.

— SEU BURRO! — disse o espírito ao lado dele com forma de uma harpia, mas diferente do seu amigo touro, tem uma máscara no rosto, mas com um buraco para o bico.

— Deixo o falar! — disse o espírito lobo.

— Bem, quando a menina veio aqui e desmaiou, eu vi um brilho incomum da lua ontem. Um brilho imenso, acho que tem algo a ver — explicou o espírito touro.

— Eu que sempre estou contigo, como não vi? — perguntou o espírito harpia.

— Você estava bêbado de cachaça.

— Mas você bebeu comigo, não?

Os dois começaram a discutir e o espírito lobo abriu seu leque e fechou fazendo ressoar um grande barulho que gelou todos presentes.

— Aparentemente, minha suspeita era válida, um deus está interferindo em seu destino *Anhanga boia*. Agora, está tudo nas mãos da menina — disse para Alfonse. Mas saiba, caso ela fracasse, Anhangá não irá permitir essa interferência de Jaci, irá amaldiçoar sua amiga também, a condenando a mesma vida de sofrimento que condenou você.

Alfonse não acreditou, começou a chorar, sentir arrependimento, *"é tudo culpa minha"* pensou. Seus sentimentos por ela, deve ter algo a ver com isso, de alguma forma, ele trouxe Lívia para este mundo que os humanos não fazem parte, a colocando em perigo. Agora, sem forças, em lagrimas, reza para Jaci, implorando que a proteja e não

permita que ela seja condenada ao mesmo destino cruel que ele foi.

Lívia está na biblioteca, a bibliotecária, uma senhora nos seus já 75 anos, foi muito gentil e a guiou até a sessão dos arquivos de jornais, apesar de ela achar estranho uma escola dar um trabalho nas férias sobre o suicídio na sociedade moderna.

— Aqui estão os rolos para usar no microfilme, estão catalogados por situação, economia, cotidiano, assalto e mortes, aqui deve estar o que você está procurando — disse a bibliotecária, mostrando a prateleira.

— Tem muita coisa, né?! — observou Lívia assustada.

— Tem registro desde o século XIX — observou. Venha comigo, irei te mostrar como usar a máquina de leitura, mas saiba, caso o jornalista venha, você terá que ceder, aqui é tudo com horário marcado.

— Tudo bem — respondeu Lívia agradecida.

Ficou pegando as fitas, olhando os diversos casos assustada. Cansada, colocou a mão na cabeça, sem saber o que fazer, passou-se mais de três horas entre fitas atrás de fitas e não sabe o que encontrar, *"estou fazendo algo de errado"* pensou, *"não vou a lugar nenhum assim"* conclui,

e repentinamente, o jornalista que estava atrasado, mais do que atrasado, pois quando Lívia chegou, ele já devia ter chegado lá a uma hora, apareceu.

— Temos uma futura jornalista aqui? — perguntou divertido.

Lívia olhou para cima, ficando paralisada por um momento por essa aparição repentina, lembrando-se por fim do jornalista que a recepcionista estava falando.

— Ah! Você é o jornalista, desculpa, estou tomando seu lugar — disse se levantando.

— Tudo bem, eu vi mais pelo peso na consciência mesmo, já que é difícil marcar horário — disse sorrindo com os olhos fechados, as olheiras eram evidentes. Mas como estou cansado, talvez possa me sentir melhor ajudando você. Eu vi que você estava bem confusa. O que está buscando? — perguntou curioso por ver uma menina da idade dela na biblioteca, pesquisando matérias antigas, isso não era algo comum.

Diferente da bibliotecária que mentiu para ela deixar, foi totalmente aberta com ele sobre sua busca do suicídio do garoto no parque e sobre o boato dele assombrar o local.

— Nunca ouvi falar sobre isso — disse sobre o boato, mas da maneira que Lívia disse, fez parecer um boato conhecido pela maioria das pessoas. Bem, uma forma de tornar a pesquisa mais fácil e pelo menos saber o ano que foi, pois sabendo do ano, vai saber o período das suas pesquisas. E um suicídio naquele parque, se fosse algo recente, eu saberia. Você tem alguma ideia? — Lívia balançou a cabeça negando. Sendo assim, eu tenho 56 anos, desde criança eu lia jornal por causa do meu pai jornalista, logo, deve ser... — Ficou em silêncio pensando. Deve ser de uns 80 anos atrás, meu pai era jornalista de casos de homicídio, assassinato, tudo que envolvia morte ele sabia — disse contando, tentando encontrar uma pista por onde começar.

— Posso perguntar para seu pai!?

Essa pergunta inesperada, deixou o jornalista desconcertado, seu pai era a fonte que ela precisava, mas como jornalista solo, não pensou nele nem sequer por um momento.

— Você pode, mas ele já está na casa dos 90, seu Alzheimer, apesar de não avançado, prejudicou sua memória. Mas acredito que ele pelo menos poderá te dar uma pista, ainda existe vigor no velho. Escrevi a casa de repouso que ele está internado. Os dias de visita é de quarta a quinta-feira para quem não é parente, das nove horas da manhã até às 11h. Espero que ele possa te ajudar.

— Muito obrigada, vai ser melhor do que consegui até agora — disse divertida olhando para os diversos rolos que pegou.

Lívia se despediu do jornalista atencioso e foi para casa. Acredita que o pai dele irá a ajudar, pelo menos, poderá dar um encaminhamento melhor do que simplesmente ficar vendo rolos atrás de rolos, lendo matérias aleatórias. Pensando sobre uma das perguntas do jornalista, sobre a época do ocorrido, não consegue tirar isso de sua cabeça: *"ele não é velho, tem a minha idade, quase certeza..., mas o que é esse sentimento de algo estar errado...?"*

Lívia ficou pensando nisso no caminho de casa, mas a fome falou mais alto. Ficou umas boas horas naquele lugar, estava ansiosa para tomar seu café. Chegando em casa, tomando seu café, contou de sua infrutífera pesquisa, mas que conseguiu alguém para a ajudar.

— Isso é bom, não irá partir do zero pelo menos.

Lívia concordou, era que ela estava fazendo até agora. Infelizmente para ela, teria que esperar dois dias até chegar quarta. Isso a incomodava, mas não tinha o que fazer, tinha que ser paciente. Deita-se para dormir, teve outro sonho, esse foi diferente, viu um garoto, o mesmo garoto que viu no parque, preso sobre correntes em meio a árvores, com um papel com uma escrita na boca, chorando: queria ajudá-

lo, dizer que ficaria tudo bem, algo para cansolá-lo, mas não conseguia se mover e nem falar. De repente, olhos vermelhos flutuantes apareceu atrás do garoto a olhando, aterrorizantes, nesse momento o garoto a olhou. Os olhos azuis antes escuros brilhavam como à noite de luar, um brilho de esperança, alívio, agradecimento.

Neste momento Lívia acordou, não estava suada, não gritou, estava calma, lembrando de cada segundo do sonho: *"eu preciso saber."* A determinação criada dentro dela, não faria ela esperar até quarta-feira, um dia seria demais para ela, tinha que ser hoje, agora, neste momento. Se arrumou, tomou seu café da manhã, sem dar grandes detalhes para sua mãe e saiu para casa de repouso.

Chegando, mentiu dizendo que era neta do Sr. Leopoldo. A atendente, estranhou, mas como uma assalariada, não queria fazer grandes perguntas, só aceitou. Afinal, a que fim uma adolescente iria fingir ser a neta de um senhor, pelo menos, nenhuma ideia danosa séria.

Chegando no quarto, lá estava o Sr. Leopoldo, deitada com seu pijama azul, olhando para a janela, olhando o céu limpo e sereno. Quando Lívia, chegou nem mesmo olhou para ela, a ignorou completamente, mas percebeu sua presença.

— Sr. Leopoldo, sou a Lívia.

— E quem séria essa? — perguntou não a olhando.

— Amiga do seu filho — respondeu, achando mais fácil para ele entender.

— O filho da puta que me colocou aqui — disse rancoroso olhando para Lívia. Caso tenha algo com ele, saiba, é crime, denuncie.

— Não senhor... — Lívia explicou tudo, dando todos os detalhes, sem esconder nada. O que devo fazer para encontrá-lo?

— Procurar um psicólogo ou psiquiatra, aqui tem dos montes.

— Sr. Leopoldo, estou falando sério, pode parecer loucura, mas pelo menos esse garoto existiu e você pode me ajudar a encontrá-lo, mesmo que seja apenas seu túmulo.

— Tudo bem — deu-se por vencido, era melhor ajudá-la do que perder seu tempo tentado dissuadi-la da ideia de encontrar a existência de um espírito. Deixa-me pensar por alguns minutos, sente-se, irrita-me ver você em pé deste jeito.

Lívia se sentou, como um cachorrinho obediente, não queria irritá-lo de jeito nenhum. Precisava de sua ajuda,

engolindo todo o desaforo que ele disse para ela, muitos não descritos.

Sr. Leopoldo fechou os olhos, como se estivesse buscando acessar arquivos dentro de sua memória, deixando Lívia feliz, porque estava levando o assunto a sério, por mais que achasse bobagem. Meia hora se passou, nada, uma hora se passou e ele continuava com olhos fechados, repentinamente, Lívia ouvi um ronco, não acreditou: Sr. Leopoldo estava dormindo!

— Sr. Leopoldo! — extremamente irritada.

— O que...! que foi? — acordou assustado, olhando para Lívia sem entender. Quem é você? — esquecendo-se de quem ela era.

— Não acredito — disse Lívia observado a clara falta de conhecimento dele sobre sua pessoa.

Lívia entendeu quando o filho dele disse sobre o Alzheimer e seu espírito ardente, teria que começar tudo de novo. Agora, não o deixando dormir. Explicou para ele novamente, salientando que antes estavam conversando sobre isso e ele estava tentando se lembrar.

— Você é maluca menina?

— Sr. Leopoldo, eu sei, não é algo normal, mas te peço. Se você se lembrar de ter pegado um caso de um garoto que se suicidou no parque dourado, por favor, diga-me.

— Claro que lembro, isso não é um evento comum, na verdade, foi interessante investigar a motivação — disse com orgulho lembrando de sua época de jornalista respeitado.

— Que incrível! — disse Lívia cheia de energia. Conte-me tudo que sabe.

— Não posso, é antiético.

Lívia não acreditou, toda sua empolgação se desfez em instantes. Enquanto tentava recobrar as forças para tentar convencer ele, ele por algum motivo começou a falar, esquecendo toda sua ética.

— Era um garoto bonito, fez o caso criar um grande interesse pelo público, tirando o fato de estarmos no período militar e o garoto ser filho de um Capitão da marinha, tornando tudo mais interessante. Os comunistas se aproveitaram disso, criando uma mística em cima do garoto.

— Qual era o nome dele? — perguntou querendo tirar tudo dele, dando o máximo de atenção.

— Era um nome grande, parecia ser da família imperial do Brasil. Nomes sem fim, mas lembro do primeiro e último nome, Alexey... Alexey... — tentando se lembrar do sobrenome.

— Alexey...! — repetiu Lívia junto querendo estimular a memória do Sr. Leopoldo.

— Alexey de Fonseca, esse era o nome — disse aliviado depois de recordar de algo que tentou com tanto esforço.

— Alexey de Fonseca, é um nome bonito — observou Lívia, *"então é esse o menino que procuro"* pensou.

— Russo.

— O quê?

— Nome russo.

— Entendi.

— Escrito com "y".

— Ok! — disse, recebendo mais informação do que o comum.

— Eu fui ao funeral, infiltrado é claro, querendo encontrar alguma coisa interessante para colocar no jornal.

— E achou? — Lívia não acredita, muito melhor do que notícias em rolos poderia lhe dar.

— Droga, estou com vontade de cagar! Espera, quem é você!?

— Lívia, estava falando de Alexey de Fonseca, o menino que se suicídio. Você se infiltrou no funeral querendo conseguir um furo e iria me contar — antecipou Lívia querendo trazer a memória de Sr. Leopoldo de volta.

— Ah, é! Verdade, não consegui nada muito interessante naquele ambiente, todos eram muito calados, nem mesmo o pai chorou no enterro do filho — disse naturalmente, esquecendo da necessidade de ir ao banheiro. Só tinha uma pessoa que estava sofrendo pela morte do menino, era sua prima, tinha um nome incomum, Violette de Andrada, indo até ela, dando meus pêsames e falando sobre o ocorrido, ela me disse *"tudo por causa do filho da puta do meu tio"*. Não entendi... — Leopoldo ficou em silêncio, olhando para o vazio. Estou com vontade de fazer alguma coisa... — olhou para Lívia e perguntou: quem diabos é você!?

Lívia suspirou, mas achou que tirou tudo que podia do Sr. Leopoldo, respondendo:

— Ninguém, estou indo embora Sr. Leopoldo, cuide-se.

— Não vai limpar minha bunda, acho que me caguei.

Lívia decidiu ignorar, afinal, esqueceria mesmo, mas ao abrir a porta, encontrou a mulher da recepção.

— Ele não tem neta, quer que eu ligue pra polícia ou para os seus pais!?

Lívia fechou os olhos, dando por vencida, dizendo que queria que ligasse para os seus pais. Infelizmente, ou felizmente, seu pai que iria buscá-la. A recepcionista ligou par ao filho do Sr. Leopoldo informando a situação e ele pediu para falar com ela.

— Você tem espírito de jornalista, muita ousadia sua. Pareceu meu pai na sua juventude, ele era maluco também — disse divertido.

— Não chego nem aos pés do seu pai — disse sorrindo. Estou encrencada? — perguntou, sem temer nenhuma consequência, sua investigação era maior do que qualquer punição.

— Isso é com seus pais, partindo de mim, dar-lhe-ia um belo de um troféu — disse rindo. Ele ajudou?

— Ajudou, apesar de ser uma luta tirar informações dele. Ele esquecia, eu tinha que ser ligeira para fazê-lo voltar ao raciocinou, no final, achou que eu era enfermeira e falou que eu tinha que limpar a bunda dele por ter se cagado.

O filho do Sr. Leopoldo deu uma grande gargalhada, por fim, disse para passar o telefone para a recepcionista, iria dizer que estava tudo bem.

— Você é uma menina de sorte — disse a recepcionista. Espere até seu pai chegar.

Uma História do Passado

— Castigo indefinido!

— Pai, por favor, seja compreensivo!

— Serei compreensivo desde que você me conte a verdade — disse Otto irredutível enquanto dirigia para casa.

Otto depois de ouvir a história da recepcionista, não estava tão bravo como Lívia imaginava, mas esse segredo o incomodava. Tinha medo de que ela estivesse se envolvendo em algum problema; ela não falando o que é, não poderia ajudar a não acontecer — na mente do Otto, só está o acontecimento de meses atrás, não quer que algo parecido aconteça nunca mais. Lívia, por sua vez, mentiu dizendo que era uma pesquisa para a escola, o mesmo projeto que tinha dito para a bibliotecária, mas Otto não acreditou, dizendo se fosse verdade, iria ligar para a escola, fazendo ela admitir que era mentira.

Infelizmente, ou felizmente para Lívia, o Sr. Leopoldo não soube dizer o que estava tratando com ela. Achando que Lívia era uma enfermeira da casa de repouso e que iria limpar sua bunda, deixando sem maiores informações para repassar ao pai de Lívia.

Lívia decidiu contar. Por mais que sua pesquisa seja estranha, podendo deixar seus pais preocupados, tirando a parte que ela tinha sonhado com ele e tendo o visto brevemente após bater a cabeça e abrir os olhos, fazendo seus pais a levarem ao hospital ao invés de a ajudarem.

— Irei te contar...

— Conte!

— Estou fazendo uma pesquisa sobre o Parque Dourado, houve um suicídio no passado lá e há relatos na internet de que o garoto que morreu aparece de vez em quando...

Lívia contou tudo, tirando as partes mais problemáticas é claro. Otto ouviu com cuidado, enquanto dirigia lentamente, sua opinião não foi favorável e nem desfavorável, mas conclui que essa investigação dela é uma forma de manter sua mente ocupada.

— Tudo bem, pode continuar com sua investigação, mas quero que seja cautelosa. Você deu sorte com o jornalista, mas poderia ser um homem com más intenções. Não quero que vá a casa de ninguém sem antes dizer a mim, pois caso vá sozinha para casa de um desconhecido novamente, irei abrir um buraco, te tacar dentro e fechar para nunca mais abrir.

— Obrigada pai! — Disse Lívia feliz e divertida pelo que seu pai disse no final.

Chegando em casa, sua mãe não sabia de nada, pois estava fazendo compra e Otto tinha atendido o telefone.

— Que evento é esse que os dois apareceram juntos e não me levaram?

— Coisa de pai e filha, não se mete — respondeu Otto seco indo tomar banho.

— Fala! — disse para Lívia.

— Não posso, é segredo, vou para o quarto.

Clara ficou só na sala, sentindo-se excluída, mas não achou de todo mal esse segredo dos dois.

Lívia chegou no seu quarto e foi direito para o computador. O ligou e ficou esperando inicializar ansiosa, algo demorado. Agora estava completamente livre para sua pesquisa, com a ajuda de seu pai, vai ser mais fácil.

A primeira coisa foi pesquisar sobre a prima do Alexey em uma rede social famosa, ela estaria velha, mas já ouviu de uma colega que o tio dela encontrou um antigo amor dele por meio dessa rede social. A questão que muito dificilmente ela teria uma conta, como no caso de sua amiga em busca do antigo amor. Provavelmente, encontraria uma conta de um parente qualquer que postou foto junto da pessoa, a busca chave pelo nome mostraria a foto. E sendo Violette, um nome tão incomum que dúvida que dificilmente as buscas iriam mostrar tantas postagens com

esse nome estrangeiro, e mesmo que tivesse muita, pela idade...

"Droga, esqueci de perguntar o ano que foi esse acontecimento!"

Pensou Lívia frustrada, mas logo em seguida caiu a ficha, pela idade do senhor Leopoldo e sendo que ela era criança, deve ser uma senhora entre os 50 ou 60.

Pesquisando por "Violette de Andrada", não demorou muito. Apareceu uma senhora em uma casa antiga e elegante, com móveis luxuosos, de cabelos brancos e olhos castanhos, muito fina, ao lado de seu sobrinho, Carlos de Andrada, Vereador de São Paulo. Lívia não conhecia esse político, como nenhum outro, é apenas uma adolescente que vive com seus problemas de adolescente. Queria enviar mensagem para ele na rede social, mas sendo político, uma pessoa importante na sua mente, não acha adequado.

Entrando nos comentários para ver se tinha alguém mais acessível, encontrou uma menina que parecia ser de sua idade com o mesmo nome que a senhora Violette, escrevendo "Melhor vó do mundo! Amo muito, muito, muito!".

Entrou no perfil e viu que ela tinha 19 anos, seu perfil não podia enviar mensagem, tinha que adicionar como amigo,

mas podia ver suas fotos e publicações; o que, infelizmente, não foi muito animador. Estava em Zurich na Suíça...! Ficou sem saber o que fazer, mas decidiu enviar um convite e tentar combinar um encontro com Violette vó e pra tirar a dúvida se, de fato, ela era prima de Alexey. Tentou investigar outros perfis, mas não tinha mais nenhum parente declarado, os demais comentários eram de eleitores do Sr. de Andrada, o político.

— MÃE TO COM FOME!

Gritou Lívia triste, tendo que esperar a resposta. Até pensou em enviar mensagem para o político, mas por algum motivo, acha que seu pai não ia gostar.

— O que você quer meu amor? — perguntou Clara depois de ouvir sua filha gritar.

— Pão de queijo, vários pães de queijo.

— Daqui a quarenta minutos!

Pães de queijo era algo que Lívia adora comer em momentos de estresse; a casquinha firme, o queijo derretido, era algo que a acalma muito rápido e seu paladar adora também.

Deitada em sua cama com o pote com vários pães de queijo quentinhos, come, apreciando cada mordida. Neste momento, ela não pensa em nada, em sua investigação, em Alexey, só aprecie seu delicioso pão de queijo. Terminando e colocando seu pote de lado, sente um tremendo sono, fecha seus olhos e sonha. Está no parque dourado, anda, mas não sente seus pés, como se fosse um observador guiado, apesar de ter uma pequena percepção de consciência, como se estivesse no controle de tudo.

"O nosso pequeno anhanga boia está sofrendo tanto, por isso chove tanto." Disse o lobo-guará olhando para o céu com um guarda-chuva de madeira.

"O que acontecerá com ele?" Perguntou um espírito que tem forma humana, só que a cabeça é muita grande e o corpo extremamente pequeno, parece que a cabeça vai tombar a qualquer momento; um vento sobra e a cabeça faz um leve movimento, por mais que parecesse que ele ia cair, está em total equilibrado.

"Não sei, Anhanga o condenou a ficar acorrentando por toda eternidade, tirando o propósito como seu servo." Respondeu o lobo-guára.

"Ah, o coração humano!" Disse um ratinho que saiu do meio dos pelos do lobo-guará, um rato branco. *"Depois de*

tantas décadas, ele ainda é humano e necessita do calor deles."

"O que você está fazendo escondido nos meus pelos?" Perguntou visivelmente incomodado o lobo.

"Ora, nessa chuvarada toda, preciso de um lugar quentinho!" explicou como se fosse óbvio.

Lívia começa a se movimentar novamente, ou o que fazia dar seus passos. Agora está de noite e ainda está chovendo. Está no meio da floresta e ouvi algo entre as árvores, mas não consegue ver quem está dizendo.

"E agora, com quem vamos brincar?" Disse um pequeno espírito com uma voz fina de criança, mas não era uma criança.

"Não sei, ele é muito burro." Respondeu outro com a voz igual, mas muito mais firme, conhecido por tacar pedrinhas. *"Eu avisei, ele não quis ouvir, agora vai ficar assim."*

Andando mais alguns metros, vê Alfonse, mas Lívia, somente vê Alexey, suas memórias sobre ele ainda não voltaram. A boca de Alfonse está selada, ele clamou tantas vezes por perdão a *Anhanga*, mas sem resposta, começou implorar a *Jaci*, enquanto olhava a lua cheia, fazendo

Anhanga selar sua visão; depois selou suas lágrimas que refletia a lua, pois por elas clamava a *Jaci*. Restando apenas sua audição.

Lívia está na frente de Alfonse, ele por outro lado, ajoelhado no chão com a cabeça baixa. A chuva escorre pelos seus cabelos negros, descendo até o rosto, descendo até seus olhos, fazendo parecer que ele está chorando. *Anhanga* que selou quase tudo, não selou seu olfato, ao sentir o cheiro de Lívia, ergueu seus cabeça rapidamente e Lívia abriu os olhos. No entanto, uma enxurrada de memórias fora desbloqueada, as memórias que tinha com Alfonse, não com Alexey. Acordou com os olhos cheios de lágrimas. Lembrava-se de tudo, cada momento, cada palavra, cada toque. Lembra-se de sua promessa de não o esquecer, lembrava-se dele dizer que sempre estaria lá, a esperando, enquanto precisasse.

Jamais Te Esquecerei

Lívia olha para o relógio, são sete e meia da noite. Levanta-se e vai para o banheiro. Lava o rosto, não acreditando que

poderia esquecer de tudo aquilo; dele tacar a pedrinha no lago; dele a apoiar para enfrentar toda a situação que a fazia querer fugir de qualquer jeito; dele a abraçar no gazebo; daquele poema que disse enquanto estava deitava sobre seu peito, achando que era algo de sua cabeça, mas que lembra vividamente, como se tivesse sido ontem, no meio daqueles trovões e chuva, que parecia que o mundo iria deixar de existir, mas que o calor do corpo dele, não a fazia ficar preocupada com nada.

"O som leve do trovão, o céu escuro, talvez a chuva não cesse. Ainda assim, lembrar-se-á de mim?"

Lívia:
"Lembrarei! Nesta vida e em tantas outras; com chuva ou sem chuva; sem lua ou sol. Por toda eternidade, lembrarei de ti!"

Lívia lavando seu rosto, acredita que tudo que viveu é real, mas se voltar a agir igual antes, fazer as mesmas coisas que fez antes, causará novamente dor para seus pais, algo que ela não pode admitir — algo que Alfonse a ajudou a resolver, ela sabe que ele não concordaria com isso. Olhando no espelho, seu rosto pálido e vermelho, algo estava em sua mente. O que ouviu no sonho, um nome que parecia ter vida *"Anhanga"* e *"Jaci",* precisava saber quem era elas ou o quê eram.

Foi para o computador, felizmente, ele já estava ligado. Entrou no site de pesquisa e pesquisou: “Quem é Anhanga ou Jaci?” a resposta a surpreendeu, mas fazia sentido. Deuses indígenas, algo sobrenatural, como tudo isso é.

— Então, o deus cristão não existe...! — caiu em si apoiando contra a cadeira refletindo.

Não era algo que ele deveria se prender naquele momento, mas ouvindo tanto sobre Cristo, não só na rua, mas também na televisão, fez ela ter esse lapso de incredulidade, apesar de nunca ter sido religiosa.

— Estou lidando com uma intriga de deuses...!

Lendo sobre Anhanga e Jaci, deuses totalmente opostos, estando no meio disso tudo Alfonse, um ser-humano normal...

— Alfonse, como você foi acabar nisso...?

Repentinamente entra Clara, chamando-a para o jantar, ela disse que não queria, mas Clara não aceitou a recusa, a forçou a almoçar.

— Como está indo sua pesquisa? — perguntou Otto, querendo iniciar uma conversa com sua filha.

— Uma reviravolta e tanto, estou cheia de trabalho agora.

— Que trabalho é esse? — perguntou Clara, vendo uma oportunidade excelente para conseguir saber o que é isso tudo.

— Segredo de estado, não posso contar — respondeu divertida.

Lívia queria mais do que tudo sair e voltar para seu quarto, pensando em qual seria seu próximo passo: ir em busca de um chefe de tribo? Ela não tinha a mínima ideia de como lidar com essa situação toda. Jaci está ajudando Alfonse, acredita que graças a ela, Lívia pôde recuperar suas memórias perdidas de Alfonse, mas o que ela precisa fazer para poder ajudar Alfonse é a questão.

Jantar terminado volta para o quarto, pensa em rezar para Jaci, mas não acredita que isso funcionária, pelo pouco que sabe sobre os indígenas no Brasil, elas fazem cerimônias, rituais, não apenas rezam. Sem saber o que fazer, decidi voltar para o computador e pesquisar mais um pouco. A aba que tem a rede social, aparece uma notificação, curiosa, vê que é o convite que enviou para neta de Violette foi aceito

— Voltando de onde parti!

Era melhor decisão no momento, depois iria procurar para saber como lidar com Anhangá, agora, precisa saber da história de Alfonse, de como ele foi parar lá. Enviou uma mensagem, dizendo que queria saber o paradeiro de Alfonse, depois de 35 minutos, pareciam uma eternidade, obteve uma resposta, mas depois da resposta, a conversa fluiu rapidamente. Violette, a sobrinha, achou tudo isso estranho. Sabia muito pouco de Alfonse, pra ela Alexey, esse pouco é que ele existia, mas como está, onde foi parar, o que aconteceu com ele, não tem a menor ideia.

“O problema, duvido que minha avó irá querer ver uma desconhecida. Sabe, precisa de algo, eu não sei o quê. Se eu tentar falar com ela sobre isso do nada, ela irá recusar na hora.”

Lívia mentiu, contando que está a busca de um parente e, pelo pouco que sabe, conhecia Alfonse, achando que ele poderia saber seu paradeiro.

“Diga a sua tia que o nome dele é Alexey Osório Joaquim Alfonse de Fonseca”.

“Cruzes! Agora acho que ela possa ficar um pouco curiosa, nome longo danado! Nem eu sabia hahaha”

Lívia ficou aliviada, agora pode ser que o encontro das duas com a ajuda de seu pai, não pode tirar ele do plano, pois

pode ter problema, já que ambos combinaram dela não ir para casa de desconhecidos sozinha, dê certo. Seus cotovelos apoiados na mesa, jogando seu cabelo para trás sorri por ter conseguido mais uma vitória nessa busca em ajudar Alfonse, mas seu sorriso desfalece.

"ESPERA!"

Lívia caiu na real, se os dois eram primos, com idade extremamente próximas, se ele cometeu suicídio a tantas décadas atrás.

"IMPOSSÍVEL, IMPOSSÍVEL!"

Lívia nega a realidade por mais óbvia que seja. Alfonse é tão real para Lívia que não consegue imaginar um mundo que ele não exista.

"Senti seu abraço, seu calor, seu cheiro, ele é real. Ele está aqui, conosco!"

Lívia sente um sofrimento imenso dentro de si, negando tal verdade. Deita-se chorando na cama, lágrimas de dor, tão familiares a sua pessoa que de exaustão dorme pela mente sobrecarregada. Acordando no outro dia, esquecendo brevemente do fato dela dormir tão angustiada. Existiu um breve alívio em sua mente, mas breve, e a volta, não é nada

além de tristeza. Fica deitada na cama, não quer levantar, lembrando-se:

"O som leve do trovão, o céu escuro, talvez a chuva não cesse. Ainda assim, lembrar-se-á de mim?"

E ela respondendo:

"Por toda eternidade, lembrarei de ti."

E repetindo:

"Por toda eternidade, lembrarei de ti."
"Por toda eternidade, lembrarei de ti."
"Por toda eternidade, lembrarei de ti."
"Por toda eternidade, lembrarei de ti."
"Por toda eternidade, lembrarei de ti."
"Por toda eternidade, lembrarei de ti."

— Filha, quer comer nada? —Quebrando o clico que Lívia estava.

— Não mãe, agora quero ficar deitada — Respondeu pegando a coberta e cobrindo sua cabeça, quer ficar sozinha.

— Está de TPM?

— Mãe, vai embora!

Clara tentou brincar com Lívia, mas não conseguiu o efeito esperado. Suspira, olha ao redor para ver se tinha algo a fazer, mas só precisava arrumar a cama que Lívia está afundada.

— Bem, se quer ficar deitada, desliga o computador.

— Irei.

— Agora! Energia não se paga depois, se eu voltar e estiver ligado, irei te jogar no chão — saindo do quarto, Clara leva muito séria a economia de casa.

— Droga... — levanta-se a contragosto para depois voltar a deitar-se, conhece muito bem sua mãe, mas antes, da uma olhada nas notificações.

Percebe que Violette respondeu, dando o endereço, dizendo que sua tia odeia atender telefone, poderia visitar ela quando quiser. O animo mudou repentinamente, esqueceu de tudo que fazia querer ficar na cama. Agora tinha que visitar a Sra. Violette e dar fim nesse mistério todo. Encontrar a resposta o do porquê Alfonse está preso onde está, mais vivo do que nunca para Lívia!

Lívia vai até o telefone e liga para seu pai que está no trabalho.

— Agora estou no trabalho, vamos fazer isso no final de semana.

— Pai, você me prometeu! Eu preciso dessa entrevista para resolver esse quebra cabeça, se não for, irei sozinha. Não quero saber.

Chantageou Lívia na ligação que ficou silenciosa por longos segundos, fazendo o coração dela bater mais forte.

— Tudo bem, só dessa vez.

— OBRIGADA PAI! Estou desligando, esperando você, não demore.

Lívia está pulando de felicidade, sua mãe a questiona, respondendo “segredo de estado”.

— Não estou gostando nada disso — disse Clara sobre essa situação.

— Gostando ou não, assim é — indo para seu quarto se arrumar.

Troca de roupa, queria tomar banho, mas não tinha cabeça para isso. Lavou apenas seu rosto, passou um perfume, sentou-se na sua cama, esperando ansiosamente a chegada de seu pai. Sua mente está vidrada, anestesiada pela ideia permanente de saber que irá descobrir tudo. Acabou sua busca, suas noites mal dormidas que ficava por tantos fenômenos desconhecidos que estava aparecendo na sua vida.

Otto chega, Lívia vai direto se encontrar com ele, entrando no carro. A impaciência dela fez Otto agir, o coração da juventude é um cavalo indomável.

— Irei visitar um lugar com Lívia, já trago ela de volta — disse Otto para sua esposa do lado de fora de casa com um pano de prato na mão.

— Pra onde? — questionou curiosa!

— Vamos logo pai — disse Lívia apressada.

— Quando voltar conto tudo, agora deixa eu ir — não querendo deixar a ansiedade da sua filha aumentar mais.

— Tomem cuidado!

Otto deu um sermão em Lívia da maneira que agiu com sua mãe, ela com calma, pediu desculpas, dizendo que estava

arrependida. Estava nada, só queria que seu pai parasse de falar, sua cabeça está no encontro que vai ter com Violette!

— Ela sabe que a gente vai lá, certo?

— Ela disse só pra gente aparecer quando quisesse.

Otto ficou em silêncio olhando para sua filha.

— Pai, ela não gosta de telefone, ela é do tempo antigo!

— Que seja. Só espero não perder meu dia.

Chegando na rua que seu pai conhecia bem. Otto conhece São Paulo inteira, tendo sua origem de um subúrbio e alcançado a nata da sociedade paulistana, não existe um lugar que não conhece-se, melhor que qualquer guia de viagem. A bairro da dona Violette é um bairro nobre, antigo, com casas de dois andares, as janelas não têm grade e são no formato de rótula; muros de taipa ou com lanças negras com as pontas douradas; telhas de ardósia, dando um ar europeu para o bairro. Um lugar maravilhoso, os jardins são belos, todos tem, alguns simples, outros um pouco mais elaborados. Enquanto Otto dirigi lentamente, vendo os números da casa, vê uma casa de longe, tendo um jardim com várias flores rochas. Aproximando de tal casa, essa é a coisa de Violette, o jardim mais belo.

— Ela faz jus ao nome — observou Otto.

— Como assim?

— Violeta, esse jardim está com várias flores e plantas da cor rocha.

— Ah, entendi! — Lívia não tinha associado o nome a cor da planta. Vamos lá?

— Vamos.

Lívia toca a campainha antiga, o formato e de cabeça de leão e o botão está dentro da boca — extremamente brilhante, refletindo a luz do sol. O som dos sinos fez a mente de Lívia entorpecer, antes estava ansiosa, mil cenários passavam em sua cabeça. Agora, apenas resta o nervosismo da realidade, sem saber o que irá esperar. Um homem vestindo um terno preto, sem gravata, com o paletó abotoado, apareceu. Vai até os dois lentamente; seu cabelo é grisalho, seus olhos são verdes, transmite uma calma incomum. Anda em direção a eles como se o tempo não existisse, isso fez Otto ficar incomodado, mas não disse nada, enquanto Lívia, estava admirada com tamanha elegância.

— O que deseja mocinha? — disse sorrindo, desarmando completamente Lívia.

— Eu conversei com a sobrinha da Sra. Violette, queria falar sobre o primo dela, Alfonse.

— Por favor, entrem, ela está a esperando no jardim— disse abrindo o portão.

Otto não entendeu o motivo dele dirigir a sua filha, era algo incomum.

— Senhor, por gentileza, seu paletó — pediu o mordomo a Otto que naturalmente o entregou. Madame, por gentileza, segue esse corredor e vire à esquerda, haverá uma porta para o jardim, ela estará a esperando. O senhor, por favor, siga-me.

— Por que ela vai só? Onde está me levando? — questiona Otto em um tom intimidador e de ordem.

— Pois quem busca a minha senhora é sua filha não você, nada tem a tratar com ela — respondeu calmamente, sem temer o tom de autoridade de Otto que balançaria qualquer homem comum.

— Pai, qualquer coisa, irei gritar — disse Lívia para acalmar os ânimos, pois, mesmo sem nenhum deles não dizer uma palavra, o desconforto estava aparente,

— Tudo bem — aceitou Otto.

Otto seguiu o mordomo e Lívia seguiu o corredor à frente, um longo corredor. Nas paredes tinha retratos pintados, um chamou atenção, um senhor velho de cabelos brancos que no colo tinha duas crianças sorridentes. Lívia ficou observando, o garoto tinha cabelos negros, não sabia a cor dos olhos pela foto ser antiga, não pensou em nenhum momento que fosse Alfonse, ele está vivo, jovem, belo; a criança sentada no colo desse senhor, feliz, sorridente, era uma criança que viveu uma vida feliz, cheia de alegria, agora como o avô, deve ter seus netinhos sentado no colo com o mesmo sorriso. Essa imagem que Lívia cria daquele belo garoto.

Seguindo o corredor, virou à esquerda e pode vislumbrar o jardim dos fundos. Lívia queria ficar parada, como se continuasse, iria sair de um sonho. O jardim da entrada, nada se compara com o jardim dos fundos, tem um ar místico, mágico, como os jardins suspensos da Babilônia que estudou na aula de história. Abrindo a porta, pode vislumbrar melhor o jardim, era verde, vivido; as flores lá, não tinha os roxos que viu na entrada, era cheia de flores amarelas, mas o que mais chamou atenção de Lívia, foi a árvore de ipê-amarelo enorme no centro e perto dele, tinha pequeno lago que as flores repousavam suas pétalas caídas; o lago tinha seis carpas, pelo lago ser transparente, podia ver elas claramente.

A Sra. Viollete estava sentada dentro de um gazebo, esse, muito menor do que no parque dourado, tinha uma mesa de centro e duas cadeiras. Por mais que seja menor, era ornamentado, a madeira tinha belos desenhos de flores, enquanto no parque dourado, parque no qual uma noite ficou abraçada com Alfonse, era muito mais simples. A madeira era velha pelo tempo, a manutenção não existia, visto que tinha musgo crescendo na base da madeira. Enquanto no parque, era tudo ligado a natureza, era algo real, o jardim da Sra. Violette parecia o éden, um lugar mágico, perfeito; um lugar no qual o efeito do clima e tempo não existia.

— Boa tarde, sou Lívia...

— Sente-se, está muito calor — interrompeu Violette vendo o nervosismo claro de Lívia. Tome, tenho suco de laranja bem gelado.

— Pensei que era chá — disse divertida.

— Tomo suco de laranja em chicará de chá mais pela aparência, está muito calor para tomar chá — disse Violette, quebrando todo o clima. Diga-me mocinha, o que você quer com meu primo. Ele já se foi há muito tempo, fiquei curiosa. Ah, por sinal, a estória que você contou para minha sobrinha sei que é mentira. Todavia, estou curiosa para saber o motivo dela.

Lívia ficou em choque, Violette, quebrou a tensão inicial, criando outra.

Violette é uma bela senhora, seus cabelos grisalhos fazem um belo contraste com seus olhos castanhos claros; a marque da idade no rosto, são mais um charme para sua aparência, como se fosse um utensilio dado a pessoa graciosas por natureza, o mesmo que está usando no pescoço, um colar modesto de ouro. Todo movimento, todo olhar, tudo é muito suave, seu tom, sua voz, algo doce, mas como Lívia presenciou, pode ser extremamente intimidador.

Violette passa a impressão como se fosse a suprassumo da etiqueta, das boas maneiras e da elegância. Quem a vê, não consegue imaginar ela como criança, pelo menos, como uma criança normal que quando vê uma poça de água no barro vai pular e se lambuzar, que vai sujar seu rosto brincando na terra ou fazendo as molecagens que toda criança faz.

— Conte-me a verdade — disse Violette quando Lívia estava pensando no que dizer. Caso eu sinta ou perceba que você está inventando uma história para me enganar, irei terminar essa conversa agora.

— Não vai ser uma conversa agradável — desabafou Lívia.

Lívia realmente estava pensando em omitir fatos, mudar alguns pontos, mas Violette conseguiu a ler perfeitamente. Não era igual aos seus pais ou as demais pessoas que conheceu nessa trajetória.

— Vivi muita coisa desagradável, rememorar algumas, não vai me afetar, garanto-lhe.

Lívia contou tudo, exatamente tudo. Violette poderia achar ela maluca, não se importava, queria alguém para falar tudo, dizer tudo, e não queria perder essa oportunidade tão grande. Chance que poderia mudar todo o rumo dessa busca dela.

— Eu sei, posso parecer louca...

A maior parte enquanto falava, Lívia ficou olhando para o chão e de vez em quando olhava para Violette para confirmar por meio de reação se podia continuar que era neutra, o que ela tomava como uma afirmativa. Agora no fim, querendo se explicar, olhando para ela, a vê chorando, deixando-a atônita, sem saber o que fazer, mas Violette sabia. Ergueu a mão pedindo um momento, pegou um lenço no seu bolso, enxugou as lágrimas delicadamente e depois de fazer isso, fez parecer que nunca existiu, deixando apenas o rastro vermelho nos olhos.

— Estou aliviada, achei também que estava louca. Irei te contar tudo sobre Alexey. E daquele parque, parque que foi seu túmulo e nosso reencontro.

Violette conta que ela e seu primo foram criados juntar pelo pai de Alfonse ser capitão comandante de um navio e sua mãe ter morrido por uma doença misteriosa, doença qual ninguém conseguia identificar. Morreu quando ele tinha apenas cinco anos. Pela vida marítima de seu pai, foi dado a seus avós para criá-lo.

— Ele sempre foi uma criança retraída, ficava no colo de nosso avô em toda oportunidade. E quando eu ficava, ele ficava no canto triste — disse sorrindo, lembrando divertida.

Por mais que Alfonse e Wagner, tenha se vistos poucas vezes em sua vida, tal distância não corta ligação biológica forte que Alfonse criava sobre o pai.

— Toda vez que ele perguntava para o nosso avô onde estava seu pai, contava várias histórias fantásticas, todas mentirosas por sinal. Isso fazia os olhos dele brilhar, filho do mar, filho de Odin, comandante de navios e do mar.

Alfonse, sempre escrevia cartas para seu pai, único meio de contato. Os telefones naquela época era artigo de luxo, por

mais que tivesse, não tinha como ligar para o navio, não tinham dentro de um, pelo menos, eles não sabiam.

— Mesmo que tivesse, duvido que poderíamos ligar. Um navio de guerra, período militar, não seria permitido.

Por mais que ele enviasse cartas, nunca chegava respostas, via seu pai uma vez por ano. Não era seu aniversário, não era natal, ou qualquer data comemorativa, mas sim, no dia do aniversário de sua mãe. Ambos iam juntos, levavam velas e flores, limpavam o túmulo dela e rezavam pela sua alma.

— Eu pedi uma vez para ir, naquela época, estava com doze anos. Meu tio era apavorante, homem que nunca sorria. Ele apenas acenou com a cabeça e fomos. O engraçado é que o Alexey não o via como nós, pessoas normais o viam. Olhava para o pai com admiração, não sei se era por ser seu pai um comandante de navio ou pelas histórias do nosso avô, mas ele sempre ficava muito feliz. Mas pouco se falavam, trocavam poucas palavras, mas quando ia embora, apenas dizia para ele: *"seja um bom menino"*.

Wagner nasceu no início em 1940 de uma família rica e tradicional, coisas materiais eram sem significado. Sua vida cotidiana era desconfortável, tudo tinha uma regra, uma norma a seguir, maneiras de fazer as coisas. A família tirava férias no litoral paulista, numa dessas ocasiões, seu primo,

João, o chamou para pescar. Um barco a vela, João o ensinou a guiar, fazer todo o processo, pegou rapidamente por ser um homem extremamente inteligente e hábil com coisas manuais. Diferente do seu primo que gostava de pescar, ele gostava do mar, lá não existia nada, podia falar besteira, xingar quem fosse, amaldiçoar quem fosse, falar coisas que não podia falar, pois a única testemunha era o mar.

Wagner odiava pescar, gostava mesmo era de ser o capitão do seu barco a vela. Quando o tempo fechava e seu primo dizia para voltar, ele insistia em ficar mais um pouco, fazendo eles pegarem uma grande turbulência e lutarem contra as ondas, mas como sempre não iam muito longe, essa excitação não durava tanto. Esse primeiro embate contra o mar seu primo João lhe deu uma bronca: *"Se lutarmos contra o vento, iremos afundar, guia essa porra direito!"*

Uma vez, aos 17 anos para fazer 18, visitou seu primo mais uma vez. Dessa vez Wagner chegou com um presente para João, uma vara de pesca que aguentava pegar peixe de 300k, linha forte e firme, pesquisou bem.

"Por que diabos isso?"

"Iremos mais fundo, iremos pescar um tubarão."

“Pro inferno, não quero morrer.”

“Homem sem coragem, irá sempre viver na mediocridade.”

Tal provocação teve o efeito que esperava, João aceitou. Wagner com sua bússola e seu primo prepararam o barco, colocaram suas cervejas e cigarros e saíram mar a dentro. A distância que velejaram já não podia ver a areia da praia, a orla, muito menos a cidade. Não existia vida, a não ser a marinha e as gaivotas que sobrevoavam eles algumas vezes.

A vara de João algumas vezes iscava uma coisa, mas sempre saía da isca, deixando-o irritado. Deixando a vara presa no barco, olhou para o céu nublado, levando seus olhos para a praia que não tinha mais a vista, sentiu temor.

“Sinto um mal pressentimento.”

“O que você sente é medo” disse Wagner deitado no barco olhando para o céu.

“Isso não é brincadeira, o tempo está fechando.”

“Sou filho de Poseidon, filho do mar, sou imortal.”

João ouviu incrédulo as palavras sem sentido de Wagner, discutiram feio. Wagner foi obrigado por João a retornar, do contrário, haveria uma briga feia, física, conhecia bem

seu primo. Ergueram as velas, com a bússola, foram em direção a praia. Alguns minutos velejando o céu fechou, o mar ficou inquieto, não viam nada. Os dois se olharam.

“O vento vai nos levar para casa.” Disse Wagner para seu primo que concordou acenando a cabeça. Não levou. O motor falhou, João foi tentar ver o que era, essa tentativa de arrumar o motor, uma onda forte bateu contra o barco fazendo João cair do barco.

Wagner ficou incrédulo, temoroso, não que ele não estivesse antes, mas agora sozinho, sem ter nenhum rastro de vida de seu primo, grito, nada, está cheio de temor. Temor que não o fazia olhar para o céu, segurava no mastro, segurava-se, mas não adiantou. Outra grande onda bate contra o barco, fazendo o barco virar e Wagner cair para o fundo do mar, mas o que poderia ser o fim de sua vida, foi o começo dela.

Acordou gorfando água de dentro de seus pulmões, estava em uma pequena ilha, com algumas árvores e pedras, alguns cocos visíveis a primeira investigação. Seu coração agora estava mais calmo, mas depois voltou a ficar em terror. Nenhum vestígio do seu barco, muito menos de seu primo, foi um milagre estar vivo, um milagre que o mar lhe concedeu. Seu coração que antes estava angustiado pela morte de seu primo, agora está preocupado de como irá se

manter vivo. Não tem nada consigo a não ser sua roupa do corpo.

Investigou a pequena ilha, subiu as rochas, viu somente o mar ao seu redor. Não sabia como fazer fogo, muito menos montar uma barraca, só sabia guiar um barco, e nessa confiança, causou a morte de seu primo. Sobreviveu o primeiro dia comendo e bebendo a água do coco; o segundo dia também, estava odiando a textura na sua boca; o terceiro dia desejou sua morte, não aguentava comer coco, ficou a maior parte do dia dormindo. Nos dois primeiros dias tinha esperança de resgaste, sua família é rica, iria gastar todo dinheiro que fosse necessário para salvar seu tesouro que era ele. Mas percebeu que naquele lugar, não era nada, apenas um ser-humano abandonado pelo mar para morrer.

Tentou comer formiga, leu que em algumas partes do Brasil fazem farofa, mas ao tentar pegá-las, recebia várias picadas, amaldiçoando a existência delas. O quinto dia estava magro, seus olhos negros e sem vida, esperando a morte. Mas ela não veio, veio um navio da marinha que estava patrulhando e com a notícia que uns garotos tinham se perdido no mar, decidiram ir até a ilha, única esperança de vida.

Wagner viu os marinheiros como anjos, um perguntou: “Tem fome?” Wagner quase chorou ao responder, todos

sorriram, alguns riram dizendo “Você é um garoto do mar, nasceu pra ser marinheiro.” E de fato virou! Quando levaram para o navio, todos os trataram muito bem, queriam saber de tudo. Quando o capitão do navio chegou, todos ficaram em posição de sentido, Wagner, assustado no cobertor, ficou paralisado, não sabia como reagir. O comandante do navio, seu capitão apareceu, era como se fosse um deus, um senhor do mar, seu olhar negro e barba branca, criava uma imagem de poder muito forte. Olhava para Wagner com desprezo, o mesmo desprezo que dava para seus marinheiros.

“Vai ficar sentado até quando?”

Wagner se levantou sem pensar duas vezes. O capitão fez perguntas diretas e Wagner deu respostas diretas. Um homem que na sua face e nas suas palavras não existia empatia. As perguntas eram básicas, seu nome, juntamente com sobrenome, quando não deu o comandante perguntou “nasceu de uma pedra filho da puta?”, depois de que lugar era e de onde saiu. Por fim, queria saber o que tinha acontecido, ouviu atentamente, por fim disse: “seu primo está morto, não existe nada que possamos fazer. *Mas saiba, o mar não perdoa o erro, no entanto, respeita quem aprende com ele*.” Essa frase não saiu de sua cabeça, ficou com ela gravada em seu coração.

Quando chegou em casa, teve o funeral de seu primo, por mais que seus tios o odiassem, ele não ligava, pois o mar lhe deu uma segunda chance. Entrou na marinha e decidiu seguir carreira.

— Pelo que meus parentes diziam, meu tio era obcecado pelo mar ou pela marinha, não sei qual dos dois. Sua carreira sempre vinha em primeiro lugar — disse Violette. Tanto que encontrou a mãe de Alexey em sua trajetória como oficial da marinha.

Quando Wagner decidiu servir a marinha brasileira seus pais, sua família, tirando a parte do seu primo, foram contra. Desde seu nascimento foi criado para assumir os negócios da família e o torna maior do que era, mas ele não ligava para esses negócios, se importava apenas com o navio que iria comandar, os marinheiros que estaria sob seu comando e o mar. Ficou em primeiro lugar na prova de oficiais da marinha, fazia de tudo para ganhar maiores promoções até ter o comando do seu próprio navio. Em uma de suas viagens pelo mar como primeiro tenente encontrou a mãe de Alexey... na verdade, encontrou a mãe da sua esposa. A maioria dos oficiais adoravam usar seus uniformes de oficiais e sair para bares para galantear donzelas. Wagner odiava essa prática, mas sabia que ter boas relações com seus colegas poderia o ajudar de alguma forma no futuro.

Em uma dessas andanças pela cidade, separou do seu grupo para respirar um pouco, enquanto eles gostavam de falar de suas conquistas, ele gostava de falar do mar, o que eles odiavam por viver nele: “Em terra falamos da terra”, disse um deles. Encontrou um pequeno restaurante, muito simples, mas a comida era deliciosa. A dona do bar logo foi assediando-o mostrando sua filha, como se fosse uma mercadoria. Era uma senhora esperta, via a riqueza, já por ter trabalhado durante muitos anos em casa de senhores ricos. Aceitou a oferta de ficar com a filha, era uma mulher bonita e, como a mãe dizia, sabia cozinhar e lavar. Em um navio, bons cozinheiros e limpadores eram valorizados. A senhora disse para sua filha levar ele para sua casa que cuidaria do negócio. Wagner aceitou por não aguentar aquela mulher, queria a filha, não a mãe. A filha se chamava Laura, uma bela mulher de pele branca, cabelo castanho e olhos escuros, não muito expressiva pela criação da mãe.

Chegando à casa, ele amaldiçoou tal lugar se chamado de lar. Era um barraco sem reboco, felizmente, ao entrar, viu que era bem-organizado e limpo, do contrário, sabia que o que a senhora tinha falado da filha seria mentira. Ela o levou para o quarto e ficou sentada na cama.

“Não enfio meu pau em bueiro.”

Disse Wagner sério para ela.

“Eu quero uma esposa que lava e limpe bem, não quero discussão, não quero saber o que você quer. Apenas faça o que mando que você viverá em um lugar melhor do que este. Aqui é um lixo.”

A menina que não tinha expressão ficou apavorada, não sabia o que dizer, a ofensa não foi nada, afinal, sua mãe a ofendia constantemente a chamando de todo tipo de coisa.

“Responde, aceita ou não?”

Perguntou Wagner sem paciência, ela aceitou, pois caso recusasse e sua mãe soubesse, iria tornar sua vida um inferno, preferiria viver no inferno melhor que ele prometeu e cumpriu. Entretanto, a mãe de Laura, não colheu o ouro que achou que colheria. Wagner proibiu dela falar com a mãe novamente e cumpriu, já que sua mãe a mandou cumprir tudo que ele mandasse.

Wagner disse para ela arrumar suas coisas e pegar seus documentos, todos eles e ela o fez. Chegando no hotel que estava, Laura nem mesmo tinha falado com sua mãe, foram para o quarto de luxo de Wagner. Um privilégio de um homem da alta sociedade paulistana, por mais que seus pais o odiassem por ter seguido o caminho que não era o que eles queriam, ainda era sua pequena joia.

Wagner escreveu uma carta para seus pais, disse para ela entregar para eles, também deu dinheiro para ela chegar até São Paulo e até a casa de seus pais.

“A partir daqui é contigo, tem mais do que o suficiente para hospedagem e a viagem. Caso não chegue e morra no caminho, não vale para ser minha esposa.”

Wagner a deixou no ponto de ônibus e foi embora, Laura foi para são Paulo.

— Sobre a mãe do Alexey, a Laura, não sei quase nada, ninguém sabia de nada! Ela apareceu na casa dos meus avós e ficou lá até formalizarem o casamento e poderem viver juntos, diziam que ela falava quase nada, mas que arrumava a casa e cozinhava muito bem. A propósito, pensavam que ela era muda!

Meses depois nas férias, Wagner voltou para casa de seus pais. Sabia que Laura tinha chegado quando recebeu uma carta de seus pais querendo maiores explicação da situação, pois na carta que ele a mandou entregar estava apenas escrito: “Essa é minha futura esposa. Cuidem dela até eu poder voltar para casa. De seu filho Wagner”. Wagner não explicou, apenas afirmou o que estava escrita na carta, tentaram saber pela Laura, mas ela não dizia nada. Cassaram-se no cartório, documento indispensável para

enviar para a marinha para ela poder morar junto dele na vila militar.

Não teve noite de núpcias, não teve beijo, só o papel assinado com seus pais de testemunha. Nem mesmo quando dormiam no mesmo quarto na casa dos pais de Wagner, ele tentou fazer algo, não foi diferente quando foram para vila militar.

Wagner gostava de Laura, não falava quase nada, não pedia nada, deixava tudo limpo como gostava e cozinhava bem. Depois de meses morando juntos, sem nunca terem se tocado, ele decidiu dar algo para ela e perguntou: “você é uma boa esposa, irei te conceder um desejo. O que quer?” que respondeu “um filho”. Wagner não esperava isso, tantas coisas que ela podia pedir, mas logo um filho. O que Wagner não sabia é que ela não sabia de todas essas coisas, um filho, ela sabia que podia ter alguém que ela cuidaria por querer, não por mandarem ela cuidar, seu marido mandar. Wagner não fez protesto, para sua surpresa, era virgem, pensando no ato que fez um mal julgamento dela no primeiro momento. Faziam sexo regularmente, o filho veio, mas a perde dele também. Nem Wagner, nem Laura, se sentiram abalados, eram ambos fortes, fortes como o aço forjado no meio do mar numa tempestade.

A quarta tentativa veio o Alexey, que deveria ser Arthur, mas Wagner colocou os nomes que queria, mas Laura não

ligou, era seu bebê, só dela. Wagner podia ficar com o nome, ela ficaria com ele todo para si. Seus olhos azuis puxaram de seu avô, seu cabelo negro do pai, mas o rosto dela, todinho dela. Infelizmente, após o parto sua saúde ficou muito debilitada, tendo problema até para amamentar, não estava produzindo muito leite. Wagner decidiu mandar Laura para casa de seus pais, já que não podia deixar seu serviço, iria prejudicar sua carreira.

Os pais de Wagner aceitaram de braços abertos, depois de verem olhos azuis encantadores do seu neto, ganharam um novo tesouro para lapidar, dessa vez, não querendo cometer os mesmos erros, fazendo as coisas diferentes. Infelizmente para eles, Laura quase não deixava eles pegarem o bebê no colo; quando estava no jardim se bainhando de sol, lá estava ela, segurando-o; comendo com ele do lado enquanto dormia do seu lado na cama. Os poucos momentos que os avós tinham era quando ela tinha que tomar banho. Esperavam os sogros, depois da vinda do bebê, ela se tornaria mais falante, uma mãe falante que dizia várias palavras doces e bobas, típicas de mães corujas, mas não foi assim. Quase não falava, só olhava, falou mais com seus sogros do que com seu bebê, ficava apenas com ele, cuidando.

Quando Alexey fez três anos, a saúde de Laura piorou, seu bebê não percebia, sempre queria se esgueirar para fora da cama e ela o deixava explorar a casa com sua avó que

sempre queria ter um momento com ele. Wagner, todo médico que conhecia, militar ou civil, pedia para examinar sua esposa, ninguém sabia dizer o que ela tinha. Cada um falava uma doença, acabando não podendo afirmar ser qualquer uma delas. O corpo de Laura estava defiando, sua pele ficando mais pálida e seus lábios rachados e levemente roxo. Nem todo dinheiro do mundo pode salvar uma vida, ela iria morrer, os médicos falaram isso para ele e ele falou para ela.

“Não posso fazer nada.” Disse em tom sério, seus olhos estavam negros, sua mente entorpecida. A primeira pessoa que veria morrer, seria sua esposa.

“Cuide de nosso filho.” Pediu Laura com a voz fraca e doce.

“Não posso prometer isso.” Respondeu com a sinceridade que sempre guiou sua vida após a morte de seu primo.

“Eu sei.” Disse sorrido levemente, o último sorriso que Laura deu e ficou guardado na mente de Wagner.

Dois anos depois, nas férias de Wagner, primeiras férias que pegou em sua vida, sendo uma exigência dos seus pais, sua esposa morreu. Acordou com um cheiro incomum, era o cheiro de excrementos humanos, era os da sua esposa, seu coração parou por um momento, mas depois voltou ao normal. Pegou o lençol, colocou sobre sua face e pela

primeira vez na sua vida rezou. A amava, forma incomum do amor, mas na morte dela, percebeu que a amava.

O pequeno Alexey chorava no enterro, não entendia, queria ficar com sua mãe, mas não podia. Wagner ficou olhando de longe, enquanto estava do lado de sua esposa e recebia seus colegas de farda, seus parentes e seus amigos, desejando pêsames para ele. Não sentia mais nada, ou talvez não conseguisse sentir, estava fardado, estava usando o uniforme, juntamente com as decorações que lutou tanto para conseguir, não podia mostrar fraqueza naquele momento.

O fim do funeral conversou com seus pais, pedindo para eles cuidarem de Alexey, concordaram, sabia que isso ia acontecer.

“Wagner, você ainda é pai!” Disse José, o pai de Wagner, querendo que ele ficasse com seu filho, ficasse com eles.

“Alguma vez eu fui pai...?!” Questionou, uma indagação que não precisava de resposta, pois nunca tinha sido.

— Meus pais se mudaram do Rio de Janeiro para São Paulo, os negócios que meu pai tinha no Rio acabaram. E mal acabamos de chegar, tínhamos o funeral da mãe de Alexey. Nossa diferença de idade é de meses, sou mais velha, ele não parava de chorar, chorava. Quando me aproximei, minha

mãe disse que eu falei: “chora não bebê.” Querendo o acalmar, piorei tudo — Ri Violette e Lívia também. Eu comecei a frequentar muita a casa dos meus avôs para ficar perto dele, mas achava que ele não gostava de mim, sempre ia para o outro lado, era colado com meu avô José. Acho que era os olhos.

— Os olhos? — perguntou curiosa Lívia.

— Os olhos dos dois eram idênticos! Um azul idêntico ao dele. Eu passei a morar com meus avôs poucos meses depois por causa do trabalho dos meus pais, meu pai era engenheiro nuclear, minha mãe, bióloga. Um vivia no laboratório a outra na mata fazendo pesquisa. Acredito que eles não se importavam se eu me sentiria triste, achavam que seria bom por ter outra criança, meu primo. Sabe, Alexey sempre escrevia cartas para o pai dele, isso começou aos 12 anos, quando meu avô disse que poderia responder: nunca respondeu. Mas ele sempre escrevia, afinal, só via ele uma vez por ano. Tentei ver uma vez o que ele escrevia, pegou-me pelos braços, tacou para fora do escritório do nosso avô e trancou a porta — disse com um sorriso triste. Era bem discreto, mas o coração extremamente gentil. Essa foi a primeira vez que o vi agir de maneira tão séria. Tudo acabou, quando meu avô morreu quando ele tinha 15 anos, chorava igual uma criança, a mesma criança que eu vi chorando pela mãe no túmulo.

Violette muda seu semblante triste para um mais melancólico, seu olhar perdeu o brilho. Puxou do seu bolso duas cartas.

— Depois que meu avô morreu — limpou lágrimas que nascia dos seus olhos com a palma da mão de maneira muito delicada para não saírem — Alexey morreu junto. Os dois era unha e carne. Ficava no quarto trancado, não comia, não bebia. Minha avó não teve chance de ficar de luto, seu neto estava se matando. Sempre deixava comida em sua porta, implorando para ele comer. Uma vez eu, chorando, vendo que ele ficou uma semana sem comer e beber nada, podendo morrer, implorei para ele comer algo, só que a porta continuava fechada. Mas, nesse dia, pensei que ele me amava, da mesma forma que eu, pois o prato não estava mais lá, nem o copo de suco de laranja. A esperança encheu nós duas, ficamos todas bobas, ele está se recuperando. Três dias continuou, comia o que a gente deixava. Quando ele finalmente saiu do quarto, estava renovado, ficamos nós três o dia todo juntos, rindo, brincando, jogando jogos de tabuleiros. Alexey estava diferente, superfeliz! Naquele último terceiro dia, naquela noite, ele saiu de casa e se enforcou no parque, minha avó morreu dois dias depois quando soube de infarto. Ninguém entendeu. Mas antes dele se suicidar, colocou uma carta no correio para seu pai — Violette abre a primeira carta e começa a ler:

“Eu me pergunto desde o do dia que eu nasci, você sentiu alguma coisa por mim, mas o meu avô, seu pai, que foi um pai para mim, amava-me. Ele me deixou, agora estou só!

Eu sempre tive a esperança de que você me respondesse, até mesmo agora..., mas sei que é impossível.

Saiba, por mais que você não tenha sido um pai para mim, sempre te amei, almejei e desejei o ter perto de mim.

Agora irei embora, ficarei ao lado de quem sempre me amou e me deixou.

Do seu Filho, Alexey.”

— Essa carta deixada nos correios para seu pai foi aberta pela minha avó e eu, achávamos que poderíamos encontrar uma pista. Por mais que fosse uma carte de despedida, ainda tínhamos esperança. O Alexey que estava com a gente poucas horas antes, a gente não conseguia conceber que ele se mataria, mas o fez. O local da morte, aquele parque, era o lugar que nosso avô nos levava para brincar, pois ficava sentado no banco, lendo suas poesias, assistindo a gente distante, correndo pelas árvores ou brincando no lago, tacando pedrinhas, as vendo quicar. Ele adorava quando as pedras quicavam no lago. Quando Wagner chegou para o funeral, não era diferente do homem que via todo ano para limpar o túmulo de sua esposa! Seus olhos nem mesmo

estavam marejados, seus semblante era frio, agiu friamente. Ninguém conseguiu entender, a maioria pensava que era a maneira dele reagir a morte do filho, mas não era, eu o conhecia melhor do que qualquer um, muito mais do que sua própria irmã, minha mãe — nesse momento Violette expressou rancor. Eu o confrontei furiosa, dizendo que era tudo culpa dele, dizendo que era um pai de merda, não merecia o filho que tinha e entreguei a carta provando tudo o que eu disse. Ele pegou a carta e colocou no bolso, dizendo de maneira fria e direta: *"O mundo dos adultos é muito mais complexo do que você possa imaginar"*. A afirmação dele não estava errada, era a sua justificava e era válida, pois era dele, mas eu não podia concordar.

Violette, deixa a segunda carta sobre a mesa, carta com algumas gotas marrons sobre ela. Enfia a mão no bolso e tira um porta cigarros e um isqueiro.

— Quero pedir perdão. Sei que hoje em dia é deselegante uma mulher fumar, mas na minha época era normal.

— Sem problemas.

Violette dá uma tragada no cigarro e joga a fumaça para cima, olhando para cima, como se estivesse olhando por através do teto do gazebo.

— Meus pais, é claro, tiraram-me do enterro, todos olharam para nós e criaram vários julgamentos. Duas semanas depois, vivendo agora com meus pais. Eu podia ter morado com eles antes, a carreira deles estava mais tranquila, minha mãe não tinha mais vontade de viajar e as viagens de trabalho do meu pai era as mais essências, mas eu queria ficar junto do meu primo e dos meus avós. Tive que voltar para casa dos meus avós para pegar algumas coisas, entrando, sentimos um cheiro terrível que levava ao escritório do meu avô e lá encontramos meu tio morto na cadeira; se deu um tiro na boca, o chão inteiro estava com sangue velho. Ninguém entendeu a morte dele, depois, eu e minha mãe voltando para limpar o escritório, encontramos uma carta, essa carta, cheia de gotas de sangue, leia.

Lívia estava com a mente entorpecida, não conseguia pensar, somente ouvir, agora com a ordem de Violette, obedecer:

"Irei até ti, serei o pai que você deseja, e caso não o encontre, espero que em outra vida, eu tenha a oportunidade de ter você como meu filho novamente.

Do seu pai que te ama, Wagner."

— Eu não acreditei nessa carta, mas ele se matou após escrevê-la...! Dias depois o advogado da família nos chamou, já chamaram meus pais pelos bens dos meus avós

que foram toda para minha mãe, tio e para alguns primos, agora era sobre os bens do meu tio. O estranho era que me chamaram e que minha presença era obrigatória. Meu tio me deixou tudo e escreveu uma carta para mim, essa não tenho comigo, mas lembro até hoje, pois era apenas uma frase: *"Obrigado por chorar as lágrimas que eu nunca fui capaz de chorar"*.

Violette continuou fumando, agora está mais calma. Vendo Lívia totalmente absorta com toda essa história, pergunta como ela está.

— Eu não sei o que achar... ou sentir. Isso tudo para mim são coisas de outro mundo — respondeu com sinceridade.

— Sim, uma menina ouvir uma história na qual existe tantos finais infelizes deve ser bem confuso, não tem como reagir. Mas falando de outro mundo, tenho que contar o dia que encontrei Alexey naquele parque.

— Sim — Concordou Lívia sem saber mais o que dizer.

— Desde o dia que ele morreu naquele lugar, nunca tive coragem de pisar lá novamente, mas a vida faz nos esquecer antigas repulsas. Meu relacionamento com meu marido estava terrível, mãe do meu terceiro filho, o pior de todos — disse divertida. Chorava por tudo, não sabia mais o que fazer e decidi passear com ele de carro, assim talvez o

acalmasse, não vou negar, minha vontade era pegar o carro e tacar no poste — esse momento Lívia riu e Violette acompanhou. Vi o parque, lembrei das memórias boas, não do acontecimento terrível, decidi parar e ir visitar com meu diabinho. Sentei-me no banco derrotada, ele não parava de chorar, olhando para o céu com os olhos fechados, ele de repente parou de chorar. Achei que meus pedidos foram ouvidos e ao abrir, lá estava ele, Alexey, tocando no nariz do meu diabinho. Fiquei em choque, achei que estava alucinando, fiquei paralisada. Ele disse: *"Jamais imaginei você como mãe!"*. Perguntei se ele era real, ele respondeu que sim, questionei como era possível, ele respondeu que a ciência é limitada a existência, o desconhecido não. Ele respondendo de tal maneira, não era algo dele, então perguntei coisas pessoas. Alexey respondeu todas as minhas perguntas até um ponto de falar: *"Nossa, depois de tanto tempo nos reencontramos e vai ficar enchendo meu saco com esse tipo de pergunta? Não é atoa que seu filho não para de chorar."*

— Eu não o imagino falando assim, comigo é diferente — Lívia acha interessante esse contraste.

— Bem, tenho que admitir, estava sendo um pé no saco mesmo — as duas riem. Eu decidi ignorar a racionalidade e ficamos conversando, perguntei como ele estava, essas coisas, tudo normal. Meu diabinho sempre se acalmava com ele e fiquei o visitando, pois ele disse, caso precisasse,

ele estaria lá e sempre esteve. Mas quando não era preciso, tudo estava certo e queria estar ao lado dele, lá ele não estava...! as coisas foram se ajeitando e no fim, acreditei que era coisa da minha cabeça, tinha até me esquecido. Mas quando minha sobrinha veio me falar de ti, falando dele, pensei em ignorar, mas antes de dormir lembrei e decidi te dar a chance de te ouvir. Agora é sua vez, já disse tudo, não tem mais nada.

Lívia respirou fundo e começou a contar sua relação com Alfonse, sem mentiras, omissões, simplesmente tudo, chegando até o motivo de a fazer chegar até ela para tentar conseguir alguma coisa para ajudá-lo.

— Sei que pode parecer loucura.

— Não é minha querida. Deuses, deuses que nunca achamos que poderiam ser reais existem!

— O que temos que fazer Violette, o que podemos fazer para ajudar Alfonse? — questionou Lívia sem ter encontrado a resposta, apenas conhecido a história de seu amado aprisionado.

— Não sei! — disse Viollete sorrindo para Lívia, um sorriso que Lívia não conseguiu entender. A resposta é você, seus sonhos, sua ligação com ele que não tenho. Eu fico até

aliviada que eu não esteja na sua situação para ser sincera, estaria desesperada agora.

Lívia ficou olhando para o chão. O clima está fresco, o sol está se pondo, ficaram horas conversando, horas que para Lívia pareceu minutos.

— Mas você não está só.

— Como assim, não estou só — questionou Lívia, ainda olhando para o chão.

— Um deus aprisionou Alexey, mas outro deus está tentando ajudá-lo. Jaci, não é? Estude as histórias que nos brasileiros aprendíamos quando ainda não existia Brasil, reconecte-se com suas raízes esquecidas, saiba o que sabíamos antes, mas nos foi negado. Ore, reza para os deuses, faça oferenda, entrega-te a eles... a ela! Não tem mais para onde você ir, agora resta apenas ela e mais ninguém.

Lívia ao ouvir as palavras de Violette, reanimou seu espírito e ergueu sua cabeça. Realmente, ela estava certa, não estava só, tinha alguém os conectando, querendo por meio dela, ajudar Alfonse. Agora precisava fazer tudo que Violette disse, ligar-se as suas raízes já esquecidas e encontrar uma resposta.

— Agora é um adeus, não é? — questionou tristemente Lívia.

— Sim — respondeu Violette com um sorriso e olhar doce. Mas antes, quero te dar isso — Violette tira do seu bolso uma chave e coloca na mesa. Visite a casa na qual eu e Alexey fomos criados. Talvez lá, de alguma forma, você consiga encontrar alguma coisa. Algo no quarto do Alexey, pode te ajudar a alcançá-lo. Nada foi tocado, nada foi mudado, só mantido e preservado.

— Obrigado Sra. Violette...!

Lívia se levantou e foi até o mordomo que a levou até seu pai que a primeira coisa que perguntou era se estava bem. Lívia o tranquilizou e foram para casa. Dentro do carro ele perguntou o que falaram por tantas horas, disse que era sigiloso e que cabia somente as duas; seu pai olhou de soslaio, não gostando nada. Estava fazendo o mesmo que fazia com sua esposa, mas no fim, sorriu. Chegando em casa, teve que ouvir as mesmas perguntas e deu as mesmas respostas.

— Não olhe para mim, não sei de nada.

— Você não sabe de nada? — questionou desacreditada.

— Bem, assuntos de nossa filha, temos que aceitar por mais que não concordemos. Mas não é nada que irá prejudicar seu bem físico, isso te garanto. A paciência é uma virtude que nós devemos fomentar.

Clara não gostou nada da resposta, mas não podia discordar, Otto estava certo.

Lívia chegou em casa, queria deitar-se, mas se sentia suja, decidiu tomar um banho. Ficou longos minutos com seu rosto erguido sendo bainhada pela água, depois apoio sua testa na parede e suspirou. Conseguiu algo e nada ao mesmo tempo, agora era ela, Alfonse e os deuses.

— Deuses...! — suspirou Lívia.

Não conseguia pensar em nada, estava cansada, queria dormir, apenas isso. Depois de se secar, escovar seus dentes, não almoçou, se deitou e dormiu. Lívia teve uma excelente noite de sono. O dia anterior foi exaustivo, tantas informações ao mesmo tempo, tendo que assimilar tudo e no meio disso, tentar de alguma forma, conseguir tirar algo que poderia ajudá-la na situação que estava passando..., ambos! Acordou bem, normal, por breves segundos, esqueceu de tudo, como se o que estivesse vivendo, não existisse, mas ao fim, ao abrir os olhos e ficar olhando para teto, veio tudo a sua mente. Tinha que continuar sua busca

de libertação de Alfonse, mas antes, teria que tomar seu café da manhã.

Por algum motivo não conseguiu comer direito, tinha fome, mas ao morder o pão francês com queijo prato e presunto, perdeu a fome. Apesar de perda a fome de maneira repentina, decidiu comer tudo para não preocupar sua mãe, após isso, disse que iria voltar a sua pesquisa no quarto. Queria visitar a casa de Alfonse, entretanto, precisava estudar os deuses, saber mais sobre eles e como conseguir ajuda de Jaci, a deusa da lua que estava a ajudando. Pesquisando na internet, conseguiu algumas informações interessantes, mas nada que poderia ajudá-la. Entre as pesquisas encontrou um texto interessante indicando que Jaci era apaixonada por Guaraci, o deus do sol e que eles se encontravam em uma noite de eclipse.

— Será que nesse momento de eclipse eu posso fazer algo...?

Colocou sua cabeça deitada na mesa de cabeceira, fechou os olhos e adormeceu, aparecendo no parque, mas não estava de noite, estava de dia. E diferente de antes, tinha o pleno controle sobre seu corpo e o livre arbítrio de ir na direção que bem desejar.

— O que eu faço?

Disse esperando uma resposta, estava assustada, igual a antes, mas agora poderia correr de tudo. Duas meninas, deviam ter seus dez anos, corriam pelas árvores, sentiu-se aliviada.

— Ei, vocês duas!

Gritou para as meninas, mas elas não ouviram. Gritou novamente quando uma agarrou a outra fazendo traquinagem, não ouviram. Correu até elas e ao tocar um de seus ombros, a mão dela atravessou, deixando Lívia aterrorizada.

— Burra, você está no mundo dos espíritos — disse o pequeno espírito que sempre *apirrazava* Alfonse, em cima de um galho, tacando pedrinhs na cabeça dele.

Lívia sentiu a pedra, olhou para cima desacreditada.

— Onde estou? — perguntou desesperada e recebeu outra pedrada na cabeça.

— Burra, você não me ouviu? Por isso *Inhanga boia* está preso — disse pulando entre os galhos saindo lágrimas de seus olhos.

— Acalma-se, você está no mundo dos espíritos — disse o lobo-guará muito elegantemente, aparecendo por trás de Lívia.

Lívia ou se virar se encheu de terror, implorou para que não a fizesse mal.

— Não tema, não lhe farei nenhum mal — acalmou-a. Estou aqui para te guiar para a libertação do nosso *Inhanga boia!*

— Quem é esse? — Questionou, dando passos para trás precavida até esbarrar em algo, ao se virar, viu outro espírito com seu companheiro ao lado, os dois sorriram e cumprimentaram-na, fazendo ela gritar.

O espírito tinha a forma de um boi, enquanto outro, era parecido com um humano, mas não tinha nariz, só duas linhas retas, como também não tinha olhos, era como se fosse um ciclope, mas o que mais chamava atenção era o chifre no meio de sua cabeça apontado para o céu.

— Por que ela gritou? — perguntou o espírito de apenas um olho.

— Talvez esteja com fome — respondeu o espírito touro.

Os dois se olharam, chegaram os olhos e balançaram a cabeça, como se fosse esse o problema.

— Jesus Cristo, o que é isso!

Caindo no chão de costas com as mãos apoiando na grama, olhando ao redor, viu seres que nunca imaginou existir. Sua mente estava explodindo, fazendo-a abraçar seus joelhos e esconder seu rosto, esperando que tudo desaparece-se.

O espírito do lobo, vendo a situação, pediu a todos para irem embora, deixando apenas os dois sozinhos. Aproximou-se lentamente dela, seus passos suaves podiam ser ouvidos claramente por Lívia que estava no escuro, deixando sua audição mais clara do que nunca.

— Minha querida, não tema, você está em um plano diferente no qual já esteve presente, mas não totalmente consciente. Agora, se você ama o nosso Alfonse, erga sua cabeça e não tema, queremos ajudá-lo tanto quanto você — disse docemente.

A voz gentil e carinhosa do espírito que antes deixou Lívia aterrorizada, agora, estava a acalmando. Decidiu se levantar cuidadosamente.

— Estou com medo.

— Qualquer um estaria na sua situação. Você sabe que Alfonse foi aprisionado por Inhangá correto?

— Sim.

— Você quer libertá-lo, não é?

— Sim.

Cada pergunta direta e cada resposta direta que dava, deixava Lívia ainda mais calma e centrada na situação.

— Jaci deu-me uma ordem, ordem na qual eu devo guiá-la para tal objetivo. Os deuses não estão aquém do sofrimento de ambos, eles querem ajudá-los, mas precisa de você, pois inhangá está mais presente nesta terra do que qualquer outro, por isso, precisam de seu auxílio!

— O que tenho que fazer?

Lívia agora está mais calma, fazendo ela prestar atenção analítica na situação, mas não conseguindo deixar de observar o lobo na sua frente; sua pelugem que balança com qualquer pequena brisa, além de seu andar extremamente elegante.

— Jaci e Guaraci, o deus do sol, terá um eclipse...

— Eu pesquisei sobre isso, mas só ano que vem — interrompe Lívia.

— Ano que vem no seu plano, o nosso acontece de maneira diferentes. Uma vez a cada três meses, Jaci e Guaraci, se unem pelo seu grande amor que um sente pelo outro, fazendo os espíritos festejaram o amor de ambos. Festejar a alegria de sua existência na qual jamais poderiam viver separados, mas infelizmente, vivem. Fazendo-nos jamais esquecer o poder do amor e da união. O destino não consegue separar algo que deve ser unido.

— O que tenho que fazer?

— Siga-me, irei te levar até Alfonse — isso fez Lívia abrir seus olhos e expandir seus ouvidos, seguindo-o.

Lívia olhou para frente e vê Alfonse, acorrentado de joelhos com a cabeça baixa.

— ALFONSE!! — gritou Lívia.

Correu até ele ignorando o espírito e se ajoelhando na sua frente, o abraçando, fazendo o erguer a cabeça,

— Estou aqui, estou aqui!

Alfonse começou a chorar, mas as lágrimas não saiam por Inhangá ter as selado, não conseguia falar, murmurava sons que não podiam ser decifrados.

— Não se preocupe, irei te ajudar, irei te tirar daqui!

Lívia viu o papel retangular com escrita na sua boca, tentou tirar, pois Alfonse tentava desesperadamente falar, mas não conseguia. Parecia ser a própria pele de Alfonse, não um papel.

— Criança, este é um feitiço que você não irá conseguir remover.

— O que tenho que fazer? — perguntou desesperada Lívia.

— Alfonse não pertence mais ao seu mundo e para liberta-lo do fado que foi imposto, você tem que trazer algo dele que está no seu mundo, algo precioso.

— O que séria isso!?

— Toque na testa dele, Jaci irá te mostrar.

Lívia tocou na testa de Alfonse com seu dedo e acordou.

Para Sempre Te Amarei

Lívia ao acordar sabia o que tinha que fazer. Viu pela mente de Alfonse, a casa na qual ele foi criado e uma gaveta que não mostrou o que tinha dentro. Era dez horas da manhã, pegou a chave que a Sra. Violette tinha lhe entregado, juntamente do papel com endereço e saiu. Sua mãe estava lavando roupa, decidiu ir sem avisar, ela pediria várias explicações, o que Lívia não estava disposta a dar agora, Alfonse não podia esperar.

Saindo de casa foi até o ponto de táxi, pagando um taxista para leva-la até a casa de infância de Alfonse. Chegando lá, viu a grama por fazer, estava crescida uns quatro milímetros, mas dava para ver claramente que faziam manutenção na casa. Abriu o portão que não estava trancado e subiu as escadas. Tentou abrir a porta e não conseguiu, destrancou com a chave e pode entrar. Podia-se ver claramente que naquela casa não vivia alguém já fazia décadas, apesar de estar impecável. Lívia sentia um sentimento de abandono. Queria investigar cada canto daquele lugar, lugar que seu amado morava, mas não podia, a visão que teve ao tocar na testa de Alfonse a levou ao segundo andar e para lá iria. Subiu as escadas lentamente,

ouvia o ranger da madeira, perguntou-se se era assim na época dele. Não tinha dúvida, a terceira porta do lado direito!

Abriu a porta, estava no quarto de Alfonse. Foi até a escrivaninha e abriu a gaveta e lá tinha apenas uma foto dele bebê: seu pai com uniforme de oficial, sua mãe e seus avós. Pegou a foto e sabia o que tinha que fazer em seguida, apesar de não terem dito, sua intuição era forte demais. À noite, Jaci e Guaraci, no plano dos espíritos, iriam aparecer e deveria levar isso com ela. Levar do plano dela até o dele, mas precisaria estar lá pessoalmente, pois tinha que tirá-lo de lá e trazer para perto dela.

Conseguiu o que queria, agora sua mente estava tranquila, podia ir embora, mas queria ficar. Sentou-se na cama de Alfonse, não lembra do seu cheiro, *"ele tinha algum cheiro?"* questionou-se. Pegou seu travesseiro e colocou perto do seu rosto*, "será que esse era o cheiro dele?"*, deitou-se na cama, macia e confortável *"ele sentia a mesma sensação agradável de que estou sentido?"*. Um pensamento no escuro de sua mente quis vir a luz, mas não deixa, não quer pensar nisso. Levantou-se e foi no banheiro, se viu no mesmo espelho que ele devia se olhar todo o dia, sentou-se na privada que ele devia se sentar na hora de fazer suas necessidades. Abriu a gaveta e viu uma escova de dentes de madeira antiga, *"essa deve ser a escova dele"*, também viu um pente fino de madeira muito elegante, *"era*

com isto que ele penteava o cabelo”. Queria ir em outros lugares da casa, mas pensaria nele em cada cômodo, em cada pedaço da casa, isso estava a deixando melancólica, não queria ficar triste e decidiu ir embora.

Saiu da casa, a trancou com o maior cuidado, carregando a foto no bolso como fosse a coisa mais precioso de sua vida. Ficou perambulando o dia na cidade, visitando as praças que aparecia, vislumbrando o céu azul, o vento sobre sua pele, o mormaço até chegar à noite, noite que findaria tudo isso, chegaria ao fim de tudo isso.

É onze e pouca da noite, está nos portões do parque dourado, pulou da mesma maneira da primeira vez. Agora, de maneira mais hábil, caindo de pé. Só que nem tudo saiu como inesperado, o Sr. Alves a viu e foi até ela.

— Deixe-me explicar!

— Você irá se explicar com a polícia agora Lívia — disse irritado.

Lívia não perderia essa oportunidade, correu do senhor Alves, indo para as árvores de ipê-amarelo, deixando o para trás; pelo grande peso dele, não conseguia alcançar ela facilmente. Sabe onde, exatamente onde, Alfonse está, Jaci está a guiando até ele. O vê de longe e vai até sua direção correndo ainda mais rápido, quase tropeçando em uma raiz

de árvore, mas voltando a se equilibrar. Ajoelha-se na frente dele, puxou a foto e colocou em sua testa, Jaci estava guiando todas as sus ações agora. Neste momento, vários espíritos estavam ao redor, até mesmo o dragão em outra forma, forma totalmente humana: cabelos prateados e olhos de esmeralda. Palavras viam a sua mente e decidi recitar com as testas grudadas com a foto no meio:

Jaci e Guaraci, deuses dos amantes, entrego a vocês o registro que de inhangá boia fora humano e deve seguir o ciclo de renascimento, pois toda penitência que ele cabia pagar, devotando décadas de sua vida ao sofrimento humano, pagou e agora tem que continuar seu ciclo.

Ao terminar de recitar a foto desapareceu como pequenas estrelinhas indo para o céu, fazendo ela desencostar da testa de Alfonse, vendo seus olhos azuis e sorriso. Mas não tinha terminado, seres surgiam das sobre das árvores, os rodeando: usavam um macacão largo e negro com penas coloridas nas bordas, máscaras que mudavam de forma, uma mais assustadora que a outra. Eles tem uma bola que está ligada a um pau por meio de uma linha. Dançavam ao redor deles, depois pulavam em uníssimo e faziam a bola bater no chão criando um tremor. Agora, tudo está negro, somente o eclipse os iluminava, o vermelho estava em todo lugar.

— Alfonse, o que está acontecendo? — perguntou assustada, enquanto os espíritos alguns espíritos choram.

— Estão quebrando a maldição Lívia, estão quebrando o fado que eu estava condenado há décadas — disse calmo e feliz.

Doze batidas de bolas no chão que tremia a terra, não assustava os espíritos, mas sim, os humanos. Para quebrar esse feitiço, nesta noite, tinham que ligar os dois mundos. O Sr. Alves a cada batida no chão caia, via espíritos achando que estava enlouquecido. Agarrou-se numa árvore e fechou os olhos, rezando para Deus o proteger.

— Nosso inhanga boia está indo embora — disse o espírito que sempre tacava pedrinhas na cabeça de Alfonse, segurando na orelha do lobo-gurá.

— Sim, está indo — Disse o lobo-guará.

— Uma dia que nem os milénios poderão apagar — disse o dragão.

— Lívia, obrigado, agora estou livre! — disse Alfonse se desfazendo em pétalas amarelas lentamente indo para o céu.

Sr. Alves apareceu, não viu os espíritos, mas viu Alfonse, viu o mesmo adolescente enforcada, visão que o aterrorizou durante toda vida, usando uma roupa diferente, mas era ele.

— Desculpe Sr. Alves por profanar esse lugar que durando décadas, você cuidou de maneira tão diligente! Não foi sua culpa, não precisa mais carregá-la!

Sr. Alves estava atônito, paralisado. Alfonse ergueu sua face para o céu e agradeceu Jaci e Guaraci e se desfez completamente em pétalas.

— Por favor, não me deixe Alfonse, preciso de você, preciso de você! — chorando tentando agarrá-lo, mas ele se desfez em pétalas, se afundando nelas.

Alfonse não ouviu e ao se desfazer nas últimas pétalas, Lívia pode vislumbrar uma visão: viu o pai de Alfonse com uma calça comum e um suéter, sua amada mãe em um belo vestido simples, seu avô e sua avó. Agora não estava mais como adolescente de décadas atrás, mas sim, na forma de criança, correndo até eles, indo os abraçar. Enquanto Alfonse sorria para seu renascimento, os espíritos choravam, Lívia chorava, senhor Alves sentia algo parecido como paz.

Epilogo

Semanas depois do ocorrido, sonhando, Lívia estava sentada em um banco no qual estava rodeado de ipês-amarelos e nele estava sentado Alfonse. Mas não era o Alfonse que conhecia, era um homem mais velho de cabelos grisalhos jogados para trás, rosto levemente enrugado e olhos azuis cheios de vida, olhando para ela é dizendo: *"sempre estarei contigo, pois nossas vidas estão ligadas através dos 27 mundos. Então, não deixe de viver, não deixe de amar, casar-se, ter filhos, pois inevitavelmente teremos tudo isso."* Acordando do sonho, acordando em paz, decidindo viver a complicada vida que todo ser-humano vive.

Lívia formou-se em jornalismo e decidiu estudar os deuses indígenas e os espíritos, descobrindo que havia pessoas que podiam vê-los, além disso, exorcizá-los, sendo apresentada a um novo mundo: mundo no qual existia xamãs, exorcistas e todo tipo de mistério.

Violette de Andrada na mesma noite faleceu enquanto dormia. Sua família vendeu a casa que ela preservará com

tanto esmero e foi destruída, abrindo uma loja de conveniência.

Sr. Alves achou que tudo foi uma ilusão da sua mente, que não foi algo real, mas decidiu acreditar, pois tal coisa lhe deu alívio sobre uma situação que guardava em seu coração por tanto tempo.

O Sr. Alves, igual Lívia, semanas após o ocorrido, teve um sonho com Alfonse, mas dessa vez na forma jovem dele, dizendo: *"seu jeito bronco surgiu do que eu fiz, querendo proteger as pessoas, não querendo deixar elas fazerem o eu fiz, achando que assim as deixaria mais forte. Por mais que eu tenha lhe dito naquela noite que não foi sua culpa e isso tenha entrado em sua mente, reforço novamente aqui contigo. Você tem mais três anos de vida, seja o pai que você queria ser para os seus filhos, não tão regido; seja o avô que você deseja para os seus netos, mesmo que eles não desejem que você se aproxime deles. Ame-os todos, como você sempre queria amar".*

Senhor Alves acordou, mas achou que foi apenas um sonho, queria fazer o que Alfonse lhe orientou, mas não conseguiu. Morreu três anos depois. A única que foi no seu funeral além da família foi Lívia, também, a única que chorou.

Autor

Por ter chegado até aqui, você não sabe o quão grato sou. Perdoe-me pelos erros de gramática, não domíno o nosso idioma o tanto quanto gostaria, também a vida de um adulto não é nada fácil. Trabalho, afazeres domésticos e futuro são coisas que tomam demasiado tempo.

Foi um grande prazer escrever a belissíma história de Lívia e Alfonse. O final deixa em aberto um mundo fantástico que crie na minha mente, mundo que desejo compartilhar com vocês, mas pelas adversidades da vida, não acredito que será possível, e caso seja, saiba, foi um milagre.

Quando cheguei no final do livro, crie a certeza em mim de compartilhá-lo de maneira gratuira na internet. Duas pessoas próximas a mim queriam que eu cobrase, mas eu escrevi essa história para que as pessoas lessem e, se possível, se emocionassem de alguma forma.

O mais interessante que meu amigo de infância, Victor Hugo, recomendou eu vender por 3 reais, usando o arguento: *"Se vender 300 mil cópias, você terá trezentos mil reais na conta"*. Quando o questionei da taxa da plataforma, bem-humarado, respondeu-me: "*Aí é o capitalismo"*.

Eu descartei a ideia imediatamente, mas depois me veio uma ideia. Por estar gratuitamente na internet e eu compartilhar em diversas plataformas, jamais poderei saber exatamente quantos lerem, mas eu quero saber quantos chegaram ao final da minha história. Por isso, no final, irei colocar minha chave pix de uma conta bancária que não uso. Peço a você, se esse livro foi bom o bastante, doe-me um real! Apenas um real, nada mais. Assim, poderei saber quantos chegaram até o final da minha histór i e, mais ainda, quantos lerem minhas últimas palavras escritas neste livro.

Não gosto de usar muito redes sociais, tentei, mas acredito que sou um fracassado nisso. Então, uma forma de você saber dos meus futuros trabalhos, caso eles venham a existir, será pela minha conta no Threads (@lucaspinto1998).

Obrigado!

dc354cfc-9893-4844-b2e5-b55bee925ee9